



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS DE ERECHIM

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

ALINE NADAL

**OS ESTUDANTES COMO AGENTES PARTICIPATIVOS NA ORGANIZAÇÃO DOS
ESPAÇOS FÍSICOS DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

ERECHIM 2019

ALINE NADAL

**OS ESTUDANTES COMO AGENTES PARTICIPATIVOS NA ORGANIZAÇÃO DOS
ESPAÇOS FÍSICOS DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Dissertação final apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Silvia Cristofoli.

ERECHIM 2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Nadal, Aline

OS ESTUDANTES COMO AGENTES PARTICIPATIVOS NA ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS FÍSICOS DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO BÁSICA / Aline Nadal. -- 2019.

122 f.

Orientador: Doutora Maria Silvia Cristofoli.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação-PPGPE, Erechim, RS, 2019.

1. Espaço físico Escolar. 2. Participação dos jovens . 3. Educação Básica . I. Cristofoli, Maria Silvia, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

ALINE NADAL

**OS ESTUDANTES COMO AGENTES PARTICIPATIVOS NA ORGANIZAÇÃO DOS
ESPAÇOS FÍSICOS DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de conclusão do Programa de Pós-Graduação apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Silvia Cristofoli.

Este trabalho para obtenção do título de Mestre foi defendido e aprovado pela banca em:

___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Maria Silvia Cristofoli - UFFS

Profa. Dra. Ivone Mendes Silva -UFFS

Profa. Dra. Nauíra Zanin - UFFS

À minha família e amigos,
pela compreensão.

AGRADECIMENTOS

Realizar o sonho de cursar um mestrado e me tornar mestra, com certeza foi desafiante, mas ao mesmo tempo gratificante, pois consegui conquistar algo que sempre busquei me dedicar, que é a pesquisa. O ato de investigar sobre temas ligados ao viés da educação proporciona que tenhamos um olhar cuidadoso na busca por entender como os sujeitos que fazem parte deste universo pensam e se posicionam em relação ao campo da educação.

Agradeço a todos que contribuíram para minha formação neste curso, professores e colegas que, de forma direta e indireta, proporcionaram que eu me tornasse uma pessoa e uma educadora melhor.

Também agradeço meus amigos que compreenderam as razões de minhas horas de afastamento, à escola em que o trabalho foi desenvolvido, meus colegas pela participação da pesquisa e meus alunos, dos quais tenho um orgulho imenso e sem eles nada disso estaria acontecendo. Por fim, à minha orientadora, a qual foi imprescindível no processo de construção de minha autonomia como pesquisadora, bem como pelos momentos de orientação que nortearam esta pesquisa.

Enfim, a Deus e a todos que contribuíram de diferentes formas, agradeço por tudo e afirmo o quão gratificante foi ter participado e ter feito parte da história do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, RS.

“Se você fala a um homem numa língua que ele compreende, isso vai para a sua cabeça. Se lhe fala na língua dele, isso vai ao seu coração”.

Nelson Mandela

RESUMO

O espaço físico e a forma como o mesmo está organizado diz muito sobre o que se espera da escola, a qual, por muito tempo, sofreu e sofre interferência do avanço e das mudanças nas relações sociais. O objetivo desta pesquisa consistiu em conhecer e compreender a possibilidade da participação de jovens estudantes da Educação Básica na organização dos espaços físicos da escola onde estudam. Na busca pela resposta ao problema e para o alcance dos objetivos contou-se com o desenvolvimento de uma metodologia qualitativa, a qual foi constituída de quatro momentos, sendo que em um primeiro momento buscou-se olhar para os espaços físicos de uma escola da rede particular de ensino de Erechim, RS, realizando uma descrição da forma como eles estão organizados. O segundo momento contou com uma entrevista com os coordenadores pedagógicos e com a aplicação de um questionário para os professores do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio, sendo que a intenção era identificar e compreender qual a posição destes sujeitos em relação à organização dos espaços físicos da escola e à participação dos estudantes neste processo. Ainda, no terceiro momento, aconteceu a intervenção com os alunos, a qual contribuiu para o entendimento sobre do que eles pensam a respeito dos espaços físicos da escola em que estão inseridos, bem como para perceber qual seu posicionamento em relação a sua participação na organização dos ambientes nesta instituição de ensino. O quarto e último momento referiu-se à construção de uma proposta de organização de uma sala de aula, sendo que os estudantes pensaram e descreveram os diferentes objetos que gostariam que estivessem presentes neste local, bem como sua disposição, sempre levando em consideração o seu processo de aprendizagem, sua confortabilidade, entre outros, tendo um olhar no sentido de um uso melhor para este espaço, apontando elementos que contribuem para uma sala mais aconchegante, confortável e instigante. Neste sentido, os resultados da pesquisa trouxeram uma percepção interessante em relação ao tema, pois percebeu-se que pensar a organização dos diferentes ambientes físicos da instituição, e, ainda, proporcionar aos jovens este desafio, faz parte da construção de sua autonomia, a qual tende a acontecer por meio da abertura para espaços de diálogos e de escuta. Sendo assim, destacou-se que a instituição precisaria destinar um olhar mais atento a isso, pois os jovens sentem essa necessidade de falar e de serem escutados, sendo este um caminho para que eles possam cada vez mais auxiliar na organização dos espaços da escola, contribuindo não somente para reconhecimento de seu protagonismo, mas também tornando-os mais pertencentes à instituição de ensino em que estão inseridos.

Palavras-chave: Espaço físico Escolar. Participação dos jovens. Educação Básica

ABSTRACT

The physical space and how it is organized says a lot about what is expected from the school, which for a long time has long suffered and is interfered by the progress and changes in social relations. The objective of this research was to know and understand the possibility of participation of students of Basic Education in the organization of physical spaces of the school. In the quest for the answer of the problem and for the achievement of the objectives, it was counted on the development of a qualitative methodology, which was divided in four moments, and in the first moment, it was sought to look at the physical spaces of the school in that the work was developed by performing a description of how they are organized. The second moment included an interview with the pedagogical coordinators and the application of a questionnaire for elementary school, years of primary school and high school teachers, and the intention was to identify and understand the position of these subjects in relation to the spaces, school physicists and students participation in this process. Still, in the third moment there was an intervention with the students, which contributed to the understanding of what they think regarding the physical spaces of the school in which they are inserted, as well as to perceive their position in relation to their participation in the organization of the environments in the educational institution. The fourth and last moment referred to the construction of a proposal for the organization of a classroom, and the students thought and described about the different objects they would like to be present in this place, as well as their disposition, always taking into consideration, its learning process, its comfortability, among others, taking a look at a better use for this space, pointing out elements that contribute to a more cozy, comfortable and exciting classroom. In this sense, the research results brought an interesting perception regarding this theme, because it was noticed that thinking about the organization of the different physical environments of the institution and also providing the young people with this challenge, is part of the construction of their autonomy, which tends to happen by opening up spaces for dialogue and listening. Thus, it was emphasized that the institution would need to take a closer look at this, because young people feel taht they need to talk and to be listened to, which is a way for them to be able to increasingly help in the organization of school spaces, contributing not only to the recognition of their protagonism, but also making them more belonging to the educational institution to which they are inserted.

Keywords: Physical participation, Youth participation, Basic Education

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1- <Sala de aula Educação Infantil>.....	60
Fotografia 2- <Sala de aula Educação Infantil>	60
Fotografia 3- <Corredores na área da Educação Infantil>.....	61
Fotografia 4- <Corredor na área da Educação Infantil>.....	61
Fotografia 5- <Corredor na área do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio>.....	62
Fotografia 6- <Corredor na área do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio>.....	63
Fotografia 7- <Corredor na área do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio>.....	63
Fotografia 8- <Novos brinquedos no parque da Educação Infantil>.....	64
Fotografia 9- <Estúdio de aprendizagem>.....	64
Fotografia 10- <Interior do estúdio de aprendizagem>.....	65
Fotografia 11- <Desenho do Parque Infantil>.....	90
Fotografia 12- <Desenho do Ginásio>.....	90
Fotografia 13- <Desenho da Biblioteca>.....	90
Fotografia 14- <Desenho da sala de aula>.....	90
Fotografia 15- <Desenho da sala da PJM>.....	91
Fotografia 16- <Desenho da sala antiga do EM>.....	91
Fotografia 17- <Desenho do espaço da direção>.....	92
Fotografia 18- <Desenho do campo de futebol>.....	92
Fotografia 19- <Desenho da sala da coordenação de turno>.....	92
Fotografia 20- <Desenho do campo de futebol>.....	93
Fotografia 21- <Desenho da sala da direção>.....	93

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- <Praça central escola em Reggio Emilia>.....	28
Imagem 2- <Sala de aula escola em Reggio Emilia>.....	29
Imagem 3- <Ateliê escola em Reggio Emilia>.....	29
Imagem 4- <Projeto arquitetônico da sala de aula pensada pelos estudantes>.....	100
Imagem 5- <Projeto arquitetônico da sala de aula pensada pelos estudantes>.....	101
Imagem 6- <Projeto arquitetônico da sala de aula pensada pelos estudantes>.....	101
Imagem 7- <Projeto arquitetônico da sala de aula pensada pelos estudantes>.....	102

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- <Tempo de atuação na docência>.....	82
Gráfico 2- <Tempo de atuação no Colégio Marista Medianeira>.....	83
Gráfico 3- <Percepção em relação aos espaços físicos da escola>.....	83
Gráfico 4- <Espaço físico da escola está de acordo com as necessidades dos alunos>.....	84
Gráfico 5- <Percepção em relação a participação dos estudantes na organização dos espaços da escola>.....	85
Gráfico 6- <Contribuição dos estudantes na organização dos espaços da escola>.....	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES. - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior

IBICT. - Instituto Brasileiro de Informação e Ciência e Tecnologia

PJM. - Pastoral da Juventude Marista

RS. – Rio Grande do Sul

SCIELO. - Scientific Electronic Library Online

TIC. - Tecnologia da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 ESPAÇO ESCOLAR	20
1.2 PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES	23
2 REFERENCIAL TEÓRICO	26
2.1 ABORDAGEM EDUCACIONAL DE REGGIO EMILIA: BREVE HISTÓRIA E CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR O ESPAÇO ESCOLAR.....	26
2.2 ESPAÇO ESCOLAR: APONTAMENTOS E PERCEPÇÕES	32
2.3 PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NO AMBIENTE ESCOLAR.....	38
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	45
3.1 RELAÇÃO CONHECIMENTO/ PESQUISA	45
3.1.1 Construção da Metodologia.....	48
3.2 PRODUTO FINAL.....	55
4. CONHECENDO A ÁREA DE ESTUDO	56
4.1 ANÁLISE DO AMBIENTE DE PESQUISA: BREVE RETOMADA HISTÓRICA .	56
4.1.1 Descrição dos espaços atuais do ambiente de pesquisa.....	59
4.2 O QUE DIZ O PROJETO EDUCATIVO SOBRE OS ESPAÇOS?.....	65
5 UM OLHAR DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E DOS PROFESSORES ACERCA DOS ESPAÇOS E PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS.....	74
5.1 COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: COMO PERCEBE OS ESPAÇOS E A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NA ESCOLA?	74
5.2 PROFESSORES E SUAS CONTRIBUIÇÕES EM RELAÇÃO AO ESPAÇO E À PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS	82
6 PARTILHA E CONSTRUÇÕES DOS ESTUDANTES AO PENSAR A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS FÍSICOS DA ESCOLA.....	89
6.1 PARTILHA DOS ESTUDANTES SOBRE OS ESPAÇOS E SUA PARTICIPAÇÃO	89
6.2 MELHORIAS PARA OS ESPAÇOS PROPOSTOS PELOS ESTUDANTES.....	99
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	107
APÊNDICE A- Roteiro de entrevista para o coordenador pedagógico.....	112
APÊNDICE B- Questionário aplicado aos professores do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio.....	113
APÊNDICE C- Roteiro de questões norteadoras para a intervenção com os estudantes	115
APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	116

APÊNDICE E- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais e responsáveis	118
APÊNDICE F- Termo de Assentimento para Participantes da pesquisa menores de idade..	120
APÊNDICE G- Termo de Consentimento para uso de voz.....	122

1 INTRODUÇÃO

No âmbito da educação, a instituição escolar tem um papel de destaque em meio à sociedade, sendo sua estrutura, sua composição e sua localização importantes campos de discussões, que mostram muito sobre o papel que a escola desenvolveu e vem desenvolvendo na atualidade. Também, sua forma de organização proporciona compreender as diferentes dinâmicas que estão entrelaçadas, buscando olhar para a escola como um lugar de possibilidades e de interações e que possui um grande impacto na vida dos estudantes.

O espaço escolar e a forma como esse está organizado diz muito sobre o que se espera da escola, a qual, por muito tempo, sofreu e sofre interferência do avanço e das mudanças nas relações sociais e tecnológicas, as quais estão presentes de forma significativa na estrutura física das instituições, bem como sua organização se mostra, em alguns casos, como um lugar que possui um olhar de dominação e poder, de uns em relação aos outros.

A organização dos espaços da escola não impacta somente na sua apresentação, mas nas relações que permeiam toda a sua estrutura. A disposição dos ambientes, associados à iluminação, à ventilação, aos sons, entre outros elementos, faz parte do desenvolvimento dos processos pedagógicos dos estudantes, pois um ambiente mais adequado poderá instigá-los cada vez mais, contribuindo para a construção do seu conhecimento.

Dentro do campo da Geografia, minha formação inicial, o espaço geográfico é o objeto deste estudo, o qual pode ser analisado a partir da divisão de algumas categorias, como paisagem, território, lugar e região, sendo que estes sofreram, ao longo do tempo, grandes mudanças, as quais impactaram na transformação do espaço geográfico, interferindo nos aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais que permeiam a sociedade.

Neste caso, pode-se fazer uma relação entre o espaço geográfico e o espaço da escola, sendo que esta faz parte do espaço geográfico. Desta forma fica evidente, dentro da instituição, os impactos das relações sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais na configuração de sua estrutura, bem como na disposição encontrada no seu interior, a qual apresenta uma forte presença da construção de um território e de suas territorialidades, como também de um lugar, o qual está permeado por sentimentos de vivências e experiências dos sujeitos inseridos nestes espaços e que interferem nas diferentes paisagens encontradas no interior e exterior das escolas.

Dentro desse universo, é relevante destacar que as experiências e vivências de cada sujeito acabam por construir e reconstruir diariamente o espaço escolar, conforme apontam Frago e Escolano (2001) os quais referem que a instituição de ensino revela muito mais do

que apenas uma estrutura material, ela faz parte das ações cotidianas da comunidade em que está inserida.

Desta forma, vale ressaltar que o aluno, sendo integrante do espaço físico da escola, suas ações acabam por configurá-lo, evidenciando-se a relevância deles pensarem esses espaços, através do seu protagonismo, da sua participação e do seu olhar em relação ao lugar em que está inserido, ou seja, a partir de oportunidades e espaços de diálogo oferecidos pela escola, ele poderá participar de decisões nos diferentes âmbitos, como, por exemplo, a organização do espaço escolar.

Ainda, destaco que desde o momento em que decidi seguir a docência, sempre considerei importante escutar o aluno, observá-lo e percebê-lo como parte integrante no processo de ensino e aprendizagem. A visão e a história do aluno é algo que está presente dentro do espaço escolar, sendo que isto acaba por configurar este espaço do aprender. Este olhar para com o aluno iniciou ainda na graduação, quando fui bolsista, por um ano, de um projeto de extensão em que desenvolvíamos, com alunos do 6º ano de uma escola pública e de periferia do município de Erechim-RS, oficinas relacionadas ao reconhecimento dos espaços em que estavam inseridos, a partir do tema da sustentabilidade e preservação ambiental.

Dessa experiência, surgiu o tema do meu trabalho de conclusão de curso que tinha como título *A elaboração de metodologias nas aulas de geografia do ensino médio a partir das TIC¹: estudo de caso em uma escola pública de Erechim-RS*”, sendo que o objetivo foi perceber a possibilidade de os alunos auxiliarem na construção de metodologias ou estratégias de ensino para diferentes temas discutidos em sala de aula, ou seja, realizar este trabalho possibilitou escutar os estudantes, observar que eles têm condições de contribuir com as aulas e também com a forma de organização dos espaços escolares.

A ideia de educação que visa à formação humana prezando a construção do protagonismo dos sujeitos, presente na proposta educativa de Reggio Emilia, tem um papel importante na formação dos educandos, bem como nas diferentes etapas do ensino, compreendendo o estudante como parte integrante da escola.

Desta forma, o tema do projeto de dissertação discute a organização do espaço físico escolar, a partir da participação dos alunos como protagonistas, tendo como base o olhar teórico da proposta educativa de Reggio Emilia², a qual tem sua essência voltada para a

¹ TIC- Tecnologia de Informação e Comunicação.

² Gostaríamos de ressaltar que existem outras perspectivas pedagógicas educacionais, que possuem um olhar para o espaço físico da escola, mas neste caso optamos por usar somente Reggio Emilia, pois é a proposta educativa a qual a escola, em que a pesquisa será realizada, possui.

pedagogia da escuta, em que prevalece o diálogo entre todos os participantes da comunidade escolar.

A escolha do tema partiu de observações e indagações em relação à organização dos espaços e tempos relacionados ao Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio, em uma escola da rede particular de Erechim-RS, local em que atuo ministrando a disciplina de Geografia.

A escola em que foi realizada a pesquisa e em que trabalho possui a Educação Infantil, com base na abordagem educacional de Reggio Emilia, a qual tem uma construção histórica de olhar para a educação de forma diferenciada, percebendo a criança como um ser atuante, que exerce, em meio à sociedade em que vive, sua autonomia e protagonismo.

Ainda, é possível perceber que na escola em que atuo as diferenças de organização dos espaços são bem visíveis. A Educação Infantil, tem uma organização e uma forma de pensar os espaços diferenciados, baseados na abordagem educacional de Reggio Emilia, sendo que essa proposta pedagógica interfere diretamente na organização dos espaços e tempos da escola. Já as outras etapas do ensino como, por exemplo, o Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio possuem uma organização com iniciativas de mudanças, mas ainda se mantêm mais tradicionais que a Educação Infantil.

Fazendo essas observações, percebi que essas crianças que estão nesses espaços diferenciados seguirão para outras etapas do ensino na mesma escola, as quais continuam com a organização do espaço tradicional³ e com as disciplinas separadas em “gavetas”, vivendo e estudando apenas 50 minutos de cada disciplina por manhã ou por semana. Isso me fez pensar que a forma de organização dos espaços voltados à proposta pedagógica de Reggio Emilia deveria seguir e estar presente nas outras etapas que essas crianças irão vivenciar na escola, para que não haja uma quebra na estruturação curricular desses estudantes, como também na sua forma de construção do conhecimento.

Não se quer aqui afirmar que a proposta educativa de Reggio Emilia deve ser implantada, tal qual se apresenta para o Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio. Entende-se que ela foi toda pensada visando a Educação Infantil, mas acredita-se que se pode pensar os espaços em que os adolescentes e jovens estão inseridos, com base em algumas premissas associadas a esta abordagem educacional.

³A organização do espaço tradicional que está sendo destacada remete-se à disposição das classes em fila, por exemplo.

Ainda, por muitas vezes, escutei e observei comentários dos estudantes em relação ao espaço da sala de aula, por exemplo, a forma como eles ficam quando é realizada uma atividade em outro ambiente, ou sua agitação por se sentirem fechados em quatro paredes com classes apenas. Também, já percebi em algumas turmas a vontade de organizar sua sala de forma diferente, enfim, observações que instigam a refletir sobre o espaço da escola no qual os estudantes passam a maior parte do seu tempo e que também auxilia no processo de ensino e aprendizagem.

A partir disso, iniciei uma busca por leituras que auxiliassem a compreender a importância de estudar o espaço físico da escola, pois ele representa, além de estruturas materiais, diferentes significados, bem como contribui para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça, por meio de espaços de diálogos, escuta, oportunidades e possibilidades, ou seja, essa busca por leituras me fez perceber o quanto ainda é necessário refletir sobre a importância de se ter um objetivo no momento de pensar a organização e/ou reorganização dos espaços da escola, pois isso refletirá na interação com o educando.

Quanto à relevância social do tema desta pesquisa, parto do pressuposto de que ela poderá contribuir para ampliar os estudos relacionados ao espaço da escola e ao protagonismo juvenil presente nesses ambientes. Também, ela será relevante, pois possibilitará que reflexões sejam realizadas acerca da construção de escolas. No campo da arquitetura é importante perceber que projetar uma escola não é somente desenhá-la e construí-la e sim, compreender as diferentes relações sociais que irão se constituir dentro desses espaços, espaços esses não somente físicos, mas de oportunidades, possibilidades, diálogos, tomada de decisões e construção de conhecimento, que auxiliam na formação da vida dos sujeitos que ali estão inseridos.

Assim, pensar em novas formas de organizar o espaço da escola, através da participação dos alunos, e tendo como base a proposta pedagógica de Reggio Emilia é um olhar importante que se deve ter em relação aos estudantes, pois por meio dessas discussões ele poderá ter embasamento para construir seu protagonismo, direcionando as ações para a resolução de problemas na sociedade.

A partir deste recorte é que se norteia a pesquisa, com o interesse de buscar compreender cada vez mais a relevância da organização do espaço físico da escola, bem como o olhar dos estudantes acerca destes movimentos que estão presentes no seu cotidiano. Para tal, foi definido o seguinte problema de pesquisa: De que forma, os pressupostos de Reggio Emilia proporcionarão que os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio participem da organização dos espaços físicos da escola?

A pesquisa foi realizada com o objetivo de explorar algumas questões norteadoras referentes ao tema central deste projeto, sendo elas: De que forma os alunos podem contribuir na organização do espaço da sala de aula e de outros ambientes da escola? Em que medida, organizar os espaços da escola, com base na proposta educativa de Reggio Emilia, possibilita ao aluno estar cada vez mais presente neste ambiente?

Para responder estes questionamentos, foi definido como objetivo geral conhecer e compreender de que forma os pressupostos de Reggio Emilia proporcionarão que os jovens da Educação Básica participem da organização dos espaços físicos da escola em que estudam.

Já os objetivos específicos deste estudo são:

- Caracterizar os espaços físicos da escola em que será realizada a pesquisa;
- Analisar os documentos normativos da escola, levando-se em conta a participação dos jovens e o espaço físico escolar;
- Investigar o olhar da coordenação pedagógica e dos professores acerca dos espaços físicos da escola e da participação dos jovens;
- Identificar a possibilidade de os alunos participarem da organização dos espaços escolares e como eles percebem essa possibilidade;
- Construir uma proposta de organização dos espaços para o Ensino Fundamental anos finais e/ou Ensino Médio;

Na busca por produções que auxiliassem na compreensão da temática da pesquisa, realizou-se uma revisão da literatura por meio de artigos, dissertações e teses que discutiam o mesmo assunto ou semelhante. Neste sentido, os materiais bibliográficos foram coletados em *homepage* do Google acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Instituto Brasileiro de Informação e Ciência e Tecnologia (IBICT) e também nos periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando descritores como espaço físico escolar, participação dos alunos/ protagonismo juvenil/espaço físico escolar, Reggio Emilia/organização escolar.

A partir da pesquisa realizada foram levantadas monografias, dissertações, teses, alguns artigos e um capítulo de livro que trazem em seus estudos relações próximas com a temática do trabalho em questão. Dessa forma, na sequência do texto, são abordadas essas obras, em subtítulos associados aos descritores utilizados para pesquisa. Cada subtítulo tem

uma reflexão acerca da temática, destacando o que mais se encaixa com a proposta inicial de discussão.

1.1 ESPAÇO ESCOLAR

Analisar o espaço escolar a partir de diversos olhares é fundamental para compreender como as escolas hoje estão sendo vistas pela sociedade. Muito se questiona em relação à organização desses espaços, como também ao impacto no desenvolvimento dos processos educativos e formativos dos estudantes que usam esses diferentes ambientes diariamente.

Partindo disso, elencam-se alguns estudos que abordam esse tema, observando-se que a discussão relacionada ao espaço escolar remete-se ao estudo no campo da chamada arquitetura escolar, sendo este um campo da arquitetura que busca direcionar seus projetos para a estrutura física da escola, destacando também sua importância para os debates no campo da educação.

Em levantamento bibliográfico realizado encontraram-se artigos, dissertações e teses de autores que possuem olhares voltados ao espaço da escola. Dentre esses autores destaca-se Bugmann (2008), que traz em estudo realizado em sua dissertação intitulada *Um lugar diferentes visões: Estudo sobre o espaço escolar por quem vive a escola*, uma análise da relevância do espaço escolar não somente pelo olhar dos alunos, mas por todos que ocupam esses espaços diariamente, como professores e funcionários, buscando saber de cada um qual a sua visão em relação à organização dos espaços físicos da escola. Dentre os resultados apontados pelo autor, destaca-se a ideia de que para cada grupo pesquisado o espaço escolar tinha uma representação, a qual estava relacionada com suas vivências

Outra contribuição acerca deste tema são os estudos realizados por Brandão (2009) intitulada *Tempo e espaço no currículo escolar*, onde a autora problematiza questões relacionadas ao espaço escolar e sua importância, por meio da análise da constituição do currículo na escola de tempo integral. A problematização realizada por Brandão mostra-se de extrema relevância, pois nela percebeu-se o olhar atento da autora quando discute o currículo escolar, observando o papel das diferentes organizações do espaço da escola em que desenvolveu sua pesquisa. Ainda, a autora, como forma de problematizar a questão cita estudos realizados por Frago (2001), no sentido de destacar que a arquitetura escolar tem um papel fundamental na produção de significados no formato em que hoje as escolas se apresentam.

Vieira (2009) em sua dissertação *A reorganização do espaço da sala de educação infantil: uma experiência concreta à luz da Teoria Histórico-Cultural*, tem por objetivo investigar se a forma de organização dos espaços da escola na Educação Infantil, pode influenciar no desenvolvimento das crianças. Observa-se que a pesquisa realizada por Vieira (2009) se mostra relevante para pensar os usos dos diferentes espaços na Educação Infantil, para que possa proporcionar às crianças diferentes interações, auxiliando no seu desenvolvimento humano, como também fortalecendo laços entre escola, família e comunidade.

Em seus estudos Vieira (2009) destaca a importância dessa relação, espaços escolares/uso e desenvolvimento humano, mencionando em seus resultados essas relações, apontando ainda o quanto isso pode despertar na criança a criatividade, autonomia, entre outros fatores que auxiliem na sua interação com os espaços da escola.

A dissertação intitulada *A Arquitetura para a educação: a contribuição do espaço para a formação do estudante*, escrita por Mario Fernando Petrilli do Nascimento no ano de 2012, traz algumas contribuições para este tema, pois aborda em suas análises a relação entre a proposta pedagógica e a organização da estrutura da escola, observando como se deu esse processo ao longo do tempo dando ênfase a estudos que exijam cada vez mais que arquitetos se aproximem de pedagogos para pensar os espaços físicos das escolas.

Nascimento (2012) também destaca que a organização dos espaços da escola deve proporcionar ambientes de discussões, pois segundo Émile Durkheim (1858-1917) importante sociólogo, um dos papéis da escola é proporcionar que a mesma seja um lugar de debate e de compreensão e construção de conhecimento.

Outra pesquisa, a dissertação intitulada *O contexto escolar idealizado por alunos do Ensino Médio: contribuições para a atuação de professores*, escrita por Gisele Aparecida Rodrigues Mano, no ano de 2016, teve como objetivo “analisar a visão dos alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma Escola Pública Estadual sobre questões referentes ao contexto escolar”. A ideia se desenvolveu por meio de questionamentos aos alunos em que eles teriam que refletir sobre o espaço da escola, destacando o que acreditavam ser uma escola ideal, entre outros questionamentos, sendo que no final a autora comenta a importância desse estudo, pois proporcionou que a gestão da escola pudesse ter um olhar mais atento às considerações dos alunos em relação aos diferentes ambientes em que eles estão inseridos (MANO, 2016).

Leite (2016) em sua tese *Entre os muros da escola: análise da dimensão subjetiva do espaço escolar*, tem a relatar em passagens de seus escritos a importância dos estudos do

espaço escolar, direcionando-a para o seu foco principal, que é analisar as diferentes formas de representação dos professores e alunos acerca dos ambientes escolares, buscando suas percepções em relação a esse espaço, como o enxergam e seu uso em diferentes ocasiões.

May (2017) aborda em seu Trabalho de Conclusão de Curso realizado e intitulado *Espaços escolares: visão dos estudantes de ensino médio numa escola pública da região do alto Uruguai*, um estudo cujo objetivo é perceber o olhar dos estudantes do Ensino Médio em relação à organização dos espaços escolares usufruídos por eles diariamente. Sendo importante ressaltar a relevância deste estudo devido às mudanças que o Ensino Médio vem passando, exemplo a Reforma do Ensino Médio, sendo que este é um momento para se repensar a organização desses espaços.

Na sequência, destacam-se dois artigos que têm como discussão o espaço escolar. Os artigos pesquisados são: *Organização do espaço e qualidade de vida: pesquisa sobre configuração espacial em uma instituição de educação infantil*, escrito por Maria Aparecida Trevisan Zamberlan; Simone I. Stroka Basani e Marizete Araldi, em 2007, ainda, *Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo*, escrito por Solange Lucas Ribeiro, no ano de 2004, e por último um capítulo do livro intitulado *Contribuições da arquitetura, da psicologia e da política educacional para uma análise do espaço escolar e sua vivência pelos sujeitos* escrito por Silva, Cristofoli e Zanin (2012).

À luz da leitura dos trabalhos mencionados no parágrafo anterior, salienta-se que cada um teve um olhar para com o espaço escolar, evidenciando pesquisas relacionadas à importância para o processo de desenvolvimento e interação das crianças, currículos, estrutura e sua relação com as políticas educacionais, como também a contribuição da psicologia na compreensão desses diferentes temas. Todos esses estudos apresentam o papel dos diferentes sujeitos que usufruem desses ambientes diariamente.

Neste sentido, Silva, Cristofoli e Zanin (2012) abordam a importância das vivências dos sujeitos que usam esses espaços, os quais têm em mãos a ação de construir, transformar e reconstruir esses ambientes diariamente, ou seja, esses sujeitos possuem laços de afetividade com os espaços que usufruem.

Para finalizar esta primeira parte da revisão de literatura, em que o objetivo era trazer autores que realizaram pesquisa acerca do tema espaço escolar, evidencia-se a relevância de observar que, nas estruturas físicas da escola, estão presentes as vivências dos sujeitos que usam esses espaços, e que contribuiriam para melhor compreender a temática deste trabalho.

A seção a seguir, aborda estudo sobre o protagonismo dos estudantes, outro foco desta pesquisa, o qual está voltado para as discussões da organização dos espaços escolares.

1.2 PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES

Cada vez mais, estudos relacionados à participação dos jovens na tomada de decisões aparece em meio a debates no campo da educação, o que torna relevante discutir sobre isso, visto que as escolas estão compreendendo e se adaptando a estes novos movimentos de abertura de espaços para que esta participação aconteça. Com este propósito, buscou-se discutir este tema.

Os espaços físicos existentes nas escolas são determinantes para incentivar os estudantes na tomada de decisões e em sua participação em diferentes âmbitos. Neste sentido, destaca-se o artigo escrito por Souza (2009) publicado na *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade* em que, mais uma vez, este assunto aparece como suporte para promover diferentes debates acerca do momento importante em que a sociedade vive e que os jovens devem ter voz ativa na participação da tomada de decisões.

Em conformidade com a colocação acima, Hartmann e Zimmermann (2009) trazem a temática, *Feira de Ciências: a interdisciplinaridade e a contextualização em produções de estudantes de ensino médio*, sendo que o desenvolvimento de trabalhos de pesquisa apresentados nas feiras de ciências das escolas são relevantes para pensar e proporcionar aos estudantes que sejam mais atuantes e participativos, pois eles estão incumbidos de pensar toda pesquisa, tomando decisões acerca do tema, problema, metodologia e construção dos resultados, sendo assim protagonistas desses momentos e o professor apenas um mediador do processo.

A participação dos jovens nas escolas pode se dar de diversas formas. A partir do estudo de Lostada e Souza (2016) destaca-se a educomunicação, como forma de incentivar e dar espaço para que os jovens possam ter voz ativa e participativa no ambiente educativo em que estão inseridos. O objetivo dos autores foi mostrar a possibilidade de repensar a escola posta como tradicional, por meio de um projeto de produção radiofônica desenvolvido com alunos do Ensino Médio de uma escola em Santa Catarina, em que eles tiveram a oportunidade de participar ativamente, e os professores eram apenas mediadores do processo, enquanto os estudantes eram os protagonistas.

Desafiar o estudante a pensar em proposições em relação a seu processo de aprendizagem também é uma forma de promover sua participação dentro da sala de aula. Foi com esse objetivo que Machado (2016) desenvolveu, com base nas chamadas *Metodologias Ativas*, um projeto em que seus alunos tiveram a incumbência de pensar e repensar formas para compreender e discutir o tema da aula *Religião e Ciência: convergências e divergências*, ou seja, possibilitar que os estudantes pensem seu processo de ensino e aprendizagem como uma forma de trabalhar com eles o desenvolvimento do seu protagonismo, por meio de sua autonomia dentro da sala de aula, espaços esses que deveriam, a todo o momento, proporcionar essas discussões.

Ainda, a pesquisa de Santos e Iriart (2017, p. 1), cujo objetivo foi “[...] investigar as concepções e práticas juvenis de jovens das camadas populares na relação com a escola, promovendo espaços de participação e construção de conhecimento”, também destacou a importância de “[...] possibilitar aos jovens que participarão deste trabalho, o exercício do protagonismo e a troca de experiências”. Nesta pesquisa, evidenciou-se a relevância de viabilizar momentos e espaços para os estudantes promoverem seu protagonismo, auxiliando na construção de sua autonomia e do seu conhecimento.

Carvalho, Silva e Melo (2017, p.225) apontam a importância da participação juvenil, por meio do desenvolvimento de um projeto no Instituto Federal da Paraíba, *campus Sousa*, em que o objetivo foi “[...] ampliar a rede de comunicação sobre os direitos das pessoas deficientes na perspectiva da construção de uma escola inclusiva e de uma cultura de paz”, sendo que para se alcançar esse objetivo o trabalho foi todo pensado e desenvolvido pelos estudantes do Ensino Médio do Instituto, onde os professores, por sua vez eram apenas orientadores do processo, auxiliando quando necessário. Neste sentido, destaca-se nesse projeto intitulado *Projeto Espaço Jovem como exercício do protagonismo juvenil* a discussão acerca do tema autonomia e protagonismo nas escolas, em que os estudantes foram desafiados a promover seu próprio protagonismo.

Observando os trabalhos referentes ao tema participação dos estudantes, salienta-se a relevância de possibilitar que cada vez mais os alunos possam promover seu protagonismo, ou seja, que possam aprender a serem protagonistas com autonomia para tomada de decisões, a terem participação ativa nas escolas e na sociedade, construindo assim um mundo com mais qualidade.

Isso só é possível se os professores proporcionarem que esses estudantes tenham momentos para isso e, a partir daí, aponta-se a importância de sua participação, pensando na organização dos espaços da escola, sendo ela um lugar em que eles passam a maior parte de

seu tempo, ou seja, eles possuem um sentimento de pertencimento e isso contribui para fortalecer sua participação mais ativa na escola.

A presente dissertação é composta por sete capítulos, sendo que no primeiro capítulo destacam-se elementos associados à justificativa que embasa este estudo, o problema de pesquisa que norteia a ideia principal, o objetivo geral e específicos, e um panorama geral de estudos, que traz elementos relevantes acerca do tema desta pesquisa.

O segundo capítulo ocupa-se do referencial teórico, utilizado como base para compreender o tema da pesquisa e analisar os resultados. Neste capítulo evidencia-se a base teórica deste estudo, a qual associa-se à abordagem educacional de Reggio Emilia, às discussões referentes ao espaço escolar e, por último, colocam-se autores que abordam em seus estudos o protagonismo juvenil por meio de sua participação na escola.

No terceiro capítulo, apresenta-se o referencial metodológico que foi utilizado para desenvolver a pesquisa, o qual está amparado no método qualitativo. Nesse capítulo, estão presentes os instrumentos que foram usados na coleta dos dados, bem como os objetivos de cada um dos mesmos e suas contribuições, para o resultado final da pesquisa.

O quarto capítulo apresenta a análise dos dados acerca da área de estudo, seu espaço físico e documento que rege a instituição, os quais contribuíram com informações relevantes para os resultados deste trabalho.

No quinto capítulo, evidenciam-se discussões acerca do olhar da coordenação pedagógica e dos professores em relação ao tema da pesquisa, corroborando com elementos relevantes que contribuíram para os resultados finais.

O capítulo seis traz uma análise em relação ao espaço físico da escola, por meio da intervenção realizada com os estudantes, os quais destacaram elementos que contribuíram para pensar a organização dos espaços da escola e, por fim, no sétimo capítulo tem-se as considerações finais, em que são apontados os resultados finais deste estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico tem por objetivo destacar autores que colaboraram no entendimento do tema da pesquisa em questão. Como ponto inicial, destaca-se uma breve retomada da abordagem educacional de Reggio Emilia, sendo esta a base teórica para auxiliar nas discussões que serão estabelecidas ao longo da pesquisa.

Também faz parte do referencial uma contextualização associada ao espaço escolar, sendo este o objeto de estudo, o qual será analisado, a partir da proposta educativa de Reggio Emilia, e de autores que discutem esta temática. Por fim, tem-se um olhar para o protagonismo juvenil nas escolas, sendo que este assunto será analisado com base em autores que contribuirão para compreender melhor o tema, como também para perceber sua importância para a organização dos espaços da escola.

2.1 ABORDAGEM EDUCACIONAL DE REGGIO EMILIA: BREVE HISTÓRIA E CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR O ESPAÇO ESCOLAR

Na atualidade a educação está passando por momentos que nos convidam a pensar e refletir sobre o ensino e a aprendizagem dos estudantes e também sobre os espaços da escola em que estes se encontram. A aprendizagem dos alunos é um ponto relevante das discussões, pois como alguns autores trazem, ela tem uma relação muito forte com o ensino, ou seja, conforme aponta Leme (2011. p.47), a partir da análise de Bruner, “o ensino deve estimular o pensamento do aluno na escola, o que pode ser feito, em primeiro lugar, pela adaptação da forma de apresentação do conteúdo no nível de representação do aprendiz [...]”.

Neste sentido, Lima (2013, p.199) destaca, em relação ao ambiente escolar, que “hoje a escola não se define apenas como um espaço de produção de conhecimento; ela também é um espaço de socialização, de cidadania, de conagraçamento, de experiências a serem vivenciadas coletivamente”, ou seja, percebe-se nesse momento que o olhar de Bruner e de Lima, referente à escola e ao ensino, converge, pois como os autores colocam, o ensino deve ser estimulado de diferentes formas e a maneira como o espaço está organizado auxilia na promoção de atividades que instigam o processo de ensino, bem como proporcionam que os estudantes possam vivenciar intensamente o ambiente escolar.

Partindo dessas colocações, pode-se citar a abordagem educacional de Reggio Emília, a qual foi pensada para a Educação Infantil, incentivando e trabalhando com as crianças a

partir do diálogo e da pedagogia da escuta, despertando sua criatividade e contribuindo para a construção do conhecimento dos educandos.

A abordagem educacional de Reggio Emília é vista como uma proposta de trabalho diferenciada com as crianças, buscando trabalhar com elas a partir de suas experiências, escutando-as e dialogando sobre diferentes assuntos do seu cotidiano, como também sobre temas que despertem a sua curiosidade.

As escolas de Reggio Emília, como são conhecidas, foram instigadas com base em acontecimentos decisivos que afetaram de certa forma o mundo todo, como a Segunda Guerra Mundial, mais precisamente após o seu fim. O contexto em que as instituições foram pensadas e implementadas era de necessidade de mudança e foi isso que aconteceu a partir de um grupo de pessoas, incluindo muitas famílias, que sentiram que algo deveria ser feito para melhorar a educação das crianças que viveram e estavam vivendo momentos de angústia pós-Segunda Guerra Mundial (MALAGUZZI, 1999, p. 59-61).

Com base nas leituras do livro intitulado *As Cem Linguagens da Criança: A Abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância*, percebeu-se que essa proposta educativa faz com que os educadores de diferentes áreas comecem a repensar suas práticas pedagógicas, como também seu olhar para a Educação. Segundo o que consta no livro, a abordagem educacional defendida por essas escolas mostra o quão importante é ouvir as crianças e valorizar suas experiências de vida, como também destaca o papel dos professores e da família no sucesso da aprendizagem dos alunos. Malaguzzi, em uma das suas entrevistas a Gandini, menciona que “em nosso sistema, sabemos que é essencial estarmos focalizados sobre as crianças e estarmos centrados nelas, mas não achamos que isso seja suficiente. Também consideramos que os professores e as famílias são centrais para a educação das crianças” (1999, p. 75).

Para a proposta educativa de Reggio Emilia o espaço físico da escola, tem grande relevância. Desde seu início os diferentes ambientes foram pensados e projetados por pessoas que estavam totalmente envolvidas no processo. Conforme aponta Gandini (1999, p. 147), “para cada prédio, quer fosse construído totalmente ou modificado a partir de um já existente, coordenadores pedagógicos, professores e pais encontraram-se para planejar com os arquitetos”. Isso mostra um olhar totalmente diferente do que estamos acostumados a vivenciar, pois existe uma abertura para o diálogo, ou seja,

as pessoas que iriam trabalhar e viver ali por tantas horas precisavam participar de cada decisão: uma parede muito alta ou a falta de repartições poderia modificar a possibilidade ou a qualidade da interação em uma abordagem educacional em que a parceria e a interação eram cruciais (GANDINI, 1999, p. 147).

A valorização e a utilização dos espaços ao redor da escola também são um ponto relevante para as discussões em Reggio Emilia, pois desta forma as crianças podem explorar outros espaços, espaços naturais ou até mesmo compostos por elementos artificiais, possibilitando a realização de uma leitura de mundo. Gandini (1999, p. 148) escreve: “os professores também valorizam o que é especial sobre os espaços que cercam suas escolas, considerando-os como extensões do espaço da sala de aula. Parte de seu currículo envolve levar as crianças para que explorem as vizinhanças e os marcos da cidade”.

Percebe-se então a importância do espaço para que ocorra interação entre os sujeitos que o utilizam de diferentes formas, sendo que o ambiente é responsável por provocar e estabelecer relações entre os que o ocupam e o usufruem, conforme destaca Gandini (p. 151) “o espaço precisa garantir o bem-estar de cada uma e do grupo como um todo. Ao mesmo tempo, o espaço é estabelecido para favorecer relacionamentos e interações dos professores, da equipe e dos pais, entre eles próprios e com as crianças”.

Assim, torna-se relevante destacar aqui imagens de alguns ambientes existentes em Reggio Emilia, os quais, a partir de observações realizadas, são pensados buscando o bem-estar e o conforto das crianças, bem como instigando-as nos seus processos de aprendizagem.

Abaixo seguem algumas imagens relacionadas às escolas que têm como base teórica a proposta educativa de Reggio Emilia. Na imagem 1, pode-se observar a praça central das escolas em Reggio Emilia, a qual possui uma forma de organização que leva em consideração um espaço dinâmico, com móveis diferenciados, plantas, cores, materiais diferenciados, ou seja, um ambiente instigante para as crianças que ali estudam.

Imagem 1- Praça Central da escola em Reggio Emilia



Fonte: <http://www.designshare.com/Research/Tarr/Aesthetic_Codes_1.htm>. Acesso em: abr.

Já a imagem 2 revela a forma como a sala de aula foi pensada. Observa-se que os móveis da sala são diferenciados, estão dispostos no sentido do trabalho em grupo, buscando uma integração e interação entre os sujeitos. Também se constata um espaço amplo, com vários materiais que despertam nas crianças o desejo pela investigação, bem como promovem espaços para dialogar entre si.

Imagem 2- Sala de aula da escola em Reggio Emilia



Fonte:<[http:// www.designshare.com/Research/Tarr/Aesthetic_Codes_1.htm](http://www.designshare.com/Research/Tarr/Aesthetic_Codes_1.htm)>. Acesso em: abr. 2019.

As escolas de Reggio Emília proporcionam às crianças diferentes estratégias de aprendizagens e recursos que auxiliam no seu desenvolvimento e no despertar de sua criatividade, aprendendo com suas experiências e curiosidades. Um desses lugares é chamado de ateliê (imagem 3) o qual, segundo Malaguzzi citado por Gandini, é visto como um espaço possível de se explorar ao máximo a capacidade e a criatividade dos alunos (1999, p. 152).

A imagem 3 revela a forma como o ateliê da escola Diana está organizado, nele vê-se um espaço amplo, com diversos materiais que mesclam a simplicidade e a tecnologia, promovendo a descoberta do passado, bem como do futuro. A presença da vegetação também é um fator importante, pois mostra a interação com os aspectos naturais, proporcionando um ambiente agradável e instigante.

Imagem 3- Ateliê escolas em Reggio Emilia



Fonte:<http://ischool.startupitalia.eu/education/39935-20160111->. Acesso em: abr. 2019

Outro fato interessante na abordagem educacional de Reggio Emília é a forma como os professores acompanham o desenvolvimento dos alunos. A partir da elaboração e execução de projetos pensados com as crianças, os professores têm a incumbência de anotar e registrar todas as observações e atividades que os alunos foram desenvolvendo ao longo do tempo, para que depois, no final, se possa fazer uma avaliação de tudo, sendo que em muitos casos os alunos podem ter acesso a esse material (GANDINI, 1999, p. 154-155).

A estrutura da organização do espaço escolar influencia, segundo Gandini, na aprendizagem das crianças. Os lugares dentro da instituição devem ser flexíveis, sensíveis às necessidades de cada um, proporcionando diferentes formas de relacionamento entre as crianças e os professores, como também possibilitando o desenvolvimento da autonomia e do protagonismo dos estudantes. Neste sentido, Gandini (p. 157) explica que o “ambiente é visto como algo que educa a criança: na verdade, ele é considerado o ‘terceiro educador’, juntamente com a equipe de dois professores”.

A partir dessas colocações, percebe-se a importância da mediação, por meio do diálogo, entre as crianças e os educadores, com o ambiente em que estes estão inseridos, contribuindo de forma consistente para desenvolver com as crianças o protagonismo e autonomia, sempre valorizando suas experiências e sua criatividade, pois este é um passo importante na educação, tornando os alunos cidadãos críticos na sociedade em que vivem.

Segundo Edwards (1999, p. 160) “as crianças, como entendidas em Reggio Emilia, são protagonistas ativas e competentes que buscam a realização através do diálogo e da interação com os outros, na vida coletiva das salas de aulas, da comunidade e da cultura, com os professores servindo como guias”. Isso mostra a relevância de proporcionar às crianças ambientes e momentos em que esse protagonismo possa acontecer, conforme as palavras de Malaguzzi (2017, p. 58), que diz: “El niño aprende interaccionando con su ambiente, transformando activamente sus relaciones con el mundo de los adultos, de las cosas, de los acontecimientos y, de manera original, de los coetáneos”.

A abordagem educacional de Reggio Emilia possui um olhar criterioso na organização dos espaços, tudo é pensado para que o ambiente se torne acessível a todos, conforme aponta Malaguzzi (p. 62), quando traz em seus estudos a visão da existência de diferentes espaços organizados para cada atividade que será desenvolvida pelos alunos, espaços que também são pensados para o planejamento do trabalho dos professores, lugares em que os alunos possam expor seus trabalhos, como também desenvolvê-los de forma prática e criativa.

Então, observa-se também uma integração entre esses espaços, como destaca Malaguzzi (p. 62):

El ambiente de las aulas, de la zona de servicios que se encuentran apartados, pero unidos con la gran plaza central (lugar de encuentros, juegos, amistades y actividades que completan las del aula) y de la entrada (con sus informaciones y documentaciones que anticipan parte de la organización de la escuela) tiene que participar, coherentemente, del proyecto.

Também, para Reggio Emilia o espaço da escola é visto e entendido como um lugar que está relacionado ao bem-estar de quem o usufrui. Neste sentido volta-se o olhar para o ateliê, espaço presente nessas escolas, o qual direciona a criança para o desenvolvimento de sua criatividade, a partir do diálogo e interação com o outro, possibilitando a realização de diferentes atividades. Conforme aponta Burrington (2012, p. 66), o “ateliê é um lugar para aprender todos os tipos de técnicas e um lugar para pesquisa”.

O olhar que a abordagem educacional de Reggio Emilia tem para com o espaço, faz refletir o quanto ainda se precisa avançar na qualificação dos processos educativos presentes nos ambientes escolares, ainda mais quando se destaca a realidade brasileira, a qual mostra-se preocupante, principalmente pelo descaso e sucateamento em que ela se encontra. Refletindo sobre isso fica clara a importância de buscar em meio, às discussões que permeiam a educação, debates relacionados ao espaço escolar e ao seu entorno, observando todo o contexto histórico, social, político e cultural em que está inserido.

Dessa análise, destaca-se que esse debate não se refere apenas ao olhar arquitetônico, mas também ao processo interacional que acontece entre os sujeitos que utilizam esses espaços diariamente, ou seja, o espaço visto como uma possibilidade de unir ideias e diálogos, impactando na construção do conhecimento. Fica assim evidente a importância do planejamento desses ambientes.

Olhando para o processo de planejar espaços Gandini (1999, p. 146) se posiciona dizendo:

Os educadores de Reggio Emilia criaram, ao longo dos anos, uma filosofia baseada na parceria entre crianças, pais, professores, conselheiros educacionais e comunidade. Conseguiram, juntamente com muitos professores em outras regiões da Itália, após muitos anos de esforço e ação política obter fundos públicos para a educação precoce e apoio local para seus programas. Cedo no desenvolvimento de seu programa educacional, os participantes desse esforço apreciaram a importância educacional e do espaço e investiram muito de sua energia pensando e planejando-o.

Com relação ao tema, aponta-se a relevância da proposta educativa de Reggio Emilia para pensar os espaços escolares por meio do diálogo e da escuta, possibilitando a participação de toda a comunidade escolar, planejando ambientes que possibilitem aos alunos desenvolverem seu protagonismo, como também a sua participação é importante para planejá-lo e organizá-lo.

Neste sentido, evidenciam-se as contribuições desta proposta educativa para discutir a organização dos espaços na escola, a partir do olhar dos alunos, pois eles fazem parte desse processo. Desta forma, na seção a seguir, faz-se uma reflexão acerca da importância dos espaços escolares e sua contribuição para o ensinar e aprender dos sujeitos que fazem parte da escola.

2.2 ESPAÇO ESCOLAR: APONTAMENTOS E PERCEPÇÕES

A educação é um tema que sempre esteve em destaque nas discussões que permeiam a sociedade. Associada a essa temática tem-se os debates relacionados ao espaço escolar, o qual possui um importante significado, quando pensado no bem-estar dos alunos, como também no seu processo de ensino e aprendizagem, ou seja, as formas como os espaços da escola estão dispostos contribuem para a construção do conhecimento.

Para iniciar essa discussão relativa à importância da organização dos espaços escolares, destacam-se as palavras de Doris Kowaltowski (2011, p. 40) que afirma:

Os aspectos físicos do ambiente escolar são poucos citados nas discussões pedagógicas ou em estilos de aprendizagem. Como pelo menos 20% da população passam grande parte do dia dentro de prédios escolares, é pertinente indagar a respeito do impacto de elementos arquitetônicos sobre os níveis de aprendizagem de alunos e de produtividade dos professores ao transmitir conhecimentos. Para a comunidade escolar, deve existir a certeza de que o ambiente físico contribui positivamente para criar o contexto adequado, confortável e estimulante para uma produção acadêmica expressiva.

A partir das contribuições da autora acima, evidencia-se a relevância que a organização dos espaços escolares possui no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Também, mostra que por mais que esse assunto seja importante, ainda falta um olhar mais direcionado para esses espaços, os quais, na sua maioria, são ignorados por boa parte da comunidade escolar, principalmente os professores, que têm como uma de suas funções gerir os espaços, dentre eles a sala de aula

A arquitetura das escolas pode ser influenciada por diversos fatores, sejam eles externos ou internos. Dentre esses fatores, o desenvolvimento econômico dos locais afeta a organização e também a estrutura, na qual esses espaços serão projetados, ou seja, conforme Kowaltowski (2011, p. 63),

a concepção arquitetônica dos prédios escolares, principalmente em países em desenvolvimento, depende da situação socioeconômica e política, mas deve se preocupar com os conceitos educacionais e de conforto, necessários para atingir a qualidade do sistema ensino/aprendizagem.

Ainda, Kowaltowski (2011, p. 61) traz que “[...] a educação de qualidade depende de um ambiente de ensino com um grande número de componentes que devem trabalhar em sintonia com o objetivo de aprofundar e ampliar o aprendizado dos alunos”, ou seja, a organização dos espaços escolares é importante para se fazer uma educação de qualidade, pois acredita-se que os alunos devem estar inseridos na escola, devem se sentir pertencentes a esse ambiente. Também é importante ressaltar que a qualidade da organização dos espaços influencia no processo de aprendizagem dos estudantes.

Em conformidade, é relevante destacar que a arquitetura escolar sofreu ao longo do tempo um processo evolutivo de organização e estruturação, sendo influenciada por diferentes fatores, dentre eles um marco na história humana que é o início do processo de industrialização mundial. Neste âmbito, Kowaltowski (2011, p.64) traz que “a evolução da arquitetura escolar está diretamente ligada à história da humanidade. Formalmente, a instituição escolar definiu-se a partir da revolução industrial, que trouxe novas demandas de organização social, entre as quais a necessidade de formalizar o ambiente de ensino”.

O impacto da Revolução Industrial na organização dos espaços da escola tem uma forte interferência, pois esses espaços começaram a ser pensados a partir deste olhar, em que era preciso ambientes com um ar de disciplina e autoridade. Observando as colocações de Kowaltowski constata-se, que as salas de aula eram e ainda são organizadas com suas classes enfileiradas, em que não eram permitidos movimentos entre os alunos, sua participação era limitada e o professor era o detentor do saber e a autoridade máxima presente naquele ambiente. Destaca-se aqui a autoridade no sentido autoritário de dominação e poder sobre o outro.

Dentro desta perspectiva é importante verificar que

a arquitetura escolar na história, principalmente no século XIX, teve duas tendências dialéticas: de um lado, o desejo de controle e disciplina por espaços bem-determinados, com projetos baseados no isolamento autônomo; de outro, as influências das teorias pedagógicas, que valorizavam mais a criatividade e a individualidade (KOWALTOWSKI, 2011, p.65).

Neste sentido, percebem-se os diferentes olhares com que ao longo do tempo foram sendo vistas a organização e estrutura das escolas, sendo que por muito tempo prevaleceu

nessas instituições a organização associada ao controle disciplinar e autoritário, com poucas aberturas para o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos que ali se encontravam. Em conformidade com esta análise, Kowaltowski (2011, p. 80) aponta que “a disposição espacial da maioria das escolas no Brasil ainda segue os padrões tradicionais, com carteiras enfileiradas e o professor em frente ao quadro-negro”.

Partindo das colocações feitas, fica evidente a importância de pesquisar cada vez mais sobre o tema referente à organização dos espaços escolares, pois muito ainda deve ser realizado, para que os espaços já existentes e os novos sejam pensados, visando ao fortalecimento de ambientes educativos, os quais devem aparecer também na organização curricular das instituições.

Neste sentido, Escolano (2001, p. 27) aponta que “os espaços educativos, como lugares que abrigam a liturgia acadêmica, estão dotados de significados e transmite uma importante quantidade de estímulo, conteúdos e valores do chamado currículo oculto [...]”, ou seja, a forma como os espaços são apresentados para os alunos, ou os diferentes tipos de espaços que existem nas escolas fazem parte do currículo escolar, estando presentes nos momentos de ensinar e aprender, contribuindo para uma formação mais humana, associada às várias dimensões que formam os sujeitos a partir de uma integralidade.

O espaço da escola é um lugar em que se desenvolvem diferentes atividades, sejam elas de lazer ou de práticas educativas e, portanto, ele deve ser analisado, para que haja compreensão das formas de organização que possibilitem ambientes diferenciados para os sujeitos que o utilizam. Escolano (p. 26) evidencia em seus estudos que “o espaço escolar tem de ser analisado como um constructo cultural que expressa e reflete, para além de sua materialidade, determinados discursos”, tornando-se “um mediador cultural em relação à gênese e formação dos primeiros esquemas cognitivos e motores, ou seja, um elemento significativo do currículo, uma fonte de experiência e aprendizagem”(p.26).

Em conformidade, Silva, Cristofoli e Zanin (2012, p.94) trazem que “a arquitetura escolar é também um aspecto do currículo e deve ser levada em conta nos projetos técnicos e no projeto político-pedagógico”. Neste sentido destacam a importância de pensar os diferentes tipos de espaços que a escola oferece e a forma como esses espaços estão dispostos para os alunos. As autoras também mencionam que “tarefa não menos importante é buscar garantir e dispor recursos financeiros para novas construções e ampliações ou adequações dos espaços já existentes”.

O foco de análise do espaço escolar não está somente voltado para os ambientes presentes dentro da escola, mas também para a localização dessa escola, ou seja, conhecer e

compreender em qual ambiente a instituição escolar está inserida, para que assim se possa perceber os impactos disso na sua organização. Escolano (2001, p. 28) evidencia que

não apenas o espaço-escola, mas também sua localização, a disposição dele na trama urbana dos povoados e cidades, tem de ser examinada como um elemento curricular. A produção do espaço escolar no tecido de um espaço urbano determinado pode gerar uma imagem da escola como centro de um urbanismo racionalmente planejado ou como uma instituição marginal e excrescente.

Frago (2001, p. 64), por sua vez traz em suas análises que “[...] o espaço jamais é neutro: em vez disso, ele carrega, em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que o habitam”. Outros sim, os espaços da escola carregam consigo diferentes características, podendo as mesmas estar associadas às pessoas que os frequentam, bem como ao ambiente em que estas estão inseridas, por isso a importância de olhar para a organização dos espaços, pois eles devem proporcionar às pessoas que os utilizam um lugar de convivência e aprendizagem.

Complementando as discussões acima, Frago (2001, p. 66) coloca que “[...] onde se aprende e se ensina, sempre é um lugar, cria-se um lugar. Mas tal lugar pode variar no tempo para os alunos e para o professor”. As palavras de Frago fazem pensar na escola como um lugar em que todos aprendem e ensinam ao mesmo tempo, e esse aprender e ensinar também está atrelado aos diferentes espaços que a escola, enquanto instituição, oferece a todos que fazem parte deste ambiente, percebendo que nossas ações interferem na constituição e na organização destes espaços. Desta forma surge um sentimento de pertencimento a esses lugares, o que os torna significativos para os diferentes sujeitos que o habitam.

Frago (2001, p. 61), baseado em estudos de Fernández Alba (1984), contribui com seu olhar em relação aos espaços da escola, quando menciona em seu texto que “a ocupação do espaço, sua utilização, supõe sua constituição como lugar: ‘O salto qualitativo’ que leva do espaço ao lugar é, pois, uma construção. O espaço se projeta ou se imagina; o lugar se constrói”. Isso mostra a relevância da contribuição dos sujeitos que vivenciam os diferentes espaços da instituição, para pensar estes ambientes, sua organização, seu uso, disponibilidade e potencialidade de promover momentos de diálogo, escuta e convivência. Partindo dessa análise, pode-se mencionar que o lugar se “constrói ‘a partir do fluir da vida’ e a partir do espaço como suporte; o espaço, portanto, está sempre disponível e disposto para converter-se em lugar, para ser construído” Frago (2001, p. 61).

Rinaldi (2013, p. 122), por sua vez, menciona que projetar e organizar os espaços da escola, é relevante para pensar a educação. Sendo assim, ela destaca que

a instituição escolar, na verdade, pode desempenhar um papel muito especial no desenvolvimento cultural e na experimentação sociopolítica, na medida em que esse momento (projeção) e esse lugar (escola) podem ser experienciados não como tempo e espaço para reproduzir e transmitir conhecimento já estabelecidos, mas como um lugar para a verdadeira criatividade.

Neste sentido a autora acima traz que os espaços escolares são mais que ambientes e locais no sentido físico, apenas paredes, apenas uma sala de aula, entre outros elementos que poderiam ser destacados, esses espaços representam muitos olhares e sentimentos, por isso são considerados lugares em que as diferentes linguagens podem ser expressas, ou melhor, representadas.

Essas premissas analisadas remetem ao que Rinaldi (2013, p.123-124) destaca em relação ao espaço físico da escola, quando diz que “o espaço físico pode ser definido como linguagem, que fala de acordo com conceitos culturais específicos e raízes biológicas profundas”, também vai destacar que “como qualquer outra linguagem, o espaço físico é um elemento constituinte na formação do pensamento”.

Os apontamentos da autora acima vão ao encontro das colocações destacadas por Frago (2001), Escolano (2001) e Kowaltowski (2011), no sentido de refletir a importância da organização e representação dos espaços físicos da escola, destacando sua relevância para os sujeitos que ocupam diariamente esses ambientes para o desenvolvimento das mais diversas tarefas e atividades associadas às diferentes linguagens que podem ser expressas nesses espaços.

Rinaldi (2013, p. 124), ainda traz elementos importantes para pensar o espaço, destacando a relação deste com os indivíduos que o usufruem a partir de percepções que podem estar atreladas às transformações destes ambientes, como também dos sujeitos que ali se encontram. Diz “as qualidades relacionais entre o indivíduo e seu habitat são recíprocas, de modo que tanto a pessoa quanto o ambiente estão ativos e modificam um ao outro”.

Também, a respeito dos estudos apresentados, Rinaldi (2013, p. 124) aponta que

a percepção do espaço é subjetiva e holística (tátil, visual, olfativa e sinestésica). Ela é modificada durante as diversas fases da vida e tem uma ligação estreita com a cultura do indivíduo: não apenas falamos línguas diferentes, também habitamos diferentes mundos sensoriais. No espaço compartilhado, cada um de nós faz uma elaboração pessoal do espaço, criando um território individual que é bastante afetado pela variação de gênero, idade, e, como já mencionamos, cultura.

Partindo dessa colocação, destaca-se o olhar da arquitetura na construção e organização dos espaços, ou seja, esses ambientes precisam respeitar a cultura individual das crianças, mas, ao mesmo tempo, estabelecer relações que possibilitem o desenvolvimento de atividades, permitindo que a criança ou o jovem desenvolva sua criatividade e autonomia de forma individual e também em grupos.

Como forma de sintetizar seu pensamento, Rinaldi (2013, p.127) destaca alguns elementos importantes em relação à organização dos espaços da escola.

O Objetivo é, portanto, construir e organizar espaços que permitam a criança:- expresse seu potencial, suas habilidades e sua curiosidade; - explique e pesquise sozinha e com os outros, tanto com o grupo crianças quanto com os adultos; - perceba-se como construtora de projetos, incluindo o projeto educacional geral desenvolvido na escola; - estabeleça sua identidade (também e termos de gênero), autonomia e autoconfiança; -trabalhe e comunique-se com os outros; -saiba que sua identidade e privacidade são respeitadas.

Em relação à organização dos espaços, Ceppi e Zini (2013, p.44-55) destacam alguns fatores considerados relevantes quando se está elaborando um projeto, sendo eles: formas relacionais, iluminação, cores, materiais, odores sons e microclima. Associados às formas relacionais, observam-se alguns pontos importantes, como a flexibilidade, a presença de um ateliê, a relação com a comunidade, com a pesquisa, escola como um laboratório, e comunicação.

A iluminação possui um papel de destaque na organização dos espaços, ela proporciona um ambiente mais adequado e confortável para o desenvolvimento de atividades. Também, a iluminação se associa à disposição, variação, fonte de luz natural e artificial, distribuição e quantidade. Outro elemento são as cores, as quais precisam passar uma imagem de harmonia, de organização e de possibilidades de uso. É necessário que se tenha cuidado para não exagerar nas cores, pois isso pode passar muitas informações descaracterizando o ambiente, ou seja, o equilíbrio é necessário (CEPPI; ZINI, 2013, p.54-78).

Em relação aos materiais, eles são elementos que devem ser pensados para o desenvolvimento dos sujeitos que utilizarão esses espaços. Os materiais devem proporcionar a sensação do toque, do sentir por meio da sua manipulação, também devem estar relacionados a manutenção, limpeza e ao estímulo sensorial (CEPPI; ZINI, 2013 p.80-90).

Os odores dos ambientes remetem à convivência nestes lugares, dado que, através do olfato, a memória pode ser ativada, direcionando os sujeitos para compreender em que espaço estão, ou seja, evidencia-se o sentimento de pertencimento. Também o odor faz parte de um

ambiente limpo, o que é importante para que se possa conviver nestes locais de forma saudável (CEPPI; ZINI, 2013, p.92-96).

Em conformidade com os elementos citados acima, destaca-se também o som e o microclima. O primeiro tem sua parcela de participação, pois todo o ambiente possui um som, ou seja, “o som ambiente nos dá um senso de localização de nosso corpo no espaço” passando informações como “[...] a distância da fonte e sua existência, sendo este último a informação de destaque no sentido antropológico” (CEPPI; ZINI, 2013, p.100). Já o microclima tem sua relação com o ambiente, seja ele externo ou interno, ambiente este que possibilita aos sujeitos que o ocupam regulá-lo, como também modificá-lo para que se torne confortável.

Conforme aponta Ceppi e Zini (p. 110),

o conforto do ambiente é a soma de uma série de fatores complexos e difíceis de isolar, que se sobrepõe e se inter-relacionam de maneira contínua e instável. As relações entre temperatura e umidade, qualidade do ar e ventilação, condições de iluminação, características acústicas e assim por diante devem ser avaliadas desse ponto de vista complexo.

A respeito desses elementos que são importantes para elaboração de projetos, é relevante destacar o cuidado que se deve ter para que, de fato, eles estejam presentes nas diferentes instituições escolares, pois a partir do olhar dos autores acima citados, um ambiente planejado com base nesses elementos pode influenciar no bem-estar dos sujeitos que irão utilizá-lo.

Neste sentido, destacam-se as contribuições dos autores que estudam e pesquisam sobre o tema espaço escolar, para compreender cada vez mais a importância de pensar a sua organização, como também para identificar os impactos disso nos processos educativos. Desta forma, na seção a seguir, efetua-se uma breve reflexão acerca do protagonismo juvenil e sua relação com a escola e com a organização dos espaços escolares.

2.3 PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NO AMBIENTE ESCOLAR

Hoje a instituição escolar deve ter como base um olhar para que seus educandos se tornem cada vez mais protagonistas, dentro e fora da escola, atuando nos mais diversos âmbitos que permeiam a sociedade. Dessas colocações decorre, que os alunos podem atuar na elaboração e no desenvolvimento de diferentes atividades na escola, sendo que isso poderá

contribuir para fortalecer cada vez mais o seu espaço de agentes transformadores, possibilitando sejam protagonistas no ambiente em que estão inseridos.

Neste sentido, Ribas Jr. (2004, p.3) reflete sobre o protagonismo juvenil, enfatizando a importância do papel da escola, para que os estudantes tenham espaços de participação,

para que possam promover adequadamente o protagonismo juvenil, é preciso que as escolas criem situações em que a participação dos adolescentes não seja meramente decorativa, mas sim efetiva: situações que possibilitem níveis progressivamente mais elevados de planejamento, avaliação, tomada de decisão e condução de processos de ação.

Partindo dessa análise, é relevante trazer para a discussão o conceito de protagonismo, com base nas reflexões de Ribas Jr. (2004, p. 3), que escreve: “O termo “protagonismo” refere-se à nossa capacidade de participar e influir no curso dos acontecimentos, exercendo um papel decisivo e transformador no cenário da vida social. Exercer o protagonismo significa não ser indiferente em relação aos problemas de nosso tempo”. O olhar que o autor traz em relação ao protagonismo associa-se ao fato de o estudante estar sempre em movimento, buscando formas de resolução de problemas, não se tornando indiferente aos acontecimentos ocorridos no ambiente escolar.

Ainda, o autor menciona que o protagonismo juvenil se associa “a participação consciente dos adolescentes em atividades ou projetos de caráter público, que podem ocorrer no espaço escolar ou na comunidade: campanhas, movimentos, trabalho voluntário ou outras formas de mobilização” (p. 3). Percebe-se, a partir desse viés, a escola como um espaço de discussões, debates e possibilidades de atuação.

Indo ao encontro dessas reflexões, entende-se que o protagonismo deve ser um dos pilares da escola, pois é nesse espaço que as crianças, adolescentes e jovens devem ter oportunidades para compreender e perceber o quão importante é ser protagonista, ser participativo na tomada de decisões associadas não somente ao individual, mas também pensar pelo coletivo.

Neste sentido, Costa traz em seu argumento que

o termo Protagonismo Juvenil, enquanto modalidade de ação educativa é a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolverem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso. [...] O cerne do protagonismo, portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla (2001, p.179).

A reflexão do autor referido direciona a escola para além de um espaço de aprendizagem, ele olha para essas instituições como ambientes que proporcionam, por meio do processo de construção do conhecimento, atividades que possibilitam ao estudante ser ativamente participativo na escola e na comunidade em que está inserido.

Assim evidencia-se o papel da construção da autonomia de cada sujeito presente nas escolas, sendo importante ressaltar que tanto o corpo docente e diretivo, quanto o espaço escolar são responsáveis para que isso aconteça. Paulo Freire discute em sua obra intitulada *Pedagogia da Autonomia*, o papel da escola e dos educadores na construção de educandos mais ativos e participativos, por meio do respeito a este indivíduo, afirmando que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (2013, p. 58).

Freire (2013, p. 58) também traz que o professor e a escola, de uma maneira geral, devem respeitar os sujeitos que ali estão inseridos, pois assim o ambiente da instituição será importante para que esses alunos possam ter abertura e apoio e assim se tornarem cada vez mais ativos em sua participação na tomada de decisão, na resolução de problemas, exercendo o papel de protagonistas dentro deste espaço.

Partindo disso, defende-se aqui a ideia de protagonismo associado à participação dos adolescentes e jovens na tomada de decisões e resoluções de problemas nas escolas e nas comunidades em que estão inseridos, sendo que o papel dessas instituições é possibilitar que esse protagonismo aconteça ao longo do desenvolvimento dos sujeitos, por meio do processo de aprendizagem e da construção de sua autonomia, possibilitando que se tornem agentes de transformação.

Nesta perspectiva, Freire (2004, p. 98) destaca o papel da educação como base, para que o protagonismo esteja cada vez mais presente na atuação dos jovens perante a sociedade, através de uma educação pautada na escuta, diálogo entre os que fazem parte destas instituições constituindo uma forma de proporcionar a autonomia a estes sujeitos, ou seja,

a função da educação é auxiliar os homens na produção de sua própria realidade material e de sua consciência sobre ela. A formação para o trabalho, a qualificação para o mercado, embora seja uma função importante, não pode se constituir em única, nem mesmo em principal, função da educação: como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo.

Neste sentido, é por meio da educação que surgem diferentes oportunidades para que o protagonismo juvenil exista e seja um meio de participação em debates relacionados a diferentes temas que permeiam a sociedade. Sob esta óptica o professor auxilia na mediação

do processo, possibilitando que os estudantes se apropriem de argumentos e conhecimentos reconhecendo sua aplicação no dia a dia, contribuindo para discussões associadas às questões políticas, sociais e econômicas.

A respeito dessa discussão Ferretti, Zibas e Tartuce (2004) mostram, que o olhar para a participação dos jovens na tomada de decisões é algo que vem há tempo aparecendo nos debates que envolvem o campo da educação. Desta forma, eles citam que:

O discurso da participação ativa dos alunos em sua aprendizagem data, no Brasil, dos anos 20 e 30 do século passado, quando o pensamento de Dewey foi adotado por diversos teóricos da educação. Quanto a canais institucionais de participação de alunos na gestão da escola, os grêmios estudantis datam da década de 60 e os conselhos escolares, que preveem o envolvimento dos alunos e de suas famílias na direção da escola, remontam, em alguns estados da federação, aos anos 80 (p. 412).

A reflexão acima aponta que por algum tempo já se vem destacando a ideia de abrir mais espaços para a participação dos jovens no ambiente escolar. Por exemplo, o grêmio estudantil é citado pelo autor, como uma forma de aproximar os jovens da gestão do ambiente em que estão inseridos, bem como de tomar decisões por eles, visando ao bem-estar de todos.

Partindo do olhar para a organização curricular, busca-se em documentos como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/1996), elementos relacionados ao desenvolvimento do protagonismo na escola. A seção IV do Ensino Médio, especificamente o Art. 35, aponta que o Ensino Médio, como etapa final da educação básica, e que possui algumas finalidades, dentre elas uma que destaca um olhar para o fortalecimento da autonomia dos estudantes, sendo ela: “III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”.

Ainda na LDB 9.394/1996, o Art. 36, que trata da organização curricular, destaca dentre algumas diretrizes a seguinte: “II – adotará metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes”. Desta forma, percebe-se que tanto no Art. 35 quanto no Art. 36, a palavra protagonismo não aparece, mas ele destaca a construção da autonomia dos estudantes, como também trabalhar com eles metodologias que proporcionem o desenvolvimento de iniciativas por parte dos sujeitos que estão inseridos nessas instituições.

Ter a presença desses aspectos na lei que direciona a organização curricular das diferentes instituições de ensino é de extrema importância, pois, com certeza, isso vai se refletir na formação humana dos estudantes.

Costa aponta em seus estudos que

a importância estratégica do protagonismo vem do fato de ele contribuir de forma inegavelmente relevante para a formação de pessoas, cidadãos, trabalhadores de tipo novo, ou seja, dentro da visão ético-política contida no Paradigma do Desenvolvimento Humano. Esses jovens têm uma possibilidade muito grande de, a médio e longo prazo, tornarem-se líderes de processos de mudança em seus respectivos âmbitos de atuação, contribuindo para que nosso país possa romper com as velhas culturas impeditivas de emancipação econômica, da promoção social e da libertação cultural de grande parte do nosso povo, que, neste início de um novo milênio, se encontra ainda imerso numa realidade marcada pela pobreza, ignorância e brutalidade (2001, p. 102).

Pode-se evidenciar que o desenvolvimento do protagonismo na escola é um grande desafio, desafio este que faz parte do trabalho de todos que estão inseridos na instituição escolar. Desta forma ressalta-se a relevância de pensar espaços em que os estudantes possam aos poucos, ir compreendendo a importância de se construírem enquanto agentes transformadores e atuantes nos diferentes âmbitos que permeiam a sociedade, impactando em seu cotidiano.

Neste sentido, Costa (p. 18) evidencia que o protagonismo juvenil está atrelado a um “[...] método pedagógico que se baseia num conjunto de práticas e vivências que tem como foco a criação de espaços e condições que propiciem ao adolescente empreender ele próprio a construção de seu ser em termos pessoais e sociais”.

Para que isso aconteça, alguns pontos devem ser levados em consideração. Acredita-se que uma das questões importantes é pensar e respeitar os estudantes, fazendo com que percebam que a escola pode proporcionar a eles esses direcionamentos, como também espaços que possam usá-los e também organizá-los, ou seja, isso poderá torná-los cada vez mais pertencentes a esses ambientes, vendo-os como um lugar de acolhimento e possibilidades.

A partir disso Silva (2009, p. 7) destaca a necessidade de

respeitar o fato de que os (as) adolescentes pensam, dizem e fazem pode ultrapassar os limites de sua vida pessoal e familiar e influir no curso de seu desenvolvimento. Além de ser uma forma de respeito à dignidade humana, é uma forma de reconhecer que através de seu envolvimento na solução de problemas reais, desenvolve o seu potencial criativo para a transformação pessoal e social.

Acredita-se que respeitar estes sujeitos e intensificar seu potencial por meio da mediação de diferentes processos é uma forma de alcançar êxito na construção de seu protagonismo. Ainda, Costa (2001, p.19) argumenta que a cooperação entre os que fazem parte da escola auxilia neste processo, ou seja, “[...] trabalho cooperativo, no qual os

adolescentes assessorados por seus educadores, vão atuar na construção e implementação de soluções para problemas reais com os quais se deparam no dia a dia de suas escolas, de suas comunidades ou da sociedade de que são parte”.

Dentre muitas reflexões contidas nos escritos de Paulo Freire, cita-se a função social que a escola desenvolve, sendo que esse papel faz parte da oferta de possibilidades da construção da autonomia dos estudantes, ou seja,

[...] é preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens, relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (2005, p. 45).

Ainda, evidencia-se que o diálogo e a escuta são meios de possibilitar que o protagonismo na escola se desenvolva, dando oportunidades e acreditando no potencial dos sujeitos que estão inseridos nestes espaços. Para que esses movimentos aconteçam, é importante apontar que a escola, conforme já citado anteriormente, é vista como um lugar, que está cheio de experiências e vivências experimentadas por esses estudantes e por todos que fazem parte deste ambiente.

Desta forma, torna-se relevante evidenciar nesta análise uma breve descrição do conceito de lugar visto a partir de uma perspectiva interdisciplinar com especial considerações pelas contribuições da Geografia, Arquitetura, Educação e Psicologia, o qual não possui apenas um significado, pois depende do direcionamento que será dado ao estudo. Neste caso, alguns autores entendem e percebem o lugar como um espaço de vivência, criando-se ao longo do tempo um sentimento de pertencimento pelos indivíduos que usufruem e convivem nestes locais.

Dentre esses autores pode-se citar Castellar (2009, p. 39) que aponta que existe “a ideia do Lugar de vivência, de pertencimento, herdeiro da história dos objetos e pessoas que dão significados [...]”. Também Valdés (2009, p. 65) traz que “[...] el Lugar se constituye como un objeto que cuando es habitado por las comunidades, éstas lo aprehenden y se traspasa una suerte de identidad recíproca”. Ou seja, busca-se compreender que a escola vista como um lugar está pautada pelo sentimento de pertencimento dos estudantes, os quais, por meio deste sentimento, possuem um olhar mais crítico em relação ao ambiente escolar em que estão inseridos.

Ainda, contribuindo com este olhar, Cavalcanti (2009, p. 140-142) evidencia que a categoria de Lugar auxilia na compreensão espacial, por meio do entendimento de que esta

categoria está atrelada às vivências individuais e coletivas dos sujeitos que fazem parte destes ambientes, isto é, “ a identidade é [...] um outro elemento importante do conceito de Lugar” (CAVALCANTI, 2009, p. 146).

Partindo dessas colocações, entende-se que a participação dos jovens na tomada de decisões na escola é importante para a construção de sua autonomia e protagonismo, percebe-se, ainda, por parte desses sujeitos, que a existência de um sentimento de pertencimento pelo Lugar/escola, torna mais intenso o interesse em participar mais ativamente da escola.

Portanto, a partir das reflexões realizadas acerca da temática protagonismo na escola, observou-se que ele é possível e faz parte da organização curricular das instituições de ensino. Neste viés é relevante proporcionar ao estudante a oportunidade de resolução de problemas que fazem parte do seu dia a dia, como, por exemplo, a organização dos espaços da escola, sendo este um meio de construir sua autonomia, respeitando sua capacidade de pensar e agir em prol do coletivo

O capítulo a seguir aborda a discussão metodológica acerca da coleta dos dados da pesquisa, os quais auxiliarão na compreensão da temática e na construção da resposta do problema de pesquisa.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

A metodologia referente ao desenvolvimento deste trabalho foi dividida em dois momentos, o primeiro associa-se a uma retomada da importância pela busca do conhecimento, por meio da pesquisa e como ela se constituiu ao longo do tempo, a partir da visão de alguns autores que contribuíram para uma melhor compreensão sobre alguns conceitos que permeiam este campo. Já o segundo momento aborda o passo a passo do desdobramento da pesquisa relevante para alcançar os objetivos propostos, bem como para obter a resposta para a problemática em questão.

3.1 RELAÇÃO CONHECIMENTO/ PESQUISA

A busca pelo conhecimento é algo que está presente desde tempos antigos na vida das diferentes sociedades. O conhecimento move o pensamento das pessoas e faz refletir sobre situações que acontecem cotidianamente nas diversas realidades sociais.

Para melhor entender este assunto partiu-se da ideia inicial de Köche (1997, p. 23) o qual nos traz que “o homem é um ser jogado no mundo, condenado a viver a sua existência. Por ser existencial, tem que interpretar a si mesmo e ao mundo em que vive, atribuindo-lhes significações”. Com isto, entende-se que no momento em que o ser humano sente a necessidade de buscar o conhecimento, ele começa a observar a si mesmo, suas atitudes e relações com o meio social em que está inserido.

Neste sentido, o conhecimento apresenta-se de duas formas. Uma delas é o senso comum, o qual é entendido como “ordinário, comum ou empírico”. Ele surge a partir das descobertas que fazem parte da evolução histórica da humanidade, associado às necessidades que o homem sentiu ao longo do tempo, como por exemplo, uso da moeda, plantas medicinais, alimentação, uso de diferentes materiais, dentre outros elementos que são importantes para a sobrevivência humana”(KÖCHE 1997, p.23).

Desta forma, para esclarecer certas situações e compreender melhor as análises que são realizadas a partir do surgimento de problemas, destaca-se o conhecimento científico, uma forma mais crítica de buscar respostas mais consistentes em relação às necessidades que surgiram com a evolução da humanidade.

Neste contexto, Köche (1997, p. 29) traz que

o conhecimento científico surge da necessidade de o homem não assumir uma posição meramente passiva, de testemunha dos fenômenos, em poder de ação ou

controle dos mesmos. Cabe ao homem, otimizando o uso da sua racionalidade, propor uma forma *sistemática, metódica e crítica* da sua função de desvelar o mundo, compreendê-lo, explicá-lo e dominá-lo.

A partir do que o autor explica evidencia-se a importância de compreender as relações existentes no mundo, além da subjetividade ou senso comum, e para que isso aconteça foi necessário repensar as formas de buscar entender os diferentes fenômenos presentes no cotidiano dos seres humanos, não de forma fragmentada, mas perceber suas interligações.

A busca pelo conhecimento científico relaciona-se à investigação, a qual Köche aponta como parte das dúvidas e perguntas que não têm repostas imediatas, ou seja:

a investigação científica se inicia, portanto, (a) com a identificação de uma *dúvida*, de uma pergunta que ainda não tem respostas; (b) com reconhecimento de que o *conhecimento existente é insuficiente* ou inadequado para esclarecer essa dúvida; (c) que é necessário *construir uma resposta* para essa dúvida e (d) que ela ofereça provas de segurança e de *confiabilidade* que justifiquem a crença de ser uma boa resposta [...] (1997, p. 30. Grifo do autor).

Partindo dessas análises, pontua-se a pesquisa científica como meio de discutir e buscar o conhecimento científico, a partir do uso de metodologias associadas a métodos e instrumentos que auxiliarão na compreensão das indagações ligadas a dúvidas ou perguntas para as quais ainda não se tem respostas.

Conforme aponta Gamboa (2013, p. 151)

a pesquisa científica, entendida como um processo metódico que equivale a buscar algo a partir de vestígios ou de pistas, é uma forma de elaborar respostas rigorosas e sistemáticas para indagações sobre os problemas que a realidade histórica de cada sociedade apresenta.

A pesquisa científica levanta várias discussões quando se trata de formas de análise e de entendimento desses campos que buscam respostas através de caminhos, que, muitas vezes, se cruzam e outras se distanciam. Para entender melhor, Minayo (1994, p. 10) relata em seus estudos referentes à pesquisa: “[...] o grande embate sobre a cientificidade das ciências sociais, em comparação com as ciências da natureza”, ou seja, a autora destaca as diferenças entre essas duas formas de refletir sobre a ciência, as quais, de certa maneira, são opositoras em suas análises e discussões.

Minayo destaca ainda que

há os que buscam a uniformidade dos procedimentos para compreender o natural e o social como condição para atribuir o estatuto de “ciência” ao campo social. Há o que reivindicam a total diferença e especificidade do campo humano (MINAYO 1994, p. 10-11).

Com base nos estudos de Minayo evidencia-se a pesquisa social, a qual tem como pressuposto estudar as sociedades humanas, sendo que suas análises são pautadas na investigação relacionada à metodologia qualitativa. Neste sentido, Minayo (p. 16) traz que a metodologia pode ser entendida como um “[...] caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”, ou seja, a metodologia é a forma como se busca o conhecimento científico, o qual pode estar associado às ciências sociais ou naturais, sendo que para cada um desses campos se tem métodos e técnicas que são utilizadas. Nesse caso trata-se da metodologia qualitativa, a qual busca explicar as relações que se associam ao campo das ciências sociais ou humanas como é chamado.

Como tratado anteriormente, a pesquisa científica pode ter linhas de pensamentos diferentes, as ciências sociais e naturais, já citadas, sendo que para esses dois campos de reflexões existem caminhos diferentes para se buscar o conhecimento, a metodologia quantitativa e qualitativa.

Muitas são as discussões referentes às dicotomias entre a metodologia qualitativa e quantitativa. Segundo Minayo (1994, p. 22),

a diferença entre qualitativo e quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com a estatística apreendem dos fenômenos apenas a região “visível, ecológica, morfológica e concreta” a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 1994, p. 22).

A diferença entre qualitativo e quantitativo refere Minayo também é visível no papel do pesquisador, o qual vai possuir visões diferentes de observar e analisar a área de estudo e o objeto a ser estudado. Sendo assim o pesquisador quantitativo tem como foco o distanciamento do seu estudo, evitando um envolvimento maior, já o pesquisador qualitativo busca interagir com sua pesquisa, mais voltada para análise dos fenômenos sociais.

Ainda, Minayo considera que à metodologia qualitativa:

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (p. 21-22).

Também pode-se perceber que existe uma diferença entre método e metodologia. Método é entendido conceitualmente como o uso de técnicas, procedimentos de investigação de determinado problema e objeto de estudo, já metodologia é o estudo do método, que, em uma abrangência maior de discussão, relaciona-se com a forma de busca e análise dos materiais coletados durante o desenvolvimento da pesquisa (THIOLLENT, 1985).

A partir da busca do conhecimento e da relação com a pesquisa, destaca-se que trazer esses autores e realizar essa discussão contribuiu para compreender ainda mais o que é desenvolver uma investigação científica, pensar em uma metodologia, ou um caminho a seguir, para que a problemática elencada no projeto tenha de fato respostas que possibilitem novas indagações.

A subseção a seguir aborda a estruturação do desenvolvimento metodológico, o qual está amparado na metodologia qualitativa, como forma de busca e análise dos dados coletados.

3.1.1 Construção da Metodologia

A pesquisa desenvolvida teve como base a metodologia qualitativa, sendo categorizada como uma pesquisa de campo. De acordo com Minayo (1994, p. 53), a pesquisa de campo é “o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação”.

Também para Gonsalves (2001, p.67),

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

A abordagem qualitativa engloba algumas modalidades de pesquisa, necessárias para que de fato o estudo de determinado problema de pesquisa seja respondido, ou o objetivo da pesquisa seja alcançado. Nesse caso evidencia-se a pesquisa qualitativa que, segundo Gaskell (2002, p. 68), tem por finalidade “[...] não contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão”.

Em relação ao desenvolvimento deste trabalho, procurou-se dividi-lo em cinco momentos, para que melhor fosse explorado. O primeiro momento vinculou-se à elaboração de um diagnóstico que auxiliou na observação da forma como os espaços e os tempos são

organizados na Educação Infantil, sendo que isso possibilitou compreender e pensar os espaços e tempos do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio.

Nessa etapa foi realizado um mapeamento dos espaços, por meio do uso de fotografias, sendo que, após esse momento, foram realizadas comparações entre as imagens dos diferentes espaços da escola.

Em relação ao uso de imagens ou fotos na pesquisa, Loizos (2012, p. 137) aponta três razões que os usos desses materiais visuais fornecem, dentre eles, destaca-se a primeira e a segunda razão, as quais apontam que “[...] a imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais–concretos, materiais”. Também cita que “[...] embora a pesquisa social esteja tipicamente a serviço de complexas questões teóricas e abstratas, ela pode empregar, como dados primários, informação visual que não necessita ser nem em forma de palavras escritas, nem em formas de números [...]”.

A segunda etapa da pesquisa está atrelada a realização de uma análise de documentos normativos da escola, como: *Projeto educativo do Brasil Marista: Nosso jeito de conceber a Educação Básica*. A partir disso, entende-se que a análise ou pesquisa documental tem sua relevância, pois ela busca, através da análise de diferentes documentos, compreender, por exemplo, as normas, regimentos, a estrutura curricular da escola. Também nessa forma de análise estão colocadas outras fontes documentais, como “[...] jornais, revistas, fotos, filmes e gravações [...]” (SEVERINO, 2007, p.122-123), sendo, que dependendo do problema e do objeto de estudo, o pesquisador poderá escolher o que mais se encaixa.

Neste caso, a análise do documento citado acima teve por objetivo perceber como se apresenta a organização dos espaços da escola. Também se identificou, por meio deste documento, a percepção da escola em relação à participação dos alunos associados à temática, ou seja, percebendo a sua visão em relação ao espaço escolar e à participação dos alunos nesse processo. Ainda, utilizaram-se para este momento duas categorias teóricas, importantes e norteadoras desta pesquisa, sendo elas: participação dos jovens e usos dos espaços físicos da escola.

Também, a análise foi amparada, em alguns momentos, nas ideias de Cellard (2008), o qual destaca que a análise de documentos deve seguir algumas etapas importantes, como analisar o contexto em que o documento foi escrito, ou elaborado, os autores associados a criticidade da escrita desse documento, os conceitos-chave e a análise, sendo que estes elementos auxiliam na busca e na interpretação da análise documental.

A terceira etapa do desenvolvimento da pesquisa está relacionada com as entrevistas (Apêndice A). Segundo Severino (2007, p. 124), entrevista é a “Técnica de coleta de informações sobre determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados”. Ainda Gaskell (2002, p. 65) traz que

a entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

As entrevistas podem ser categorizadas como estruturadas e semiestruturadas. Segundo Neto,

em geral, as entrevistas podem ser estruturadas e não-estruturadas, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, torna-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto: bem como com as estruturadas que pressupõe perguntas previamente formuladas. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas semi-estruturadas (NETO 1994, p. 58).

Nessa etapa foram entrevistados dois coordenadores pedagógicos do Ensino Fundamental anos finais e do Ensino Médio da escola. Inicialmente planejou-se entrevistar apenas com um coordenador pedagógico, mas pelo fato de sua saída da escola e a entrada da nova coordenadora, julgou-se relevante realizar a entrevista com os dois, pois tanto um quanto o outro possuem uma relação de aproximação com a escola, devido ao tempo em que eles estavam e estão na instituição escolar em que a pesquisa foi realizada. O objetivo da entrevista foi buscar compreender, a partir do olhar desses profissionais, como percebem a importância da organização dos espaços físicos escolares, como também a possibilidade da participação dos alunos nesse processo de decisão.

A escolha desses profissionais teve como base seu conhecimento em relação à escola. O coordenador pedagógico **A**⁴ teve um papel muito importante, pois devido a sua experiência e vivência, pôde destacar discussões relevantes, associadas à organização do espaço físico escolar, bem como em relação a participação de seus estudantes no processo de organização do espaço em que estão inseridos. Já o coordenador pedagógico **B** contribuiu muito pela sua experiência em relação à organização dos espaços físicos da escola, onde está em torno de 16 anos, sendo que desses 14 atuou na Educação Infantil, participando da construção da sua proposta educativa baseada nos pressupostos de Reggio Emilia.

⁴ Para fins de não identificação foram usadas letras para identificar cada entrevistado.

Ainda, a participação dos coordenadores pedagógicos do Ensino Fundamental anos finais e do Ensino Médio foi relevante, pois foi possível perceber como se olha para os espaços da escola para que assim se possa ter uma visão mais clara em relação a esse tema, como também seu posicionamento.

A quarta etapa da pesquisa associou-se ao questionário (Apêndice B), aplicado aos professores dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio da instituição em que a pesquisa foi realizada. A escola possui, nesta etapa do ensino, 15 professores, sendo que destes 14 responderam o questionário, que tinha por objetivo buscar compreender o olhar do educador acerca da relevância dos espaços físicos escolares, bem como sobre a participação dos estudantes em sua organização.

Em relação às técnicas de pesquisa, destaca-se que o questionário de acordo com Severino (2007, p. 125), é categorizado como um “conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudos”, ou seja, a aplicação do questionário aos professores da escola objetivava conhecer a sua opinião, acerca da temática de pesquisa. Ainda, o questionário pode ser elaborado com questões abertas ou fechadas, neste caso foram utilizadas questões fechadas, (p. 125-126) cujas “respostas serão escolhidas dentre as opções predefinidas pelo pesquisador [...]” ou seja, os participantes tinham que assinalar uma ou mais dentre as alternativas de resposta de cada pergunta.

A intervenção com os alunos foi a quinta etapa desenvolvida. Neste momento foi realizada uma discussão com os alunos acerca do tema, buscando compreender o que pensam em relação à organização dos espaços na escola, como também se elaborou uma proposta de reorganização dos espaços para o Ensino Fundamental anos finais e/ou Ensino Médio, através da participação colaborativa dos alunos.

Foi realizado um encontro com cada grupo, os quais aconteceram na escola com duração de, no máximo, três horas e em turno contrário de suas aulas. Os estudantes participantes cursam a etapa do Ensino Fundamental anos finais de 6º ano ao 9º ano e/ou Ensino Médio 1º e 3º anos do Ensino Médio, sendo que foram formados 3 grupos de alunos, 1 com os alunos de 7º ano, outro com alunos do 7º e 8º ano e outro grupo com alunos do 1º ano e 2º anos, totalizando 16 alunos participantes, os quais foram selecionados de forma aleatória, pelo seu interesse em participar da pesquisa. Além destes, participaram deste momento um coordenador, o qual coordenava a atividade e um observador, que auxiliou com anotações e com sua observação acerca do desenvolvimento das atividades.

A seguir, tem-se a descrição de como foram organizados os encontros:

1. No primeiro momento foi apresentado o objetivo da pesquisa aos alunos, realizando uma apresentação breve do projeto de pesquisa;
2. No segundo momento os estudantes foram convidados a elaborar dois desenhos, o primeiro que representasse um lugar da escola de que eles mais gostavam e o outro de que menos gostavam, sendo que depois apresentaram junto com a conversa em grupo apresentaram seus desenhos.
3. No terceiro momento, a partir de um roteiro pré-definido (Apêndice C), realizou-se uma conversa em grupos, com o objetivo de conhecer o que eles pensam e como enxergam o espaço físico da escola, o que acham que deveria mudar, como mudar, a importância desses espaços para eles, entre outros questionamentos.
4. No quarto e último momento os alunos foram instigados a pensar, com base em seus conhecimentos e nas discussões realizadas em grupo, como gostariam que os espaços da escola fossem organizados. Para nortear esta atividade tomou-se por base as orientações de Ceppi e Zini (2013) e Kowaltowski (2011), as quais evidenciam alguns elementos a serem observados quando se pensa em organização e construção de espaços: funcionalidade da sala de aula; tipo de mobiliário e de equipamentos; comportamento (mobilidade) dos usuários; funcionalidade de outros espaços internos, biblioteca, laboratórios, sala de aula, pátio coberto; condição de acessibilidade: existência de barreiras físicas, detalhamento de rampas, piso tátil, sinalização em Braille, banheiros especiais; conforto visual: existência de ofuscamento, características das janelas, tipo de iluminação natural e artificial, presença de cortinas ou protetores nas janelas, interferências de vegetação perto das aberturas, cores; conforto térmico: condições de ventilação, existência de mofo, radiação solar refletida, velocidade do ar, temperaturas (seco ou úmido), presença de ventiladores ou ar condicionado; conforto acústico: condições das aberturas, existência de equipamentos de ventilação ligados, ruídos percebidos, níveis sonoros, interferências sonoras de outros espaços;

A intervenção destacada acima realizada com os estudantes, na busca de sua percepção em relação à organização dos espaços físicos da escola, está baseada na metodologia de *Grupos Operativos*.

Segundo Bastos (2010, p. 160)

a técnica dos grupos operativos começou a ser sistematizada por Pichon-Rivière, médico psiquiatra, a partir de uma experiência no hospital de Las Mercedes, em Buenos Aires, por ocasião de uma greve de enfermeiras. [...] A experiência foi muito produtiva para ambos os pacientes, os cuidadores e os cuidados, na medida em que houve uma maior identificação entre eles e pôde-se estabelecer uma parceria de trabalho, uma troca de posições e lugares, trazendo como resultado uma melhor integração.

Desta forma, de acordo com Bastos (p. 161) “a técnica de grupo operativo consiste em um trabalho com grupos, cujo objetivo é promover um processo de aprendizagem para os sujeitos envolvidos”, ou seja, é uma forma de conversa em grupo, em que os participantes interagem entre si e, ao mesmo tempo, têm a possibilidade de compartilhar seu conhecimento e seus olhares, neste caso associado aos espaços físicos da escola em que os estudantes estão inseridos.

Ainda é relevante mencionar que os grupos sempre fizeram parte da vida das pessoas, por isso, quando se está em grupo, acaba-se envolvendo-se mais nas atividades, sentindo-se mais à vontade com a situação, ou seja, conforme evidencia Bastos (2010, p. 164),

na concepção de Pichon-Rivière, o grupo apresenta-se como instrumento de transformação da realidade, e seus integrantes passam a estabelecer relações grupais que vão se constituindo, na medida em que começam a partilhar objetivos comuns, a ter uma participação criativa e crítica e a poder perceber como interagem e se vinculam.

Bastos ainda apresenta a forma como os grupos operativos são organizados, sendo que isso foi levado em consideração no momento da intervenção com estudantes.

Nesta pesquisa a autora destaca que:

a técnica de grupo operativo propõe a presença e intervenção de um coordenador, que indaga e problematiza, estabelecendo algumas articulações entre as falas e os integrantes, sempre direcionando o grupo para a tarefa comum; e um observador que registra o que ocorre na reunião, resgata a história do grupo e depois analisa com o coordenador os pontos emergentes, o movimento do grupo em torno da tarefa e os papéis desempenhados pelos integrantes (2010, p. 166).

Realizar a intervenção com base na técnica de grupos operativos foi importante, pois conforme os autores que estudam essa técnica, destacam, realmente, a conversa em grupos promove uma integração e faz com que os participantes se sintam mais à vontade e mais instigados a falar e expor seu conhecimento sobre o assunto que se está discutindo.

Após o levantamento do diagnóstico e a coleta dos dados, através da análise documental, entrevistas, questionário e a intervenção com os estudantes foi realizada a análise desses dados, para que assim, se conseguisse responder ao problema de pesquisa e verificar se os objetivos foram alcançados.

A análise dos dados é uma fase muito importante da pesquisa. Esta fase auxilia nas considerações que serão realizadas, a partir da interpretação dos dados que foram sendo coletados ao longo do desenvolvimento da pesquisa, seja através de observações ou entrevistas.

Gomes (1994, p. 67) aponta que “quando chegamos à fase de análise de dados, podemos pensar que estamos no final da pesquisa. No entanto, podemos estar enganados porque essa fase depende de outras que a precedem”, ou seja, o autor comenta a importância que essa fase tem para que os objetivos da pesquisa sejam alcançados e que o problema de pesquisa seja respondido, tendo um cuidado para não perder o foco da fundamentação teórica, como também para estabelecer com precisão e clareza o caminho metodológico a seguir.

Para contribuir com a análise, algumas categorias foram pré-definidas, sendo elas: espaço escolar, organização do espaço escolar e protagonismo dos estudantes, as quais nortearam os olhares na busca pelo alcance dos objetivos e do resultado final deste estudo. Neste caso, por ser uma pesquisa de natureza qualitativa, com base na pesquisa de campo, amparou-se em alguns momentos, na análise de conteúdo. A partir do olhar de Gomes (p. 74) essa técnica surgiu “nos Estados Unidos no início do atual século. Seus primeiros experimentos estavam voltados para a comunicação de massa”.

Ainda, o autor vai destacar que a análise de conteúdo possui duas funções, quando se fala em aplicação técnica:

Uma refere à *verificação de hipótese e/ou questões*. Ou seja, através da análise de conteúdo, podemos encontrar respostas para questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipótese). A outra função diz respeito à *descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos*, indo além das aparências do que está sendo comunicado. As duas funções podem, na prática, se complementar e podem ser aplicadas a partir de princípios da pesquisa quantitativa ou da qualitativa (GOMES,1994,p.74).

Nesse sentido, buscar alguns elementos na técnica de análise de conteúdo foi de grande relevância, pois contribuiu para analisar os dados coletados ao longo do desenvolvimento da pesquisa, auxiliando também no alcance dos objetivos propostos e na resposta do problema de pesquisa. Também se ressalta que a pesquisa foi aprovada pelo

Comitê de Ética da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim, podendo ser consultada pelo número CAAE: 88636318.7.0000.5564 e Número do Parecer: 2.752.269.

3.2 PRODUTO FINAL

O produto final deste trabalho foi elaborado a partir do desenvolvimento da pesquisa, sendo que cada etapa da metodologia contribuiu para se chegar ao produto final, o qual tem por objetivo a construção de um material que possa auxiliar a escola em que se realizou a pesquisa na organização de seus espaços físicos, com base na contribuição de seus estudantes, os quais usufruem de forma intensa esses espaços.

Neste momento, uma das etapas mais importante foi a participação dos alunos na intervenção, pois a partir de seu conhecimento, das atividades que foram desenvolvidas e de suas percepções, foram pensadas novas formas de organizar os espaços da escola, as quais estão representadas em uma proposta de organização do mobiliário no espaço físico de uma sala de aula, um dos espaços mais frequentados pelos estudantes e cheio de significados.

Após as discussões para intervenção, os alunos foram provocados a pensar novas formas de organizar o espaço da sala de aula, sendo que esse desafio proposto a eles foi realizado por meio da descrição, levando em consideração os olhares, conforme citado na metodologia de Ceppi e Zini (2013) e Kowaltowski (2011). Após, a pesquisadora elaborou, com o auxílio de uma profissional da área da engenharia e com base nas falas dos estudantes, um projeto arquitetônico de uma sala de aula.

A partir disso, será entregue para a escola onde a pesquisa foi realizada um relatório com as partes principais dos resultados deste estudo do espaço físico da instituição e uma cópia do projeto arquitetônico da sala de aula, para que a escola possa usar da forma que achar pertinente.

4. CONHECENDO A ÁREA DE ESTUDO

Neste capítulo são abordados elementos relevantes para conhecer e compreender como o espaço físico da escola em que a pesquisa foi realizada está organizado. Destaca-se também uma breve retomada do seu processo histórico de constituição, bem como um direcionamento para os espaços atuais, e ainda buscou-se observar o “Projeto Educativo Marista”, o qual é um documento basilar para a estruturação dos diferentes ambientes que fazem parte da constituição desta instituição de ensino.

4.1 ANÁLISE DO AMBIENTE DE PESQUISA: BREVE RETOMADA HISTÓRICA

A instituição escolar em que foi realizada a pesquisa é uma escola localizada no município de Erechim, RS, mais precisamente na região norte do Estado. A instituição faz parte da rede privada de ensino do município e localiza-se na sua área central, possuindo uma extensão territorial de 10 mil m², ocupando praticamente uma quadra da rua, fazendo parte da Rede Marista de Educação, a qual possui escolas em várias cidades do Brasil e até mesmo no mundo todo, seguindo legado de seu fundador São Marcelino Champagnat (COLÉGIO MARISTA, 2018).

A escola estabeleceu-se no município por volta de 1935, com a chegada dos Irmãos Maristas à cidade. No início ela possuía três cursos, o Primário, Admissão e Ginásio, possuindo em torno de 114 alunos na época. A partir de 1937 ela passa a funcionar em outro prédio da cidade como sistema de internato, onde está até hoje, mas não mais nesse sistema (COLÉGIO MARISTA, 2018).

Hoje a instituição possui em torno 707 alunos, oriundos da área central do município, como também de áreas periféricas e até mesmo de municípios menores localizados no seu entorno, atendendo os níveis da Educação Infantil, Ensino Fundamental anos iniciais e finais e Ensino Médio, além disso possui Turno Integral. Como a escola está inserida na parte central do município, tem-se uma grande concentração de lojas e estabelecimentos comerciais em geral ao seu redor, o que de certa forma acaba por influenciar na dinâmica da organização da instituição, como por exemplo, o grande movimento de carros e pessoas diariamente, sendo que isso impacta e se faz presente na escola a partir do som, dos ruídos e também da paisagem que a cerca.

Isso vai ao encontro das reflexões de Escolano (2001, p.27-28), quando menciona a importância de perceber não somente a escola, mas o seu entorno, pois esses elementos devem ser levados em consideração ao se pensar o currículo, bem como a organização dos espaços, sendo que a localização da instituição revela muito sobre o seu papel no ambiente em que está inserida, ou seja, como Frago (2001, p.64) destaca, o espaço não pode ser visto como neutro, ele faz parte do lugar como um todo, e isso reflete na comunicação da escola com a comunidade escolar, podendo influenciar nas relações sociais da produção e organização deste espaço.

O olhar da instituição em relação à educação é pautado na missão de uma educação integral, conforme encontra-se no site da escola e nos documentos “Promover educação integral através de processos inovadores e de qualidade, seguindo o carisma marista, formando cidadãos éticos e comprometidos com a sociedade” (COLÉGIO MARISTA, 2018).

Nesta perspectiva destaca-se que a Educação Infantil da escola em questão tem como base uma proposta educativa pautada na abordagem educacional de Reggio Emilia, a qual baseia-se em um olhar diferenciado em relação à criança, evidenciando o diálogo e a escuta como forma de comunicação entre professores, estudantes e famílias. Também se destaca dentro dessa proposta a organização dos espaços, os quais são pensados para fortalecer e proporcionar um ambiente que auxilie a criança no desenvolvimento de suas múltiplas linguagens, a partir do processo de vivenciar experiências instigando sua criatividade.

Neste sentido, fica evidente a organização dos espaços da Educação Infantil da escola, os quais chamam atenção, pois são espaços que promovem o bem-estar dos sujeitos que ali estão inseridos, proporcionando vivenciar diferentes experiências. Conforme Gandini (1999, p. 151) aponta, os espaços devem estar direcionados para a interação entre os que o utilizam, promovendo um espaço de diálogo e discussões.

Em relação aos espaços da escola, objeto deste estudo, a partir de um levantamento histórico percebeu-se uma crescente mudança em relação à organização e disposição dos espaços na instituição. Segundo o histórico da escola, ela sempre teve um olhar diferenciado para a educação e uma preocupação com os ambientes do corpo estrutural da instituição. Como exemplo, a significativa presença de laboratórios associados às áreas do conhecimento, como ciências da natureza e ciências humanas, sendo que esses espaços continham armários, carteiras e materiais didáticos, como esqueletos, balanças, microscópio, coleção de insetos, borboletas, globo terrestre, bússola, barômetro, entre outros que eram utilizados nas aulas (HISTÓRICO ESCOLAR COLÉGIO MARISTA MEDIANEIRA, 2015).

Em pesquisa realizada no histórico escolar da instituição e em visita ao local da área de estudo, encontraram-se elementos relevantes relacionados à forma de organização do edifício da escola no período de início de suas atividades na década de trinta e que ainda estão presentes. Neste caso pode-se destacar estruturas internas como a entrada, a sala da direção, dos professores, a ala de atendimento às crianças, no caso Educação Infantil, localizadas no primeiro andar. Já no segundo andar encontram-se a biblioteca, mais salas de aulas e a capela, registro das escolas confeccionais, que hoje é utilizada para reuniões. Apesar da mudança que a instituição vem fazendo ao longo do tempo, influenciada por diferentes questões que permeiam a educação, desde um olhar para a evolução tecnológica, até mudanças no processo de ensino-aprendizagem, essa estrutura ainda é visível, apenas não se encontram mais os dormitórios, os quais, no início do sistema de internato, ficavam em um alojamento onde hoje é o campo de futebol e que depois, no final da década de cinquenta, passou para o terceiro andar da escola, onde hoje são salas de aula e laboratórios, como o de ciências e robótica (HISTÓRICO ESCOLAR COLÉGIO MARISTA MEDIANEIRA, 2015).

Indo ao encontro da descrição acima realizada, Frago (2001, p.100-110) aponta aspectos importantes e que remetem à forma como a escola foi sendo organizada ao longo do tempo, sendo que essa organização tem por base a estrutura das escolas localizadas na Europa e com um cunho religioso.

Em suas reflexões Frago (p. 110) destaca que

um exemplo, entre outros possíveis, seria o do colégio das Escolas Pias de Albacete, cujo o edifício foi construído em 1919 e ampliado em 1957. Na planta baixa, situam-se o serviços administrativos e de direção, o ginásio, a sala de reuniões e as salas de aula da pré-escola e psicomotricidade. No primeiro andar acham-se a maioria das salas de aula, a biblioteca e os laboratórios. E no, segundo andar, a residência da comunidade religiosa, a capela, uma sala para atividades religiosas, um antigo dormitório de internos e três salas de aulas.

Outro ponto de destaque são as salas de aula que na época, por volta da década de quarenta, eram compostas pelos seguintes elementos, “mesa com tablado para o professor; dez ou vinte carteiras duplas para os alunos, de madeira e com local para colocar o tinteiro, um quadro-negro, um crucifixo, de um a três quadros (com imagens religiosas) e uma folhinha comercial (calendário)” (HISTÓRICO ESCOLAR COLÉGIO MARISTA MEDIANEIRA, 2015).

Neste contexto, fica evidente a relação desta forma de organização com os estudos destacados por Kowaltowski (2011), quando traz e comenta sobre as formas de organização dos espaços, pautados no princípio de salas com as classes enfileiradas, a presença do quadro-

-negro, dentre outros elementos que ainda estão presentes nas escolas, sendo que nas discussões de Frago (2001) também se pode encontrar apontamentos relacionados a essa forma de organização das salas de aula, onde que o autor traz todo um olhar para os objetivos e os impactos dessa organização, como, por exemplo, a relação professor-aluno e espaço, o qual pode estar associado à proposta pedagógica da instituição, como também a uma forma de dominação e poder sobre o outro, visto que o professor era considerado o detentor do saber, por isso o seu destaque a partir do tablado presente nesses ambientes. Alguns desses aspectos foram se modificando ao longo tempo, os quais poderão ser vistos na descrição a seguir, no próximo tópico deste capítulo.

Pode-se também observar que ao longo do tempo o entorno da escola foi se transformando, as paisagens foram se modificando, por interferência do aumento populacional e do desenvolvimento que o município veio tendo ao longo dos anos.

Hoje a escola possui uma boa infraestrutura, com recursos tecnológicos interessantes, com lousas digitais, acesso à internet, computadores e um ambiente virtual que pode ser utilizado para o desenvolvimento de atividades com os alunos. Em relação aos espaços da escola, cita-se o ambiente das salas de aula em que, realizando observações, são perceptíveis algumas disparidades associadas ao nível de ensino.

No tópico a seguir, é realizada uma descrição dos espaços físicos da escola por meio de imagens, destacando sua organização em diferentes ambientes, como corredores e salas de aula, a partir do nível de ensino em que estão inseridas, destacando apontamentos relevantes.

4.1.1 Descrição dos espaços atuais do ambiente de pesquisa

As observações analisadas a seguir contribuirão para compreender a organização atual dos espaços das salas de aula, dos corredores, entre outros ambientes em que o uso pelos estudantes é bastante intenso. A caracterização é dividida por nível de ensino, sendo que primeiro é analisada a Educação Infantil, em seguida o Ensino Fundamental anos Finais e o Ensino Médio.

As fotografias (1 e 2) mostram a sala ocupada pelas crianças da Educação Infantil, a qual se apresenta com uma organização diferenciada em relação ao espaço e à interação entre os que a usufruem, ou seja, é mais descontraída, fugindo daquele modelo mais tradicional de organização, com uma mobília diferenciada, com diversos ambientes e materiais dentro de um mesmo local, possibilitando um espaço de criatividade para os estudantes.

Fotografia 1- Sala de aula da Educação Infantil



Fonte: A autora

Fotografia 2- Sala de aula da Educação Infantil



Fonte: A autora

Percebe-se, na organização dos espaços das salas de aula acima, a influência da abordagem educacional de Reggio Emilia, já citada no início deste capítulo. Partindo dessa observação, evidenciam-se elementos como as mesas que proporcionam que os alunos trabalhem em grupos. O tamanho das classes também é importante, pois está na altura das crianças, o que facilita o trabalho, bem como a bancada com os materiais de fácil acesso para as crianças, a presença de um computador, o que mostra a evolução tecnológica e o incentivo à investigação. Também são perceptíveis espaços destinados ao diálogo, onde decisões podem ser tomadas de forma coletiva pelos estudantes.

Essas formas de organização das salas correspondem aos estudos apontados por Rinaldi (2013, p.127), que destaca a importância de pensar os espaços como forma de possibilitar que a criança potencialize suas habilidades e criatividade, respeitando o seu individualismo, bem como fortalecendo-o em grupo. Também pode-se apontar as reflexões de Gandini (1999) e Malaguzzi (2017), quando mencionam que a perspectiva de Reggio Emilia aborda um olhar em que o planejamento dos espaços deve promover um processo de interação entre as crianças e o ambiente em que estão inseridas, para que assim elas possam, aos poucos, desenvolver seu protagonismo na escola.

Outro ambiente importante, e que ganha destaque na escola, são os corredores da área da Educação Infantil (fotografias 3 e 4). Nos corredores são expostos os diferentes trabalhos elaborados pelas crianças ao longo dos projetos que elas vão desenvolvendo, sendo que estes projetos são pensados pelas próprias crianças e decididos em forma de assembleia. Desta

forma, pensar a organização dos corredores, expondo ali as atividades desenvolvidas pelas crianças é uma forma de interação entre escola e família, evidenciando o corredor como uma extensão da sala de aula, ou seja, integração entre os espaços.

Fotografia 3- Corredores na área da Educação Infantil



Fonte: A autora

Fotografia 4- Corredores na área da Educação Infantil



Fonte: A autora

Nestes corredores fica evidente a presença de diferentes materiais, os quais possuem diversas cores, formatos e composições, sendo que chamam a atenção não só de quem passa por estes espaços, mas também das crianças que usufruem estes ambientes carregados de conhecimento. O corredor como extensão da sala de aula vai ao encontro das reflexões de Malaguzzi (2017, p.62), quando aponta que é relevante a interação entre os diferentes ambientes na escola, sendo que eles devem ser planejados para o bem-estar das crianças que utilizam esses lugares diariamente.

Na segunda parte realizou-se a descrição dos espaços utilizados pelos estudantes do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio. Nestes ambientes encontram-se salas de aula equipadas com lousa digital, computador, som e projetor, instrumentos importantes para o bom desenvolvimento de uma aula, pois esses recursos mostram-se necessários para instigar os alunos, bem como proporcionam aos alunos uma integração entre eles, escola e ambiente externo da escola, visto que hoje o avanço tecnológico é algo que está acessível a quase todas as pessoas.

Evidencia-se ainda que as salas de aula do Ensino Fundamental anos finais vêm avançando no processo de organização dos espaços. Em algumas salas percebe-se a disposição dos alunos em pequenos grupos, círculos, duplas e trios, como também podem ser usados durante as atividades outros espaços, como o pátio e a biblioteca, sendo que estes ambientes também precisam ser pensados para potencializar cada vez mais o seu uso.

Em relação ao Ensino Médio, as salas de aula, no ano de 2018, possuíam diferentes materiais, como a mobília, o sofá e mesas maiores para trabalhos em grupos. Na parede foi acrescentado um papel para a escrita, ou seja, uma forma de inverter o quadro durante as aulas, como também duas mesas e sofás que poderiam ser movidos e trocados de lugar a qualquer momento. Neste ano estas salas sofreram algumas modificações, como, por exemplo, a retirada dos sofás e da lousa digital e com as paredes de trás da sala móveis, possibilitando sua abertura e se conectando com outras salas, conforme fotografia 5 a seguir.

Fotografia 5- Novas salas de aula do Ensino Médio



Fonte: A autora

Analisando as salas de aula em que os estudantes do Ensino Fundamental anos finais estão inseridos, percebem-se iniciativas de mudanças. A forma de organização em duplas é um ponto relevante a destacar, pois atesta a tentativa de trabalhar de forma coletiva, como também proporciona que eles possam trocar experiências e vivências, interagindo uns com os outros. Isso também acontece nas salas do Ensino Médio, em que a ideia de inverter o quadro pode proporcionar maior interação entre os sujeitos inseridos nestes espaços. Ceppi e Zini (2013), ressaltam que os espaços devem ser projetados para que ofereçam conforto, não apenas no que diz respeito à mobília, mas também em relação à iluminação, umidade, ventilação, entre outros elementos importantes que fazem parte de um projeto.

Um ponto relevante, quando se trata do desenvolvimento do protagonismo dos estudantes, pode estar relacionado ao foco que é dado ao trabalho em grupo, pois pensar com o coletivo é uma forma de ter que tomar decisões e resolver problemas, pontos importantes que requerem autonomia por parte dos estudantes.

As fotografias seis e sete abaixo representam os corredores localizados na área de uso do Ensino Fundamental anos finais e do Ensino Médio. A partir disso, pode-se observar que esses espaços possuem uma organização mais simples, sem muitos detalhes, apenas na imagem sete observam-se uns bancos feitos de pneus reutilizados, sofás para sentar e uma planta, ou seja, percebe-se que em relação aos corredores que correspondem ao Ensino Médio e Ensino Fundamental anos finais não ocorre de fato uma extensão das atividades realizadas durante as aulas, diferente do que é encontrado quando se analisa os corredores da Educação Infantil, destacados anteriormente.

Fotografia 6- Corredores da área do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio



Fonte: A autora.

Fotografia 7- Corredores da área do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio



Fonte: A autora.

Em decorrência, destacam-se alguns apontamentos em relação à forma como os espaços do ambiente em que a pesquisa foi realizada se apresenta. A diferença entre a organização das áreas que fazem parte da Educação Infantil e as áreas do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio é bem perceptível. Uma das justificativas para isso, conforme mencionado anteriormente, associa-se à proposta educativa pedagógica que norteia toda a organização desse nível de ensino, sendo que esta proposta não atinge os níveis do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio, o que acaba impactando nessa diferenciação da organização espacial dessas áreas, bem como se torna relevante mencionar que cada nível de ensino possui objetivos diferentes a serem alcançados, sendo este um elemento importante a ser destacado.

Dentro desta visão, a partir das observações realizadas, percebeu-se um grande avanço que o Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio estão realizando na organização dos

espaços, como as salas de aula, em que fica evidente a preocupação com a organização e com os recursos tecnológicos utilizados pelos estudantes, sendo que eles também fazem parte deste espaço.

Ainda em relação aos espaços físicos, destaca-se o novo parque infantil construído na escola no ano de 2019, o qual possui brinquedos diferentes para as crianças, com materiais em madeira, piso emborrachado que possibilita uma melhor aderência no momento do desenvolvimento de atividades com os pequenos, conforme fotografia oito abaixo. Também neste ambiente foi construído um estúdio de aprendizagem, onde podem ser desenvolvidas diversas atividades ligadas aos diferentes campos do conhecimento, conforme fotografia nove abaixo.

Fotografia 8- Novos brinquedos no parque da Educação Infantil



Fonte: A autora

Fotografia 9- Estúdio de aprendizagem



Fonte: A autora

O estúdio de aprendizagem, fotografia dez abaixo, pode ser comparado ao ateliê presente nas escolas de Reggio Emilia, sendo que este espaço é usado para o desenvolvimento de atividades desde a Educação Infantil até ao Ensino Médio. Conforme aponta Gandini (1999), este ambiente possui o objetivo de promover a construção de um conhecimento significativo pelos estudantes. Também Burrington (2012, p. 69) destaca que “ o ateliê se tornou uma parte integral da identidade compartilhada [...]”. promovendo, “[...] de forma ativa e reflexiva, a sua evolução continuada e, por sua vez, o ateliê serve para inspirar o trabalho dedicado das crianças e professores”.

Fotografia 10- Interior do estúdio de aprendizagem



Fonte: A autora

Tendo em vista os aspectos observados, é relevante destacar os diferentes olhares para a organização dos espaços da escola, os quais se apresentam distintos em relação ao nível de ensino. Entretanto, é importante perceber a escola como um todo e pensar em uma forma de organização ou reorganização dos espaços, que leve em consideração elementos relacionados à abordagem educacional de Reggio Emilia, como o diálogo, a escuta, as vivências e experiências dos estudantes que fazem parte desta instituição, possibilitando o fortalecimento de sua participação, instigando sua criatividade e contribuindo para a construção do seu conhecimento e do seu protagonismo.

O subitem a seguir aborda a análise dos dados acerca do documento normativo Projeto Educativo Marista, o que norteia a forma de organização da escola em que a pesquisa foi realizada, o qual contribuiu com elementos relevantes referentes ao currículo, os espaços físicos e a participação dos estudantes.

4.2 O QUE DIZ O PROJETO EDUCATIVO SOBRE OS ESPAÇOS?

Com base nas observações dos usos e organização dos espaços da escola, foi realizada a análise de um documento normativo, o qual norteia a organização curricular da instituição em que a pesquisa foi desenvolvida. O documento analisado, conforme citado no percurso metodológico, foi *Projeto Educativo do Brasil Marista: Nosso jeito de conceber a Educação Básica*. Para esta análise, levou-se em consideração duas categorias teóricas importantes, sendo elas: participação dos jovens e espaço físico escolar.

O *Projeto Educativo do Brasil Marista: Nosso jeito de conceber a Educação Básica* foi publicado em 2010, pela UMBRASIL (União Marista do Brasil), contendo 132 páginas. Este documento tem por objetivo nortear a organização curricular das escolas que fazem parte da rede Marista de ensino, respeitando suas individualidades e diversidades (UMBRASIL,

2010). Sua construção teve como base um marco referencial e legal, por meio da legislação vigente no Brasil, a qual se associa a leis e resoluções que orientam e norteiam a Educação Básica Brasileira, sendo algumas: “Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Lei nº 9.394/96 Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 8.069/90 Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 10.172/01 Plano Nacional de Educação” (UMBRASIL, 2010, p. 80), entre outras destacadas no documento.

O documento está constituído de cinco capítulos, sendo que cada capítulo contém subitens que orientam a organização curricular das instituições vinculadas à rede. Este documento foi escrito de forma coletiva, conforme é apontado nas suas palavras iniciais “O Projeto Educativo do Brasil Marista é uma produção coletiva [...]” e ainda destaca que, “o propósito é dar unidade ao processo educativo das escolas maristas, sempre com profundo respeito às experiências e trajetórias de cada Província e do Distrito e dialogando com as diversidades” (UMBRASIL, 2010).

Destacam-se no primeiro capítulo os olhares da instituição para com os jovens, o que aparece em um dos princípios destacados no documento, sendo ele 8. *Protagonismo infanto-juvenil como forma de posicionamento no mundo*. (UMBRASIL, 2010, p. 17). Ainda ele traz que esse protagonismo, “[...] possibilita que os sujeitos se assumam como capazes de conduzir processos individuais e coletivos” (p. 18).

Nesses dois momentos citados, é interessante observar que existe, por parte da instituição, um reconhecimento em relação ao papel dos jovens, sendo que por meio do protagonismo destacado é perceptível o intuito de fazer com que os jovens possam participar mais ativamente, posicionando-se em relação aos acontecimentos que permeiam a sociedade mundial, indo ao encontro das palavras de Ribas Jr. (2004), citado no referencial, quando destaca que a escola deve proporcionar momentos para que os estudantes possam ter a oportunidade de participar mais ativamente das atividades desenvolvidas pela instituição.

Ainda, um dos pontos importantes destacados no documento, vincula-se à dimensão contextual, a qual se associa aos momentos de transformação por que o mundo passou e está passando nas últimas décadas, atrelados aos *aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais*. Destaca-se, a seguir, que

na dimensão contextual do Projeto, são abordados traços das realidades contemporâneas, as origens e a trajetória do Instituto e da missão marista no Brasil, seus campos de atuação, contornos de internacionalidade e de brasilidade e Educação Básica Marista em rede. Estes aspectos contribuem para o delineamento das dimensões conceitual, operacional e avaliativa do Projeto (UMBRASIL, 2010, p. 24).

No mesmo documento, evidenciam-se que

os contextos contemporâneos, configurados nas últimas décadas, em especial no início deste século, possuem uma singularidade que os diferencia e distingue profundamente dos cenários do século passado no que tange aos aspectos econômico, político, cultural, socioambiental e tecnológico. Nunca em nenhum outro período da história a humanidade viu se transformarem ou ruírem de forma tão rápida e contundente as certezas sobre as quais os modos de vida são organizados e controlados. Rompem-se de forma surpreendente os modelos organizados desde a antiguidade e de um modo muito especial os forjados na modernidade clássica (p. 25).

Conforme apontado no documento, pode-se perceber que existe uma preocupação por parte da instituição em relação às mudanças que estão ocorrendo, as quais afetam de forma direta os jovens presentes nas escolas, sendo que isso acaba por fazer com que se repense o modelo de educação, ou, que se repense o papel dos jovens nas escolas, locais de que eles fazem parte diariamente, por meio do convívio nos diferentes espaços.

Desta forma, pode-se levar em consideração as ideias de Paulo Freire (2013), quando menciona a importância de valorizar os jovens que estão presentes nas escolas, os quais são afetados de forma direta pelas transformações que a sociedade atual viveu e vive neste momento. Também, suas palavras evidenciam o papel da educação no que tange a essas modificações que vêm ocorrendo, pois é nesse ambiente escolar que se refletem todas essas mudanças.

Em conformidade, o documento ainda traz que “a educação marista, empenhada na luta por justiça e por estruturas de solidariedade, valoriza o indivíduo como sujeito de direitos e cria oportunidades para seu acesso a *espaçotempos*⁵ sociais, culturais e educacionais (UMBRASIL, 2010, p. 26. grifo do autor).

Ainda, é perceptível na visão da instituição, o direcionamento de suas atitudes e tomadas de decisões para com o papel que o jovem exerce e poderá exercer na escola, bem como fora dela, em espaços externos. Desta forma, evidencia-se um trecho importante que consta no capítulo três do Projeto, intitulado: *Dimensão Conceitual: Delineamentos e posicionamentos*”, no subitem *3.1 Pedagogia Marista: uma abordagem própria*, a qual aponta:

Nessa perspectiva, a pedagogia marista integra a formação afetiva, ética, social, política, cognitiva e religiosa. O jeito de educar fundamenta-se em uma formação integral. Investe na observação, na investigação, na reflexão, na abertura à realidade,

⁵“ É a expressão usada no Projeto para caracterizar a escola marista, conforme explicado, no capítulo 3, item 3.3, subitem 3.3.3: “ A escola é compreendida como *espaçotempo*, pois se materializa num tempo e lugar localizados, precisos, específicos, numa história e geografia cotidianas, nas quais nos formamos como sujeitos da educação-da educação marista” (UMBRASIL, 2010, p. 26).

no posicionamento crítico, na negociação, no protagonismo, em atitudes solidárias, no respeito e no cuidado com a natureza, na compreensão e na significação do mundo. Desenvolve o espírito de pertença, “o sentido do outro” e apresenta a solidariedade como “a virtude cristã dos nossos tempos”, amparada na ética e na espiritualidade (UMBRASIL, 2010, p. 43).

Em conformidade, Lima (2013), citado no referencial teórico, evidencia a escola como um ambiente que vai além de espaço destinado à produção de conhecimento, mas como um lugar de interação entre os sujeitos que ali estão presentes, onde estes compartilham suas experiências e vivências cotidianas, tornando a escola cada vez mais um espaço que exerce importante função social.

Neste sentido, torna-se relevante pensar na escola como um espaço em que essa formação possa acontecer, proporcionando aos estudantes momentos de vivência, os quais estão baseados na pedagogia marista, citada acima. Outrossim é importante destacar que o olhar que o Projeto traz vincula-se a um posicionamento da instituição em relação ao papel dos jovens, no sentido de sua participação na tomada de decisões, bem como nos diferentes usos dos espaços da escola.

Decorrente disso, no subitem 3.3.5 *Infâncias, adolescências, juventudes e vida adulta no contexto contemporâneo*, apresenta-se uma ideia em relação ao reconhecimento das diferentes identidades das crianças, dos adolescentes e dos jovens que fazem parte da instituição, sendo que o Projeto aponta que

é necessário reconhecer que, no contexto contemporâneo, se dá a emergência de um novo estudante, com novas necessidades, capacidades, racionalidades e desejos. As populações escolares, nos múltiplos cenários atuais, são compostas por uma diversidade de infâncias, adolescências, juventudes e modos de vida adulta. Isso implica compreendê-las como um “fenômeno de impressionante complexidade” constituído por novas e distintas categorias sociais, que sentem, pensam e significam o mundo de um jeito muito próprio (UMBRASIL, 2010, p. 57).

Na citação feita, percebe-se que por parte do Projeto há um reconhecimento de que os tempos mudaram e estão mudando, o que implica na nova geração que está se formando nas escolas, nas novas crianças, novos adolescentes e novos jovens, os quais não exercem mais apenas o papel de ouvir, mas sim, de escuta e diálogo, ou seja, de interação ativa nos espaços de que usufruem.

A partir da leitura, percebeu-se que a forma de organização do currículo apontada pelo Projeto vincula-se a uma construção coletiva, levando em consideração as diversidades e pluralidades presentes nos diferentes cenários, sejam eles políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais. Desta forma constata-se no Projeto que “a construção do currículo é

um processo coletivo. Ou seja, ele não é construído para, mas pelos diversos sujeitos que compõe o processo” (UMBRASIL, 2010, p. 59).

Em meio a essas discussões entende-se que a organização curricular apresentada no Projeto Educativo da instituição possui um viés de abertura para diálogos, escuta e discussões nos diferentes âmbitos presentes dentro e fora da escola, conforme é apontado no trecho abaixo:

Compreende o currículo como dinâmica que seleciona, inclui e organiza as experiências educativas sob responsabilidade da escola e de seus sujeitos, de modo a efetivar suas teorizações e concepções e a atualizar nossa missão nos cenários contemporâneos. Um currículo dessa natureza - aberto às diferentes formas e pensar e viver o mundo – configura-se como um a mapa-roteiro conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível a modificações. Diferente de currículo como sinônimo de grade, assemelhasse mais a uma teia ou rede (UMBRASIL, 2010, p. 60).

Neste sentido, pode-se associar a ideia de currículo apresentada pelo Projeto, com o olhar de Freire (2004), quando refere a importância de um reconhecimento da função que a escola, enquanto espaço de aprendizagem e socialização exerce, espaços estes sejam eles físicos ou não, auxiliem e incentivem os estudantes a participar cada vez mais da construção de um currículo e de um ambiente inovador, aberto à escuta, diálogo e participação, focando no seu processo de autonomia.

Decorrente dessa colocação, no capítulo quatro, intitulado *Dimensão Operacional: As políticas institucionais nas ações* apresentam-se algumas intervenções relacionadas ao *espaçotempo* presente na escola. Estas ações associam-se a momentos vinculados à Pastoral da escola, sendo que neste ambiente os jovens são provocados a pensar questões relacionadas ao cotidiano da sociedade, intervindo de forma crítica e atuante, ou seja, “desenvolve-se, assim, uma mentalidade cristã aliada a uma consciência crítica, para se relacionar e atuar na sociedade” (UMBRASIL, 2010, p. 67).

Também está presente no Projeto Educativo, *espaçotempo* vinculado à investigação e produção do conhecimento, por meio do incentivo à pesquisa, a qual busca relacionar de forma inter e transdisciplinar os conteúdos, bem como trabalha com várias alternativas didáticas pedagógicas, sendo elas, “a mediação, a pesquisa, a contextualização, a recontextualização ⁶, as sequências didáticas; os projetos de intervenção social [...]” (UMBRASIL, 2010, p. 68).

⁶ Segundo o Projeto Educativo recontextualização refere-se ao entendimento das reinterpretações que sofrem os diferentes textos em sua circulação pelo meio educacional (UMBRASIL, 2010, p. 69).

Ainda se destaca que a partir da leitura do documento são perceptíveis a presença e o olhar para o *espaçotempo* de criação, o qual vincula-se à pedagogia da invenção e à pedagogia da pergunta, conforme é apontado no Projeto Educativo:

A escola marista torna-se *espaçotempo* de reflexão, discussão e participação responsável nas questões que envolvem a dinâmica da comunidade, procurando garantir o direito de expressão de todos, o exercício do pensamento reflexivo, da crítica e da autocrítica, o colocar-se no lugar do outro e a busca de alternativas e soluções compartilhadas na resolução de conflitos, pautadas pelo respeito às diferenças. Esse *espaçotempo* se concretiza nos mais diversos ambientes e situações pedagógicas que envolvem tomadas de decisão, representatividade e respeito à coletividade (UMBRASIL, 2010, p. 69).

As palavras apontadas no Projeto vão ao encontro dos estudos de Costa (2001) e Silva (2009), os quais trazem que a participação dos jovens na escola associa-se a um olhar de cooperação entre os sujeitos que usam esses espaços, sendo que por meio do cooperativismo é possível construir uma educação permeada pelo diálogo, proporcionando aberturas para pequenas intervenções dos estudantes. Desta forma, a partir das reflexões de Freire (2005), é perceptível o papel da escola no processo de transformação, possibilitando que os sujeitos construam cada vez mais sua autonomia.

Em relação aos espaços físicos da instituição o Projeto Educativo traz no subitem 4.5 *Arquiteturas educativas*: espaços e tempos pedagógicos, um olhar mais atento às estruturas físicas, ou seja, a parte arquitetônica da escola ganha uma atenção maior, pois faz parte da organização curricular pensar os diferentes espaços físicos, os quais não podem ser deixados de lado, devido a sua relevância no processo de aprendizagem, bem como na interação entre os sujeitos que usam esses espaços. Desta forma, o Projeto apresenta que

a arquitetura e os espaços ganham contornos mais amplos e complexos no universo pedagógico. É preciso considerar que neles há um currículo em atuação e que são permeados por conteúdos, significados e culturas. Funcionam como uma pedagogia, como um terceiro educador: há um currículo em atuação; por eles circulam conteúdos, significados e culturas; contêm um conjunto organizado de estratégias de ensinar, de regras a seguir, de modos de viver e de agir; forjam sujeitos, suas posições e modos de ser. Levar isso em consideração significa olhar para a arquitetura e os espaços escolares de uma forma mais ampla e complexa (UMBRASIL, 2010, p. 92).

Juntamente com a ideia destacada no Projeto em relação aos espaços físicos da escola, Escolano (2001) traz em seus estudos a relevância que o ambiente físico tem no processo de construção do currículo. Destaca ele que pensar a estrutura física das instituições impacta no processo de interação entre os sujeitos que vivenciam diariamente esses espaços, pois ali são

expressas suas vivências e experiências, as quais contribuem para sua formação enquanto cidadãos. Pode-se também associar as palavras de Gandini (1999) com um trecho citado anteriormente, em relação à percepção de ver o espaço como um “terceiro educador”, o qual possibilita a interação com os sujeitos dentro do processo da mediação, pois é nesses ambientes que eles podem expressar-se de diferentes maneiras.

Olhar para a arquitetura vai além da materialidade, os espaços ganham forma, cores, sons e significados, conforme menciona Frago (2001) em seus estudos, quando mostra que o espaço não pode ser neutro e que ele carrega consigo a construção de várias identidades, as quais estão relacionadas aos sujeitos que ali estão inseridos.

Ainda, em conformidade com a posição que a instituição tem em relação à importância da arquitetura escolar, destaca-se que

a arquitetura educativa e os espaços pedagógicos abrangem estrutura física, localização, organização, distribuição e arranjo dos seus elementos constituintes, os sujeitos da educação e suas relações (entre si com os constituintes do espaço e com o próprio espaço), a variedade e a qualidade dos materiais, as linguagens (sons, silêncios, gostos, sabores, aromas, cores, luzes, sombras, temperatura, formas, texturas, afetos...), estética, ética, solidariedade, acessibilidade, alma, multifuncionalidade, polivalência, segurança, interesses, significados e respeito às culturas que por eles transitam. Portanto, não são neutros e sempre dizem algo. Dinâmicos, estão sempre se transformando, se recriando, ganhando novos sentidos à medida que os grupos sociais que neles se estabelecem também vão se modificando (UMBRASIL, 2010, p. 93).

A partir deste olhar em relação à arquitetura das escolas, pode-se associar as palavras e estudos de Kowaltowski (2011), a qual cita que a arquitetura dos prédios escolares deve ser pensada levando em consideração o processo e as concepções pedagógicas, bem como os indivíduos que fazem parte deste ambiente. Suas vivências e experiências são importantes para que estes espaços possam acolhê-los de maneira significativa. Kowaltowski também menciona o conforto que o espaço físico da escola deve oferecer aos sujeitos que usufruem desses ambientes.

Neste sentido, percebe-se que o Projeto Educativo marista leva em consideração esses apontamentos. Conforme observado na citação acima, há uma preocupação por parte das instituições ligadas à rede em pensar a qualidade desses espaços, bem como sobre o seu uso, sendo que, desta forma, é perceptível o cuidado que a instituição tem ao pensar os espaços físicos das escolas que fazem parte da rede.

Em conformidade, o Projeto Educativo apresenta um olhar em relação à parte arquitetônica das escolas, conforme citado abaixo:

A produção de arquiteturas educativas e espaços pedagógicos revela o modo como lemos os grupos sociais que circulam na escola, sua história, sua cultura. Espaços constituídos com zelo e carinho possibilitam que os estudantes/educandos construam uma relação de amor, de amizade com a escola-lugar, uma “topofilia” (UMBRASIL, 2010, p. 93).

As palavras acima, demonstram um olhar diferenciado para com os espaços físicos da escola. Esse olhar diferenciado associa-se a pensar a arquitetura para além da construção material. Desta forma, entende-se a relevância de ver a escola como um lugar de interação, de aprendizagem, de agentes transformadores, que deixam ali suas experiências e vivências do cotidiano, as quais acabam por fazer parte das configurações desses espaços.

Com base na leitura do documento normativo da escola, observou-se que a instituição possui um entendimento em relação à importância dos espaços físicos, bem como entende que o uso desses espaços está atrelado aos sujeitos que fazem parte cotidianamente desses ambientes. Destaca-se também que o olhar da instituição segue o que os autores que discutem sobre esses assuntos apontam, sendo que isso evidencia toda uma base teórico-conceitual, que no momento ampara a elaboração do seu Projeto.

Ainda, é perceptível e muito latente o cuidado com o pensar dos jovens que fazem parte da instituição. Por muitas vezes foi citada no documento a importância da participação desses estudantes na tomada de decisões, seja no ambiente interno ou externo da escola, valorizando cada vez mais seu ponto de vista, impactando na construção de sua autonomia.

Também, muito se mencionou sobre a abertura do espaço para escuta e diálogo, sendo que isso impacta em um processo de construção coletiva, indo ao encontro da proposta educativa de Reggio Emilia, base teórica para esta pesquisa, e que tem como princípio, um olhar para a educação que leve em consideração escutar e dialogar com as crianças, com os estudantes, como também, a arquitetura da escola é pensada para proporcionar espaços e momentos de convivências e partilha de experiências. Conforme destacam Edwards (1999) e Malaguzzi (2017), os sujeitos da escola aprendem interagindo uns com os outros e com o espaço físico em que estão inseridos.

Por fim, a análise do documento mostrou que a escola tende a priorizar uma relação diferenciada com os sujeitos que ali estão inseridos, principalmente com os jovens. Por meio da leitura do Projeto, percebe-se que existe uma intencionalidade vinculada a uma educação que defende a construção coletiva de um currículo aberto e inovador, possibilitando momentos de diálogo e escuta, proporcionando ações pedagógicas que instiguem cada vez mais a participação e a construção da autonomia dos estudantes. Ainda, a concepção

arquitetônica é levada em consideração quando se pensa na organização curricular, o que mostra um diferencial, pois entende-se que pensar os usos dos espaços físicos da escola também faz parte de uma educação que preza pela interação das vivências e experiências dos sujeitos presentes nesses espaços.

Prosseguindo, o capítulo a seguir evidencia a análise dos espaços físicos da escola, por meio do olhar da coordenação pedagógica e dos professores, que estão ativamente ligados com os estudantes, bem como com o que acontece na escola.

5 UM OLHAR DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E DOS PROFESSORES ACERCA DOS ESPAÇOS E PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS

Este capítulo aborda elementos que auxiliaram no movimento de conhecer e compreender sobre o que pensam os professores e a coordenação pedagógica da instituição em que a pesquisa foi realizada, em relação a organização dos espaços físicos da escola e a participação dos jovens nessa tomada de decisão.

5.1 COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: COMO PERCEBE OS ESPAÇOS E A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NA ESCOLA?

O olhar de profissionais que atuam diretamente na escola e com os estudantes é de fundamental importância para perceber como eles veem o espaço de interação da escola, bem como a participação e atuação dos estudantes nesses espaços. Dentro disso, abaixo segue análise da entrevista realizada com os coordenadores pedagógicos, buscando perceber o seu olhar e o da instituição em relação ao tema da pesquisa.

O coordenador pedagógico A atuou dois anos na escola e a coordenadora pedagógica B está atuando no cargo em torno de quatro meses, mas trabalhou na Educação Infantil da escola por dezesseis anos, como professora. Quando questionados em relação à forma como percebem o espaço físico da escola, o coordenador A falou:

Eu considero a escola, em relação ao espaço físico, bastante organizada. Hoje a gente tem uma limitação de espaços por conta do tamanho da escola, não é muito grande, mas é bastante acolhedora, os alunos se sentem bem, eles demonstram isso, ainda que não tenha um espaço adequado para convivência deles, mas mesmo assim há espaços que eles podem conviver, enfim trocar ideias, conversar.

Já a coordenadora B destacou:

Bom, o espaço físico está extremamente vinculado com a aprendizagem, então o espaço revela a concepção pedagógica da escola, a intencionalidade do professor em cada espaço, cada material, como são dispostos esses materiais revela toda a concepção pedagógica.

Pode-se perceber, a partir da fala dos coordenadores, que a escola busca construir um espaço físico acolhedor e com intencionalidades pedagógicas, o qual apresenta-se com

limitações, o que impediria de proporcionar uma maior interação entre estudantes. Também, se ressalta, que na fala do coordenador B, os espaços e a forma como está organizado revela a concepção pedagógica da instituição, evidencia um olhar atento que a escola parece ter com seus processos educativos.

Neste sentido é importante mencionar as palavras de Filippini (1990 apud GANDINI, 1999, p. 147) a qual menciona que dentro da concepção pedagógica de Reggio Emilia o espaço é visto pelos educadores

como um “*contanier*” que favorece a interação social, a exploração da aprendizagem, mas também veem o espaço como tendo um “*conteúdo*” educacional, isto é, contendo mensagens educacionais e estando carregado de estímulos para experiência interativa e aprendizagem construtiva.

Dessa afirmação, destaca-se a ideia central da valorização dos espaços físicos como ambientes de interação e de integração social entre os indivíduos que fazem parte da escola, bem como essa interação e integração ganha força, quando se olha para os espaços físicos e percebe-se sua relevância para a processo de ensino e de aprendizagem.

Em relação ao espaço físico da escola estar de acordo com as necessidades dos estudantes que o usufruem, o coordenador A destacou:

Bem como eu disse, ainda faltam espaços maior de convivência, hoje a nossa cantina também não oferta tudo aquilo que ela poderia oferecer, mas no geral o espaço responde as necessidades dos estudantes, espaço da biblioteca que é interessante, as salas de aula cada vez mais sendo pensadas a partir de novas metodologias ativas e quando não conseguimos um espaço adequado a gente consegue adaptar, por exemplo o laboratório móvel, alguns espaços como a biblioteca e o laboratório de ciências poderiam ser maiores.

O coordenador B mencionou:

Olha, cada vez mais a gente busca estar de acordo, mas o que acontece é que muitas vezes a questão teórica tem que estar vinculada com a pratica, também muitas vezes a gente se depara com diferentes níveis dos educadores em seu processo de estudo e para nós muitas vezes enquanto coordenação o espaço está muito claro em relação a intencionalidade pedagógica mas as vezes também os educadores tem sua caminhada sua trajetória de fundamentação e estudo de pesquisa, de formação, a gente sabe que cada vez mais precisamos aproximar e ter coerência da concepção pedagógica com a prática, vinculado aos espaços.

Analisando a contribuição dos coordenadores em relação aos espaços físicos da escola e ao atendimento das necessidades dos estudantes percebe-se, em alguns momentos, a ideia de que, se o espaço da escola fosse maior, poderia atender melhor às necessidades dos sujeitos que o usam, mas mesmo assim a escola parece oferecer espaços interativos dentro do processo de aprendizagem, como a biblioteca, salas de aula com pequenas inovações e adequações.

Pode-se também observar, pela entrevista realizada, principalmente pelas colocações do coordenador B, um destaque maior para o espaço físico em relação ao processo de ensino e aprendizagem, bem como, ele aponta o educador como um ponto importante ao pensar os espaços para os estudantes, o qual pode estar associado apenas a um momento de integração ou ao processo de construção de seu conhecimento, sendo que, primeiramente, o educador deve compreender a relevância de pensar os espaços para os estudantes, para que assim todo esse processo se concretize. Ainda, percebe-se na fala a intenção de olhar para os espaços físicos da escola com base na fundamentação teórica em que a escola está amparada.

Frago e Escolano (2001) mencionam em seus estudos que o espaço físico da escola reflete e deve estar presente na organização curricular, a qual acaba por revelar e deixar clara sua concepção pedagógica, sendo que todos os envolvidos nesse processo devem buscar colocá-la em prática, pois como eles mencionam, o espaço físico da escola deve deixar claro para o estudante a sua intencionalidade dentro do processo de ensinar e aprender.

Ainda, Rinaldi (2013, p. 159) destaca que “o projeto pedagógico deve ser entrelaçado com o projeto arquitetônico, a fim de dar suporte aos processos que ocorrem nesses espaços, processos de aprendizagem, ensino, partilha e compreensão, da parte de todos os protagonistas: crianças, equipe e pais”, ou seja, isso vai ao encontro da análise mencionada anteriormente, em que se evidencia a relação da organização dos espaços físicos com a concepção pedagógica da instituição de ensino.

Quando questionados em relação à participação dos alunos na organização dos espaços físicos da escola, o coordenador A colocou:

Hoje quando a gente pensa os espaços, pensa em primeiro lugar sem dúvidas no bem-estar deles e em aquilo que vai ficar melhor para ele, mas assim com a participação deles pensando os espaços é pequena, a gente ouve um pouco eles, mas nada formal.

Já o coordenador B destacou:

Eu acredito que hoje, enquanto realidade de escola a participação dos estudantes neste olhar dos espaços acontece muito mais com os menores da educação infantil e anos iniciais do que com os maiores, muitas vezes com os maiores nós consideramos a partir das suas percepções e interesses deles, nós também acabamos construindo vinculados à nossa

proposta os espaços também, mas na educação infantil hoje as crianças têm mais voz na construção deles.

Analisando as palavras dos coordenadores pedagógicos, é perceptível que os estudantes que cursam o Ensino Fundamental anos finais e o Ensino Médio não possuem uma voz ativa quanto ao quesito organização dos espaços físicos da escola, sendo este um elemento relevante, pois isso mostra o quanto ainda é preciso avançar neste processo. Também vale ressaltar que espaços diferenciados são pensados pela instituição, mas não pelos estudantes. Outro ponto interessante é revelado na fala do coordenador B, em que ele destaca que na Educação Infantil existe um grande avanço, pelo fato de as crianças auxiliarem a pensar seus próprios espaços, seja a sala de aula ou os locais externos a ela.

Pode-se também relacionar esta fala com os escritos de Freire (2004), o qual menciona a importância de possibilitar aos estudantes espaços para que eles possam participar mais ativamente da escola, auxiliando para que aos poucos eles possam ir construindo sua autonomia, algo que parece que as crianças menores já possuem, devido ao fato de que esse nível de ensino se vincula a uma proposta educativa que promove isso.

Desta forma, as crianças constroem ao longo do tempo sua autonomia, pois estão fazendo parte de todo o processo que permeia a escola, por meio do diálogo e da escuta, algo que não acontece com os maiores, os quais não foram construindo essa ideia de pensar o seu próprio espaço, ou seja, não lhes foram possibilitados esses momentos de escuta e diálogo. Com base nessas evidências, parece que poderá ocorrer uma quebra desses movimentos, no momento em que essas crianças iniciarem o Ensino Fundamental anos finais, sendo que isso poderá impactar na sua forma de ver os espaços físicos da escola.

Outro questionamento associou-se a pensar de que forma ou que movimentos podem ser realizados para instigar a participação dos alunos na organização dos espaços físicos da escola. O coordenador A respondeu:

Fazendo-os participar desde o início, do projeto da escola, ouvir as sugestões, por exemplo, o parquinho e o estúdio de aprendizagem, foram as crianças da educação infantil, que participaram com suas ideias, pensando estes espaços, desta forma, levar está ideia para outros níveis de escolaridade e outros espaços da escola.

Já o coordenador B destacou:

Eu acredito que primeiro antes do movimento dos estudantes isso tem estar claro para os educadores, por que se dentro de cada educador isso não está bem conceitualmente tranquilo e com uma intencionalidade bem clara ele não vai conseguir permitir o estudante fazer, por que de certa forma isso vai ser agressivo, como pode eles escolherem isso é algo

que há muito tempo foi assim então se para o professor ele consegue já dar esse passo, recuar de dizer não nós estamos juntos, não sou eu o centro mas somos nós, aí sim ele consegue ajudar os estudantes e também permitir fazer esse movimento.

Observou-se, a partir da fala dos coordenadores, que desde a Educação Infantil é relevante instigar os alunos a organizarem o seu próprio espaço, para que ao longo do tempo isso possa ir se internalizando em cada um, assim esse processo vai sendo compreendido por todos. Outro fator destacado associa-se ao processo de reflexão que os educadores devem realizar acerca deste tema, pois também precisa ser entendida por eles a relevância em possibilitar aos estudantes momentos e reflexões referentes à organização dos espaços físicos da escola, compreendendo que este processo poderá agregar na construção do conhecimento dos estudantes, bem como fortalece a relação professor/estudante/escola.

Neste sentido, Rinaldi (2018, p. 227) faz refletir acerca do papel do educador, o qual, em vez de ser afastado do processo de pensar os espaços, “[...] se torna cocriador, mais do que simplesmente transmissor, de conhecimento e de cultura”. Isso vai ao encontro das palavras do coordenador B, citado acima, em que muitas vezes o educador precisa antes compreender a importância de possibilitar aos estudantes momentos de pensar o seu próprio espaço, compreendendo que ele estará auxiliando o estudante e não perdendo sua “autoridade”, como alguns entendem.

Quando questionados em relação à possibilidade de os estudantes contribuírem para a organização dos espaços da escola, visto que eles são os que mais usam esses espaços, o coordenador A posicionou-se:

Sim, inclusive seria quase que um desafio nos próximos anos eles estarem presentes, hoje eles participam em alguns momentos, outros não, mas como o espaço da escola é deles, a sua participação é fundamental, e eles tem condições de fazer isso, eles são bastantes coerentes naquilo que eles pensam. A importância do diálogo, para que o sentimento de pertencimento aflore cada vez mais

Já o coordenador B destacou:

Com certeza, a partir do momento que eu dou sugestão e eu ajudo nesse processo eu faço parte no sentido de pertença, então isso é meu também, por que senão isso é externo vem só dos outros eu só muitas vezes tenho que acatar espaços quem sabe eles nem gostariam que poderiam ser diferentes. Os alunos estão mais acostumados a receber. Existe uma riqueza na construção, a partir do momento que os espaços são diferentes tu mobiliza nos estudantes diferentes outras áreas que precisam das relações, por que quando eu vou mudar o espaço quem sabe, eu vou ter que estar com um grupo diferente, não aquele que eu fico sempre,

grupos diferentes, opiniões diferentes e que construção não apenas pedagógica mas social também, a construção dele enquanto humano.

As palavras dos coordenadores em relação a este questionamento vão ao encontro das discussões que estão sendo realizadas nesta pesquisa, as quais se pautam na ideia da concepção pedagógica de Reggio Emilia, ou seja, a escuta e o diálogo, a partir dos quais a instituição possibilitará abertura e momentos para que os estudantes, juntamente com seus educadores, possam pensar na organização dos espaços físicos da escola. Partindo disso, Gandini (1999, p. 151) evidencia que

através da atividade compartilhada, da comunicação, da cooperação e até mesmo do conflito, as crianças constroem em conjunto seu conhecimento sobre o mundo, usando as ideias de uma para o desenvolvimento da ideia de outra, ou para explorarem uma trilha ainda não-explorada. Uma vez que o desenvolvimento social é visto como um aparte intrínseca do desenvolvimento cognitivo, o espaço é planejado e estabelecido para facilitar encontros, interações e intercâmbios entre elas. O espaço precisa garantir o bem-estar de cada uma e do grupo como um todo.

As palavras de Gandini mostram que é preciso dar abertura para os estudantes, mediados por seus educadores, para que organizem e pensem sobre os espaços físicos da escola, possibilitando a interação entre os sujeitos e garantindo um espaço que desperte o sentimento de pertencimento, um espaço que reflète uma boa convivência entre todos.

Outrossim, pode-se relacionar este questionamento com o anterior, destacando que o papel da educação, segundo os estudos de Costa (2001), é proporcionar momentos em que os estudantes possam atuar nos diferentes âmbitos da escola, pois desse modo sua participação elevará o grau de envolvimento, podendo impactar na construção de suas relações interpessoais, como também no seu processo de aprendizado.

Conforme evidencia Rinaldi (2013, p. 123), é relevante perceber que “o que temos em mente, então, é um ambiente que se torna uma espécie de superfície refletora na qual os protagonistas da experiência da aprendizagem conseguem ver os traços de sua ação, isso os torna capazes de falar sobre como estão aprendendo”, ou seja, quanto mais os estudantes, auxiliados por seus educadores, pensarem sobre o seu papel na escola, neste caso sobre o espaço físico, mais isso contribuirá no seu processo de construção do conhecimento, pois eles criarão cada vez mais um vínculo com este ambiente.

Em relação ao último questionamento realizado na entrevista, o qual indaga o que dificulta ou impede a participação mais ativa dos estudantes nos processos decisórios sobre os espaços físicos, o coordenador A destacou:

Eu acredito que o tempo e até por que os períodos em que eles são pensados é mais difícil encontrar os estudantes, pois é algo que se começa a projetar bem antes, mas muitas coisas precisam ser pensadas a longo prazo e isso demanda um tempo inclusive dos estudantes na escola e isso hoje a gente não consegue ter muito. Também dificuldades por não ter um espaço destinado a pensar sobre isso.

Já o coordenador B contribuiu, afirmando:

Eu acredito que seja a falta de conhecimento, muitas vezes. Por que se eu não sei muito como gerenciar, para mim isso não está claro eu tenho insegurança de fazer essa caminhada com os estudantes e de permitir, então muitas vezes a segurança está naquilo que sempre foi feito, se era sempre assim é ali que eu me encontro mais seguro, e ali que permanece, na insegurança conceitualmente, inclusive na prática desta caminhada. Desta forma precisa sim dos primeiros movimentos, de fazer as primeiras experiências, de analisar o que deu certo o que não deu, vamos de novo, então toda aquela análise de observação, planeja retoma, olha e avança é esse olhar que é necessário nessa caminhada.

Conforme os coordenadores destacam acima, a questão da falta de tempo e de momentos de encontro são fatores que, em alguns casos, podem impedir a participação mais ativa destes sujeitos no pensar os espaços físicos da escola, sua organização e seus usos. Também fica evidente na fala do coordenador B, que para que os estudantes possam acompanhar e opinar neste processo é fundamental que haja uma compreensão de todos, referente à intencionalidade da organização dos espaços físicos, ou seja, professores, equipe diretiva e administrativa, estudantes e comunidade escolar como um todo precisam compreender e ter essa percepção.

Relacionando o olhar dos coordenadores com a concepção pedagógica de Reggio Emilia, Edwards (1999, p. 161) destaca que “o papel do professor centraliza-se na provocação de oportunidades de descobertas, através de uma espécie de facilitação alerta e inspirada e de estimulação do diálogo, de ação conjunta e da co-construção do conhecimento pela criança”. Desta forma entende-se que a compreensão do educador em relação à organização dos espaços físicos da escola é de fundamental importância, pois o seu papel é estimular que os estudantes possam compreender a intencionalidade de reservar momentos de diálogo e escuta para pensar seus próprios espaços.

Nesta perspectiva, também se evidencia que a participação dos estudantes no processo só acontece, quando se promove momentos e espaços para essas discussões, conforme aponta Ribas Jr. (2004). Para que de fato os jovens possam participar mais da tomada decisões, a escola deve proporcionar-lhes momentos de reflexão a respeito. Ainda, vão ao encontro desta

reflexão os estudos de Freire (2013), quando menciona que as escolas devem possibilitar a construção e o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, e que uma das funções das instituições de ensino está atrelada ao desenvolvimento do protagonismo juvenil.

Infere-se, por meio da entrevista com os coordenadores pedagógicos, que existiria por parte da escola um entendimento da relevância de pensar os espaços físicos da instituição, bem como, acredita-se que a participação dos estudantes nesse processo é fundamental, visto que eles são quem mais utiliza os diferentes espaços da escola. Também, é relevante destacar que para que isso aconteça é necessário que todos que fazem parte da comunidade escolar entendam a importância de pensar na organização dos espaços, os quais, conforme já mencionado, associam-se ao *terceiro educador*, ou seja, possuindo uma intencionalidade na sua organização o espaço torna-se parte do processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para a construção do conhecimento dos estudantes.

Outro ponto a ser destacado e presente na entrevista é o entendimento de que a escola não possui um momento formal destinado aos estudantes para pensarem a organização dos espaços físicos da escola. Logo, vale ressaltar que a instituição acredita ser relevante, pois quando se olha para a Educação Infantil da escola, a qual é baseada nas premissas da concepção pedagógica de Reggio Emilia, possibilitam-se ocasiões para que as crianças pensem e organizem seus próprios espaços.

Portanto, a partir das análises feitas, parece que existiria, por parte da instituição, a intenção de, cada vez mais aprofundar os estudos acerca deste tema, bem como a partir da compreensão de todos, dar continuidade ao processo de organização dos espaços físicos da escola, como acontece na Educação Infantil, buscando fazer com que os estudantes construam essa ideia de que é importante e que faz parte do processo de ensino e aprendizagem organizar seus próprios espaços de uso, fazendo com que essa ruptura que acontece das séries iniciais para as séries finais e Ensino Médio, diminua significativamente.

Concluindo a análise acima, a seguir evidencia-se o olhar dos professores em relação aos espaços físicos da escola.

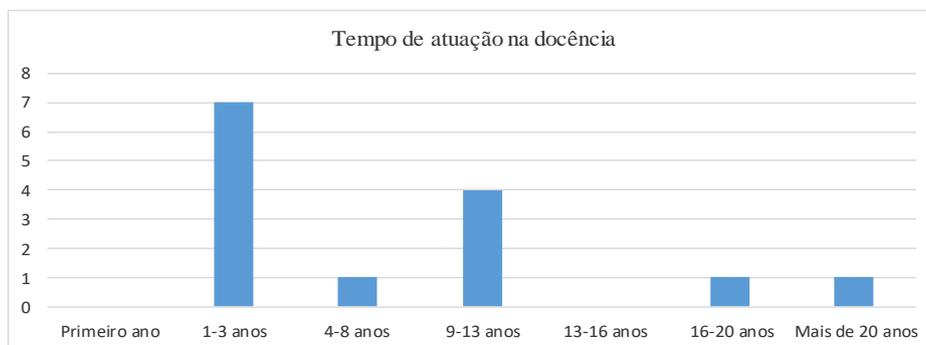
5.2 PROFESSORES E SUAS CONTRIBUIÇÕES EM RELAÇÃO AO ESPAÇO E À PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS

Outro ponto relevante a ser destacado é a percepção dos educadores em relação à organização dos espaços físicos da escola, bem como à participação dos estudantes neste processo. O questionário aplicado aos educadores da escola em que a pesquisa foi realizada objetiva compreender a visão dos professores da escola, em relação ao tema da pesquisa: organização do espaço físico escolar e a participação dos estudantes.

A elaboração das perguntas foi baseada nos questionamentos realizados na entrevista com os coordenadores pedagógicos da escola, sendo que em cada item tentou-se perceber o envolvimento e o entendimento dos educadores acerca deste tema.

As questões um, dois e três estão atreladas as informações básicas gerais em relação aos educadores, como idade, tempo de profissão e de escola. Analisando as respostas, destaca-se que os professores encontram-se em diferentes faixas etárias, sendo que a maior parcela tem de 30 a 40 anos de idade. Todos estão na profissão há mais de 3 anos, conforme se observa no gráfico 1.

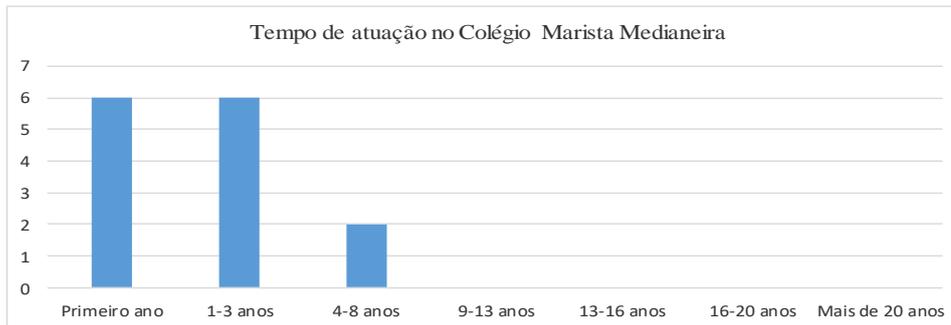
Gráfico 1- Tempo de atuação na docência



Fonte: Elaborado pela autora

O gráfico 2, a seguir apresentado, traz informação a respeito do tempo de trabalho na instituição. Encontram-se 5 educadores que estão em seu primeiro ano de atuação, 5 educadores com a 1 a 3 anos e 3 que estão de 4 a 8 anos de trabalho na escola.

Gráfico 2- Tempo de atuação no Colégio Marista Medianeira



Fonte: Elaborado pela autora

Os questionamentos quatro, cinco, seis e sete associam-se ao tema da pesquisa, sendo que a questão quatro solicitou o seguinte: De que forma você (educador) percebe o espaço físico da escola? Na sua maioria, 11 educadores, assinalaram e consideram que *é importante para o crescimento e desenvolvimento dos estudantes* e 14 destacaram que *os espaços físicos da escola devem fazer parte da organização curricular*, conforme gráfico 3 abaixo.

Gráfico 3- Percepção em relação aos espaços físicos da escola



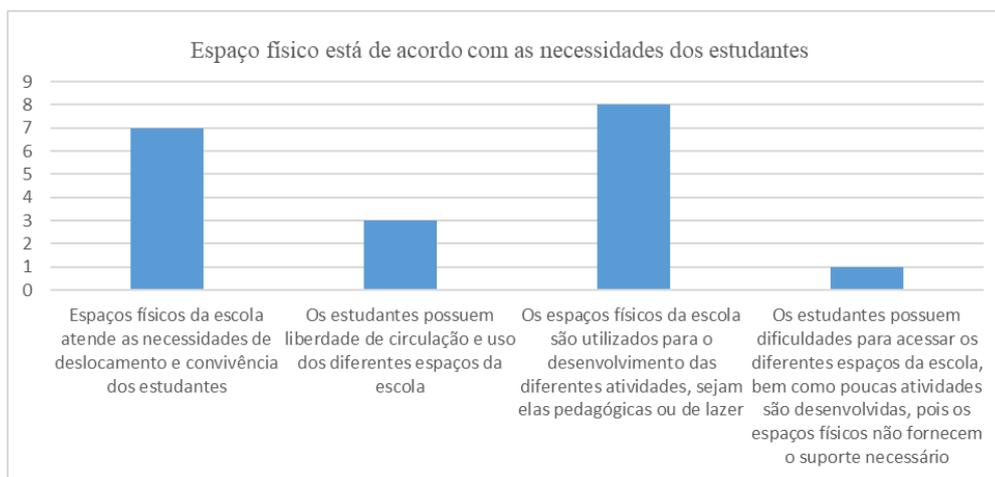
Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com as respostas dadas é possível inferir que os educadores compreendem que o espaço físico da escola auxilia no processo de desenvolvimento dos estudantes, bem como entendem que essas discussões devem fazer parte do currículo, ou seja, o currículo deve levar em consideração a perspectiva de olhar para os espaços físicos da escola. Esse olhar está conforme os pensamentos dos autores citados no referencial teórico, os quais destacaram a importância do espaço físico na construção do conhecimento dos educandos, bem como o currículo, o coração da escola.

A questão cinco solicita que os educadores respondam o seguinte questionamento: Em relação ao espaço físico da escola estar de acordo com as necessidades dos estudantes que o

usufruem, 7 professores assinalaram que os *espaços físicos da escola atendem as necessidades de deslocamento e convivência dos estudantes*, 3 assinalaram que *os estudantes possuem liberdade de circulação e uso dos diferentes espaços da escola* e 8 marcaram que *os espaços físicos da escola são utilizados para o desenvolvimento das diferentes atividades, sejam elas pedagógicas ou de lazer* e 1 assinalou que *os estudantes possuem dificuldades para acessar os diferentes espaços da escola, bem como poucas atividades são desenvolvidas, pois os espaços físicos não fornecem o suporte necessário*, conforme observa-se no gráfico 4 a seguir.

Gráfico 4- Espaço físico da escola, de acordo com as necessidades dos alunos



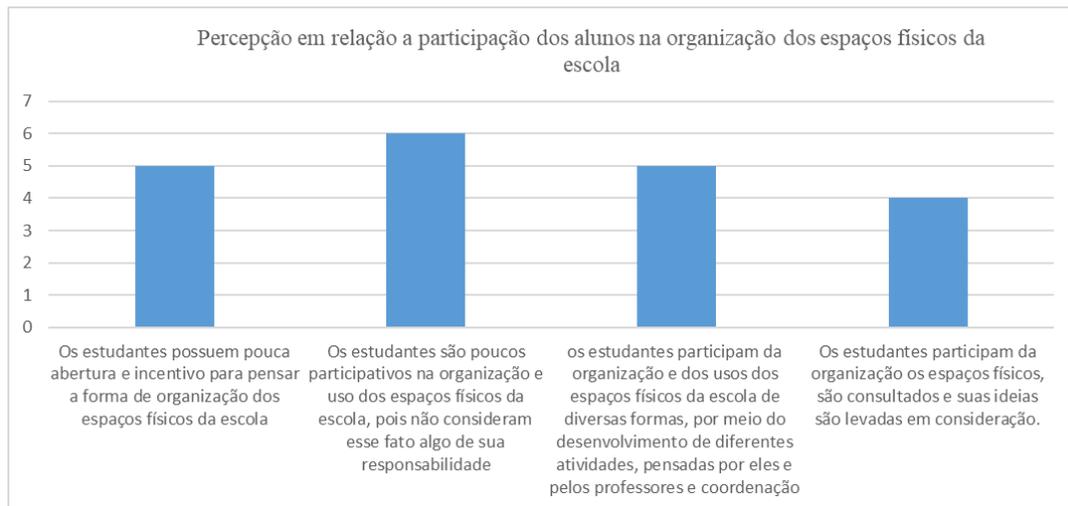
Fonte: Elaborado pela autora

Analisando os apontamentos destacados pelos educadores no questionário aplicado, percebe-se que eles consideram que a escola oferece a seus estudantes um espaço que atende às suas necessidades de comunicação e circulação, bem como que os mesmos auxiliam no seu processo de aprendizagem, pois fornecem possibilidades de desenvolver diferentes atividades pedagógicas. As percepções evidenciadas vão ao encontro do olhar de Rinaldi (2013), o qual menciona elementos importantes para compreender o espaço físico da escola como um local que tem a finalidade de potencializar a construção do conhecimento, bem como habilidades e potencialidades.

Em relação à questão seis, como você percebe a participação dos alunos na organização dos espaços físicos da escola? Os professores participantes da pesquisa, referiram o seguinte: 5 professores destacaram que *os estudantes possuem pouca abertura e incentivo para pensar a forma de organização dos espaços físicos da escola*, 6 responderam que *os estudantes são poucos participativos na organização e uso dos espaços físicos da escola, pois não consideram esse fato algo de sua responsabilidade*, 5 assinalaram que *os estudantes*

participam da organização e dos usos dos espaços físicos da escola de diversas formas, por meio do desenvolvimento de diferentes atividades, pensadas por eles e pelos professores e coordenação e 4 professores evidenciam que os estudantes participam da organização os espaços físicos, são consultados e suas ideias são levadas em consideração, conforme se apresenta no gráfico 5, a seguir.

Gráfico 5- Percepção em relação a participação dos estudantes na organização dos espaços da escola



Fonte: Elaborada pela autora

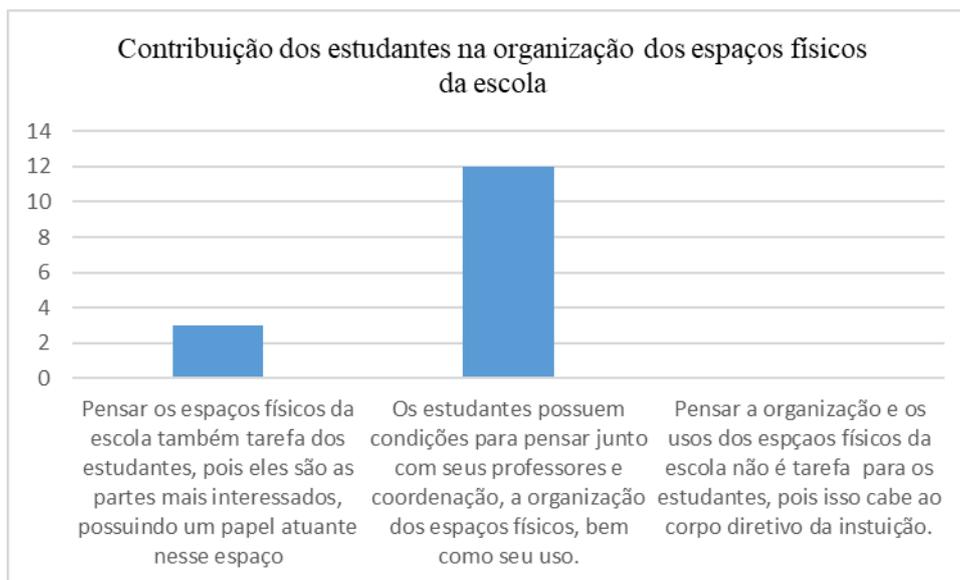
A questão seis faz com que se reflita acerca da participação dos estudantes na organização dos espaços físicos da escola, sendo que a maioria dos professores destacou que os estudantes participam pouco, quando o assunto é a organização dos espaços, bem como consideram que isso não é tarefa de sua responsabilidade. Neste sentido é interessante destacar que o posicionamento dos professores vai ao encontro da fala dos coordenadores pedagógicos na entrevista, principalmente o coordenado B, o qual cita que, para acontecer a participação dos estudantes nessas questões que se relacionam com o espaço, é necessário que os educadores entendam e compreendam a relevância de os estudantes pensarem e organizarem seus espaços de uso cotidiano, de auxiliarem na organização da sala de aula, dos espaços de lazer, entre outros.

Também, destaca-se que alguns professores acreditam e têm compreensão acerca da relevância de os estudantes participarem da organização dos espaços físicos da escola, outros, a minoria, apenas 4 acreditam que esses momentos para pensar e organizar os espaços já acontecem e outros ainda assinalaram que há pouca abertura, sendo que este último associa-se à fala dos coordenadores pedagógicos, na entrevista anterior, os quais também mencionaram que no momento não há nenhum espaço de diálogo aberto para este tema.

Neste momento mencionam-se os escritos de Costa (2001) e Silva (2009), os quais apontam que a participação dos estudantes na tomada de decisões nos diferentes âmbitos que permeiam a escola, neste caso a organização dos espaços físicos, são momentos relevantes e que auxiliam no crescimento do estudante enquanto parte integrante da instituição, fazendo com que se sinta cada vez mais pertencente ao ambiente em que está inserido, ou seja, isso irá colaborar com a construção de sua autonomia e de seu protagonismo.

A última questão solicitou que os professores refletissem sobre a contribuição dos estudantes na organização dos espaços da escola, já que eles são os que mais usam esses espaços. Destaca-se que 3 professores assinalaram que *pensar os espaços físicos da escola também é tarefa dos estudantes, pois eles são as partes mais interessadas, possuindo um papel atuante nesse espaço*, 12 assinalaram que *os estudantes possuem condições para pensar junto com seus professores e coordenação, a organização dos espaços físicos, bem como seu uso*, conforme se observa, no gráfico 6, abaixo.

Gráfico 6- Contribuição dos estudantes na organização dos espaços físicos da escola



Fonte: Elaborado pela autora

Analisando as considerações realizadas pelos educadores, observa-se que a maioria identifica que os estudantes possuem um potencial e condições para auxiliar na organização dos espaços físicos da escola, o que vai ao encontro das ideias de Freire (2004), o qual menciona em seus estudos a relevância de promover nos educandos o processo da autonomia, relacionando com a ideia de possibilitar cada vez mais abertura e espaços para o diálogo, ou seja, promover a participação dos jovens.

De acordo com as análises realizadas a partir do questionário aplicado, destaca-se que os educadores da escola possuem uma compreensão acerca da relevância do espaço físico da escola e entendem que é necessário possuir espaços organizados com intenção de desenvolver atividades pedagógicas, que auxiliem no processo de construção do conhecimento dos estudantes, bem como destacam a importância de proporcionar aos estudantes momentos para discutir e pensar a organização dos espaços físicos da escola, os quais eles estão inseridos cotidianamente.

Ainda, é importante destacar que a maioria dos professores consideram pouca a participação dos jovens na organização dos espaços e acreditam que não seja da responsabilidade dos estudantes. Isso evidencia a necessidade de um avanço na escola, pois momentos de diálogos precisam acontecer para que cada vez mais a instituição avance nesse processo. Neste caso, pode-se destacar os estudos de Malaguzzi (2017) e Gandini (1999), sendo que eles mencionam em suas pesquisas a importância da abertura de espaços de diálogos e escuta, elementos que fazem parte da proposta educativa de Reggio Emilia, a qual evidencia que a escola precisa proporcionar ao estudante momentos em que ele possa expressar-se, seja a partir da fala, ou de sua participação na tomada de decisões que envolve o universo escolar em que está inserido.

Também se acredita que os educadores precisam, aos poucos, irem compreendendo a importância de possibilitar uma participação mais ativa dos estudantes no processo de organização dos espaços físicos, percebendo que isso é uma ação conjunta, de colaboração de um com o outro, ou seja, isso vai ao encontro dos escritos de Frago (2001), Escolano (2001), Rinaldi (2013) e Kowaltowski (2011), os quais expressam em suas pesquisas a importância que os espaços físicos possuem no processo da construção do conhecimento do estudante, pois entendem o ambiente físico escolar como um elemento que transforma e impacta na constituição dos sujeitos que o utilizam, devido ao fato de que suas vivências e experiências fazem parte deste processo.

Assim sendo, entende-se que o questionário aplicado aos educadores revela, junto com a entrevista dos coordenadores pedagógicos, o olhar de alguns atores sociais inseridos no contexto escolar estudado em relação aos espaços físicos e sua forma de organização, evidenciando também o pensamento dos profissionais da educação que atuam de forma colaborativa, fazendo com que essas discussões aconteçam e sejam postas em prática, refletindo cada vez mais sobre a participação dos jovens na organização dos ambientes físicos das instituições escolares.

No capítulo a seguir, é apresentada a intervenção realizada com os estudantes, a qual buscou ouvir deles o que pensam sobre o espaço físico da escola, bem como sobre sua atuação nestes ambientes.

6 PARTILHA E CONSTRUÇÕES DOS ESTUDANTES AO PENSAR A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS FÍSICOS DA ESCOLA

Neste capítulo é observado como os estudantes veem os espaços físicos da escola e como percebem sua participação na tomada de decisões em relação à organização dos mesmos. Também se destaca a construção de uma proposta que ressalta a potencialidade dos estudantes, quando aberturas para espaços de diálogos são proporcionados, evidenciando sua participação no processo de pensar e organizar os espaços da instituição em que estão inseridos.

6.1 PARTILHA DOS ESTUDANTES SOBRE OS ESPAÇOS E SUA PARTICIPAÇÃO

O momento da intervenção teve por objetivo identificar a possibilidade de os alunos participarem da organização dos espaços escolares, ou seja, nesta etapa da pesquisa a ideia era realizar uma discussão com grupos de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio acerca dos espaços físicos da escola, bem como com relação a sua participação na organização e no pensar esses espaços. Desta forma os estudantes foram divididos em 2 grupos, sendo que os encontros realizados aconteceram de maneira separada.

Conforme descrito no referencial metodológico desta dissertação, cada encontro foi dividido em 4 momentos: apresentação do Projeto e da atividade, desenhos dos espaços de que eles mais gostavam e dos que eles menos gostavam, conversa em grupo e construção de uma proposta em relação à organização dos espaços físicos da escola.

Destaca-se que o grupo 1, composto por alunos do 7º e 8º ano do Ensino Fundamental, e o grupo 2, formado por estudantes do 1º e do 2º ano do Ensino Médio, conseguiram, por meio da conversa, expressar-se bem, sentindo-se à vontade para falar. Conforme a conversa ia acontecendo, eles iam se soltando mais e participando mais. Também havia uma preocupação dos participantes da atividade em relação à estética do desenho, pois eles destacavam que não conseguiam ou não sabiam desenhar direito.

A conversa em grupo foi conduzida por um roteiro de perguntas semiestruturado, as quais auxiliaram no direcionamento do objetivo da atividade. Neste sentido, destaca-se que as questões 1 e 2 solicitavam dados mais gerais, como o tempo em que estavam na escola e ano que estavam cursando, sendo que estes estudantes estão na escola no período entre um a onze anos, bem como dos sujeitos participantes sete cursam o 7ºano e dois cursam o 8º ano do

Ensino Fundamental anos finais, também aponta-se que dois alunos estão no 1º ano e cinco no 2º ano do Ensino Médio.

O terceiro questionamento associava-se a conhecer a percepção dos estudantes acerca dos espaços físicos, qual sua importância e como eles os veem, sendo que neste momento o grupo 1 de estudantes, em sua maioria, destacou que o espaço físico da escola é *organizado, existe a falta de acesso em alguns, também poderiam ser maiores e a escola poderia disponibilizar mais espaços. Ainda ter mais salas para diferentes atividades e algumas precisam de melhorias, ou seja, manutenção dos equipamentos.*

Já o grupo 2 apontou que *existem os espaços, mas não há liberdade de uso, são mal organizados, alguns espaços poderiam ser mais usados proporcionando uma aprendizagem de mais vivências, por exemplo o campo é um lugar que não é muito aproveitado, também seria necessário ampliar os espaços da biblioteca e seus usos. As salas de aula estão mais simples, do que no ano anterior, seria interessante um espaço mais acolhedor e mais confortável, em que a arquitetura te instigue.* Ainda é relevante destacar que eles citaram que *o espaço da Educação Infantil é lindo, que gostariam de estudar lá, ou seja, falta um espaço, lúdico* (fala dos participantes da pesquisa).

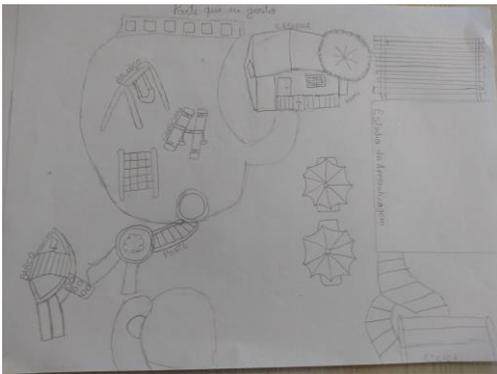
Observando o que os estudantes destacaram em relação a sua percepção a respeito dos espaços físicos da escola, percebe-se que eles necessitariam ser melhor organizados, serem mais amplos, com mais acesso, mais coloridos, em alguns casos com mais recursos, para se tornarem mais confortáveis e instigantes. Isso vai ao encontro dos estudos de Frago (2001) e Escolano (2001), os quais destacam que os espaços físicos da escola devem proporcionar aos estudantes momentos de vivência e de interações, bem como espaços de diálogo. Também Ceppi e Zini (2013, p. 46) referem que “ o ambiente escolar dever ser passível de receber manipulações e transformações tanto de adultos como de crianças, e deve estar aberto para diferentes usos”.

Outro ponto evidenciado pelos estudantes, principalmente pelo grupo 2, são as salas da Educação Infantil, as quais são pensadas e organizadas a partir da perspectiva da proposta educativa de Reggio Emilia, a qual, segundo Malaguzzi (2017), busca proporcionar aos estudantes momentos de vivência e integração com o meio em que estão inseridos, além de estes espaços serem bem lúdicos, instigando a criatividade dos estudantes.

Em relação ao quarto item do questionamento, os estudantes tinham que desenhar e justificar um espaço de que eles mais gostavam da escola e aquele que eles menos gostavam, sendo que no grupo 1, em relação ao que eles mais gostavam, o que ficou mais evidente foi a biblioteca, 3 alunos apontaram-na, apenas 2 mencionaram a sala de aula, o parque novo 3

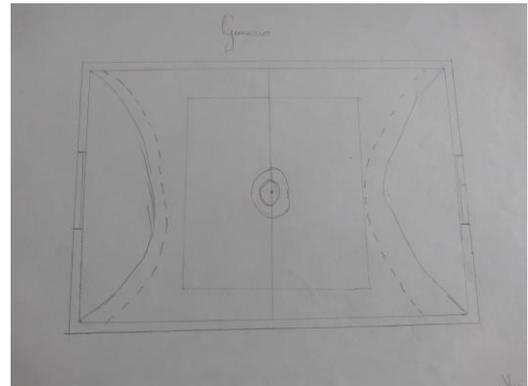
estudantes destacaram e apenas 1 mencionou o ginásio. A biblioteca foi escolhida, pois apontaram ser um lugar de estudos, que tem livros e é um local onde tem interação com outros colegas, a sala de aula por também ser o local do estudo, o ginásio pelo fato de o estudante gostar e praticar esporte e o parque novo, porque é um lugar de interação que tem árvores, brinquedos e é diferente, nele podem ser livres. A seguir, apresentam-se alguns desenhos elaborados pelos estudantes.

Fotografia 11 – Desenho do Parque Novo Infantil



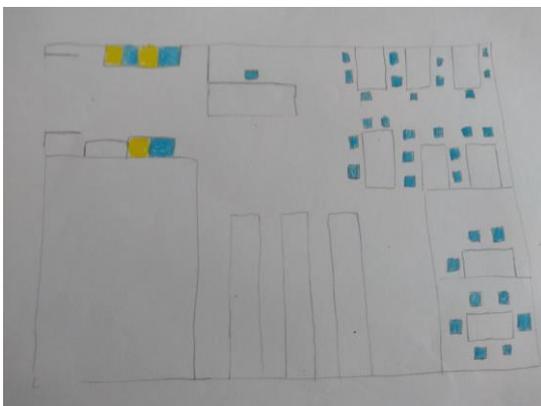
Fonte: Participantes da pesquisa

Fotografia 12 – Desenho do Ginásio



Fonte: Participantes da pesquisa

Fotografia 13 – Desenho da Biblioteca



Fonte: Participantes da pesquisa.

Fotografia 14 – Desenho da sala e aula

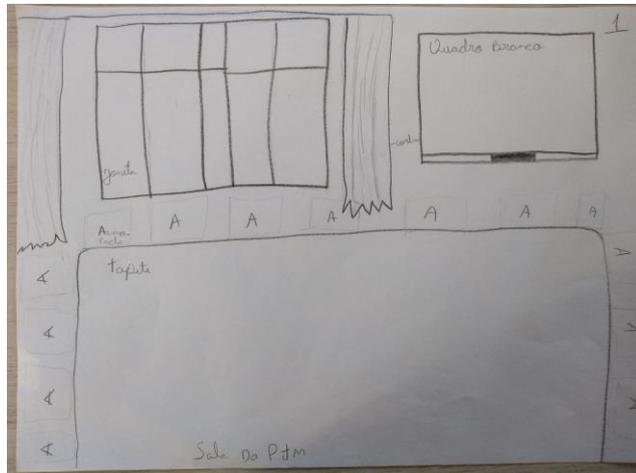


Fonte: Participantes da pesquisa.

Já em relação aos espaços que mais gostam o grupo 2, parte do mesmo princípio do grupo anterior, destacando espaços como a sala da PJM (Pastoral da Juventude Marista), mencionada por 3 estudantes, a biblioteca, a sala de aula antiga do Ensino Médio, o corredor e as arquibancadas do campo, sendo que cada um desses locais apenas 1 estudante de cada curso destacou. Estes lugares foram escolhidos pelas vivências, convivência e integração, possibilidades, bem como por serem lugares acolhedores. Também a biblioteca foi mencionada, por constituir um local de estudos e pesquisa. Percebeu-se na fala deles que todos estes locais fazem parte de sua rotina, despertando um sentimento de pertencimento.

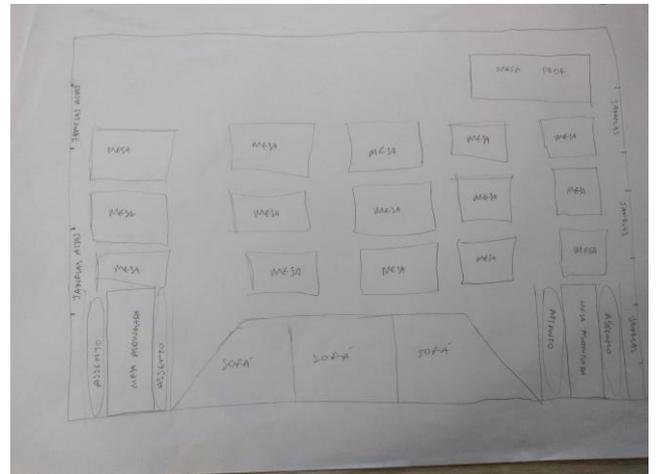
A seguir, apresenta-se as fotografias de alguns desenhos desses espaços apontados pelos sujeitos da pesquisa.

Fotografia 15– Desenho da sala da PJM



Fonte: Participantes da pesquisa

Fotografia 16- Desenho da sala antiga do EM



Fonte: Participantes da pesquisa

Observando as fotografias acima, referentes aos desenhos elaborados pelos estudantes participantes da intervenção, destacam-se quatro espaços físicos da escola, o novo parque infantil, a biblioteca, o ginásio e a sala de aula citadas pelo grupo 1 e a sala antiga do Ensino Médio e a sala da Pastoral da Juventude Marista destacada, pelo grupo 2. Estes espaços possuem um significado para os estudantes, conforme comentado anteriormente, são considerados locais para estudos, onde o processo de aprendizagem está presente, bem como vivências e experiências cotidianas.

Neste momento vale ressaltar os escritos dos autores que estão auxiliando e embasando este estudo. Dentre eles, Escolano (2001) aponta a ideia de que os espaços da escola estão associados às vivências e experiências dos estudantes, bem como Pereira (2009, p. 14) aponta que

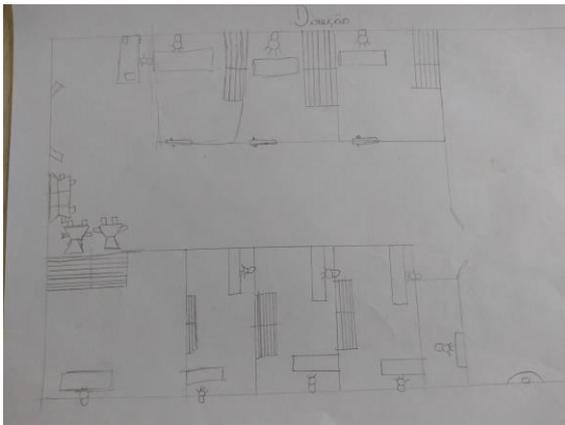
el lugar se entiende no sólo en referencia al objeto de la Geografía, sino que además se entiende como una posibilidad metodológico-analítica para comprenderlo y explicarlo, al mismo tiempo, como una posibilidad de recomponer la interrelación entre los seres humanos y el medio.

Ou seja, os desenhos apresentados acima mostram essa relação do ser humano com o espaço onde ele está inserido, os quais foram escolhidos pelos estudantes por sentirem que ali estavam suas melhores vivências e experiências, em suas relações com o outro e também consigo mesmos.

Também, neste momento da intervenção, foi solicitado que os estudantes desenhassem espaços da escola de que não gostam, ou pelos quais não possuem muito interesse.

A maioria dos respondentes do grupo 1 destacou o campo de futebol da escola e a parte da direção e coordenação de turno, como espaços de que não gostam, ou com os quais não tem uma relação mais afetiva. Neste sentido, seguem abaixo as fotografias 17, 18 e 19, as quais mostram os desenhos elaborados pelos estudantes.

Fotografia 17 – Desenho do espaço da direção Fotografia 18- Desenho do campo de futebol



Fonte: Participantes da pesquisa



Fonte: Participantes da pesquisa

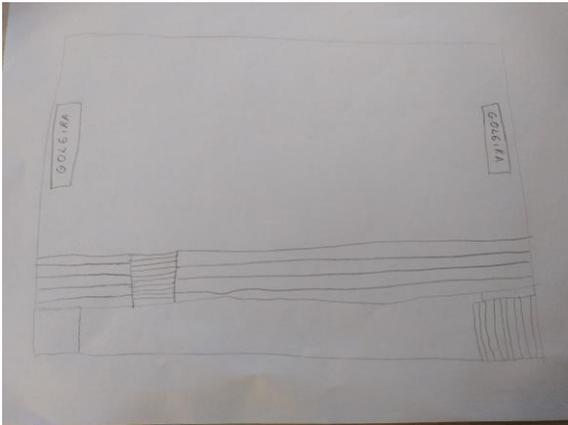
Fotografia 19 – Desenho da sala da coordenação de Turno



Fonte: Participantes da pesquisa

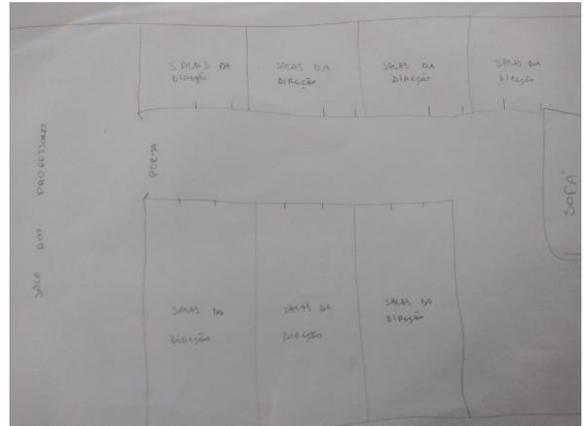
Os estudantes do grupo 2 apontaram espaços, como a direção, o campo de futebol e cantina como locais que não possuem uma relação de proximidade, ou seja, não gostam. Estes espaços foram evidenciados, pois eles não têm muito contato, como a cantina, não costumam comprar lanche, o campo, porque não frequentam e as salas da direção pelo papel de vigia que acabam por representar um lugar proibido, sem muito acesso. Seguem as fotografias 20 e 21, as quais mostram os desenhos dos locais de que os estudantes não gostam.

Fotografia 20 – Desenho do Campo de Futebol



Fonte: Participantes da pesquisa

Fotografia 21 – Sala da direção



Fonte: Participantes da pesquisa

Esses espaços acima foram destacados por eles, pelas seguintes razões: por exemplo, o campo de futebol é um lugar em que realizam poucas atividades, por isso é um lugar de que não gostam muito, segundo a fala dos estudantes, também não possuem muito acesso, desta forma não construíram um sentimento de pertencimento com eles.

Já a sala da coordenação de turno e a direção são espaços de que eles também não gostam, pelo fato de não terem muito acesso, *um lugar mais restrito em que não podemos acessar com liberdade, apenas quando aprontamos algo*, segundo a fala de uma estudante. A fala destacada, remete ao olhar e ao sentimento de punição que estes espaços representam para o estudante.

Desta maneira, ainda se pode dizer que ali está o sentimento relacionado as suas vivências e experiências. Neste caso esses sentimentos não são no sentido positivo, mas fazem parte de sua relação com o espaço físico da escola. Destaca-se aqui uma breve discussão que contribuiu para interpretar este sentimento negativo em relação a esses espaços, o entendimento de Topofobia e Topofilia, sendo que topofobia relaciona-se ao não gostar ou não se sentir bem em determinado lugar e topofilia é o contrário, associa-se a uma relação harmoniosa com determinados lugares, conforme aponta Valdés (2009, p. 62): “Topofilia y Topofobia son los sentimientos que definen dichas prácticas. Éstas prácticas provocan la significación emocional del lugar dentro de la identidad humana”.

Portanto, o que se observou em relação aos desenhos dos estudantes é a presença da topofolia, quando se olha para os espaços de que eles gostam e com os quais possuem uma relação harmoniosa, e a topofobia, que se relaciona com os ambientes com que eles não construíram boas lembranças, ou seja, suas vivências e experiências não foram positivas. Desta forma, pode-se mencionar os escritos de Frago (2001), quando menciona a escola como

um lugar que faz parte da construção de um processo de apropriação, sendo que neste processo evidenciam-se os sentimentos de pertencer ou não.

Ainda, é relevante perceber o quanto os espaços físicos estão relacionados aos sentimentos pela escola, por isso eles se tornam importantes locais de análise e estudo, para que cada vez mais se possa interpretá-los e compreendê-los. Fica evidente, na fala e nos desenhos dos estudantes, o quanto eles são ativos e participativos nos espaços em que estão inseridos, os quais possuem um significado para eles. Neste sentido, evidenciam-se os estudos de Silva, Cristofoli e Zanin (2012, p. 66-7) quando referem a:

a existência dos chamados “cantinhos” ou “locais secretos” no espaço escolar. Sem localização oficial nos projetos arquitetônicos das escolas, eles existem em qualquer uma por causa da ação dos alunos, que fazem da sombra de uma árvore, do trecho de uma escada, do fim do corredor ou de partes recônditas dos banheiros e pátios, lugares para encontrar os amigos, ler, brincar, jogar, “bater um papo”, “matar o tempo”etc.

Isso diz bem como os estudantes se apropriam dos diferentes espaços, sendo que esta apropriação se relaciona com o sentimento que neles despertam estes ambientes, os quais são recheados de significados.

O questionamento cinco buscou perceber se os espaços físicos da escola condizem com suas necessidades. Em sua unanimidade, os estudantes do grupo 1 citaram que *acham que está bom, apenas precisaria ser maior, bem como utilizá-lo melhor, por exemplo usar mais o laboratório de ciências, usar espaços fora da sala para realizar trabalhos*. No segundo grupo, os estudantes destacam que *em alguns espaços sim estão de acordo, mas ainda precisa melhorar, existem os espaços, mas eles precisam ser ampliados, espaços para realizar trabalhos diferenciados, existem espaços, mas muitas vezes não são utilizados*.

A partir desses apontamentos, foi possível inferir que os estudantes compreendem a dinâmica dos espaços de que fazem parte, percebendo sua organização, como também a sua utilização, sendo um ponto de destaque, em que eles evidenciam que necessitam usar outros espaços da escola para terem suas aulas, o que os auxiliará em seu processo de aprendizagem. Essa análise se coaduna com as ideias de Gandini (1999) e Rinaldi (2013), os quais evidenciam os espaços da escola como parte do processo de aprendizagem, ou seja, da educação como um todo, explorando ao máximo a capacidade e a criatividade dos estudantes.

O questionamento seis solicitou que os estudantes refletissem sobre um espaço em que mais gostavam de ficar na hora do intervalo, sendo que aqui tanto o grupo 1 quanto o grupo 2 apontou que *ficar nos corredores é o mais presente, pois é mais calmo*, também evidenciaram

o pátio, pois tem os colegas e para alguns é melhor para lanchar, e na biblioteca as vezes, dependendo as atividades que são realizadas.

Observando as colocações dos estudantes, é pertinente salientar, conforme já mencionado na discussão anterior, as relações construídas nos espaços físicos da escola pelos estudantes, por meio da interação com os ambientes em que estão inseridos. Essa colocação dos escritos de Malaguzzi (2017), menciona a relevância da interação entre o estudante e o seu meio, ou seja, a escola. Ainda pode-se citar Kowaltowski (2011) em relação aos espaços físicos, os quais, segundo a autora, devem ser pensados para o conforto dos estudantes, para que eles possam se sentir bem, criando assim uma relação harmoniosa, tornando-os significativos para ele.

Ceppi e Zini (2013, p. 48) mencionam que a organização dos espaços, além de promover uma melhor interação entre os sujeitos, também proporciona movimentos ligados ao processo de ensino e aprendizagem, ou seja, “ Cada espaço [...] é equipado com materiais que promovem a experimentação”, bem como “[...] estejam abertos e acessíveis às crianças, para que elas possam lá permanecer”.

Em relação à questão sete, a qual buscou saber como eles veem o espaço físico da sala de aula e sua forma de organização, os estudantes do grupo 1 citaram que *a organização é boa, as vezes seria legal organizar em grupos, mas destacam que o individual também é importante, pois se concentram mais. Espaço é bom, o formato da sala as vezes impede uma melhor circulação das pessoas, e em alguns casos o quadro fica na parede ao lado, ou seja, não tem muito espaço para o professor escrever no quadro, e a lousa é pequena. O espaço não é muito aproveitado, atrás da sala sobra um espaço gigante, em algumas salas.*

Ainda, no grupo 1 alguns destacaram que deveria ter alguns elementos presentes na sala, como *mesas diferentes, com pufe, almofadas, um espaço diferente para conversar, dialogar, seria interessante ter mais computadores, mais cores, poderia ter uma sala para cada matéria, e essas salas seriam temáticas, com elementos de cada disciplina e mais armários.*

Já o grupo 2 destacou que *sala de aula, não tem cor, os quadros não são interativos, lugar que precisa ser evoluído, as salas do ano anterior eram melhores tinham mais coisas legais, a mesa é muito pequena, a falta de cortinas mais escuras para tapar mais o sol, é monótona, as vezes triste e falta um mural.*

Observando os apontamentos realizados pelos estudantes no momento da intervenção, destaca-se que eles possuem uma boa percepção em relação ao espaço da sala de aula. Um ponto que chama atenção é o olhar deles diante das dificuldades encontradas em sala de aula,

como exemplo a questão da posição do quadro e do tamanho da lousa, sendo que isso impede, em alguns momentos, o andamento da aula. Outro exemplo relaciona-se à possibilidade de ter presente na sala alguns elementos que poderiam deixar a sala mais confortável, com espaços diferentes e com mais cores, ou seja, mais “viva”.

As observações destacadas pelos estudantes ao analisarem o espaço da sala de aula associam-se aos estudos dos autores citados no referencial, em relação ao espaço, o qual deve ser pensado e organizado para que os sujeitos que o utilizarão se sintam confortáveis e instigados a aprender. Conforme apontam Gandini (1999) e Rinaldi (2013) em suas pesquisas, o espaço deve proporcionar bem-estar a cada indivíduo que ali está inserido, para que as relações e as interações entre estes possam acontecer.

A última questão da intervenção estava direcionada a ouvi-los, no sentido de possuírem abertura para a participação da organização dos espaços físicos da escola, sendo que os estudantes do grupo 1, em sua maioria, apontaram que *tem o momento da avaliação institucional, daí, dá para falar algumas coisas, mas parece que nada do que se escreve lá é realizado*, também na percepção dos alunos *não tem muita abertura, talvez uma pessoa que pudesse conversar sobre isso, ou um lugar para deixar sugestões, por exemplo os espaços novos da escola, não fomos consultado. Em alguns momentos até podemos dizer o que pensamos, mas parece que não somos ouvidos. Achamos importante ter um momento e um espaço para falar sobre isso, discutir e decidir junto o que é melhor*.

Já o grupo 2 destacou que eles *não têm abertura para participação na organização dos espaços físicos da escola. Fizemos apenas com os pequenos, quando construíram o parque novo. Nos sentimos como se não tivéssemos voz, eles (direção) têm que criar o espaço para que isso aconteça. Parece que a escola pensa só no conteúdo, e não é só isso, podemos começar pelo diálogo, ou criar um espaço em que possamos participar, mas que a gente tenha uma resposta, do não e do sim, o porquê não vai acontecer, acreditamos que o espaço físico interfere em nossa aprendizagem*.

Observando as palavras dos estudantes acerca de sua participação na organização e na construção dos espaços físicos da escola, parece que há falta de espaços específicos para que essa participação possa acontecer, a qual, segundo os estudantes, é importante, pois eles querem ser ouvidos sobre o que pensam e o que sentem em relação aos ambientes em que estão inseridos na escola.

A partir desses depoimentos, evidencia-se que a participação dos estudantes no ambiente escolar deve acontecer, para que eles possam se sentir pertencentes a estes locais, sendo que isso influenciará no seu processo de aprendizagem, bem como em suas interações

com o meio. Conforme aponta Rinaldi (2013), a qualidade nas relações entre o indivíduo e o espaço onde ele está inserido é importante, pois um impacta no outro, contribuindo no seu processo de interação.

Neste sentido, é relevante destacar que a construção do protagonismo na escola também se dá pelo fato de proporcionar aos estudantes espaços para que eles possam ser ouvidos, percebendo que sua atuação e participação é importante. Desta forma, cada vez mais, sua autonomia vai sendo construída, impactando no seu processo de aprendizagem. Conforme aponta Costa (2001), o protagonismo dos estudantes só acontece por meio da criação de espaços de participação e de diálogo.

Ainda, Silva (2009) menciona que é importante respeitar o que os estudantes pensam, pois isso contribui para que eles criem laços com o ambiente da escola, tornando-se assim pertencentes a esses lugares, bem como isso potencializa sua autonomia e sua aprendizagem. Outrossim, os estudos de Silva vão ao encontro das pesquisas de Edwards (1999) e Rinaldi (2013), os quais apontam que a participação dos jovens nos espaços da escola fortalece sua interação com o ambiente, tornando-os protagonistas ativos e competentes.

A partir das análises realizadas, destaca-se que os estudantes demonstraram em vários momentos a capacidade de pensar sobre os espaços físicos da escola. Percebeu-se que eles conseguiram apontar vários elementos relacionados às limitações dos espaços, bem como evidenciaram pontos positivos e significativos. Também, em alguns momentos, eles destacaram por meio de suas falas, terem afetividade pelos espaços da escola, apontando suas vivências. Mencionam ainda a necessidade de terem mais abertura para dialogar sobre a organização dos espaços físicos, pois consideram isso um momento importante e de muita aprendizagem.

Sendo assim, na seção a seguir, apresenta-se o projeto da sala de aula pensado pelos estudantes, os quais apontaram elementos relevantes em relação à análise dos espaços físicos da escola.

6.2 MELHORIAS PARA OS ESPAÇOS PROPOSTOS PELOS ESTUDANTES

Este momento associa-se ao objetivo de uma proposta de organização dos espaços físicos da escola elaborada pelos estudantes participantes da pesquisa. A última etapa da intervenção solicitava que os estudantes pensassem em alguns espaços físicos da escola e destacassem como eles gostariam que fossem organizados, bem como citaram elementos que acreditam estar faltando para tornar aquele espaço acessível a todos.

Para nortear a análise do espaço físico da escola, conforme mencionado na metodologia, foram seguidos os estudos de Ceppi e Zini (2013), os quais trazem elementos importantes para pensar os espaços, como a questão dos odores, das cores, do conforto, da iluminação, ou seja, elementos necessários para pensar os espaços. Também buscou-se basear-se nas pesquisas de Kowaltowski (2011, p. 119-120), sendo que a autora menciona em sua análise alguns pontos relevantes a serem observados no momento de uma avaliação do ambiente escolar, os quais são:

Funcionalidade da sala de aula: tipo mobiliário e de equipamentos, comportamento (mobilidade) dos usuários; Funcionalidade de outros espaços internos, biblioteca, laboratórios, salas de música, auditório, quadra de esportes, [...]; Condição de acessibilidade: existência de barreiras físicas, detalhamento de rampas, banheiros para deficientes físicos, piso tátil, sinalização em Braille; Conforto visual: existência de ofuscamento, condições do céu, características das janelas, tipo iluminação natural e artificial, presença de cortinas ou protetores nas janelas, interferências de vegetação perto das aberturas, cores; Conforto térmico: [...] condições de ventilação, existência de mofo, radiação solar refletida, velocidade do ar, temperaturas (seco ou úmido), presença de ventiladores ou ar condicionado; Conforto acústico: condições das aberturas, existência de equipamento de ventilação ligados, ruídos percebidos, níveis sonoros, interferências sonoras de outros espaços, principalmente do pátio e das quadras.

A partir destes elementos os estudantes, tanto do grupo 1 quanto do grupo 2 buscaram analisar alguns espaços físicos da escola, aqueles com que eles mais se identificam, como a sala de aula, o pátio da escola, laboratório e biblioteca, de maneira geral. Seguindo os elementos citados acima, os grupos destacaram o seguinte:

Funcionalidade da sala de aula: os alunos apontaram que em relação à sala de aula as mesas deveriam ter rodinhas, para melhor circulação, com um local adequado para colocar os materiais, um gancho para pendurar as mochilas, pode ser na mesa ou em uma parede, um quadro maior e, em alguns casos, seria interessante um quadro móvel, também as caixas de som precisariam ser atualizadas, bem como tornaria a sala mais confortável se tivesse algumas almofadas com *pufes*, um espaço para leitura, presença de computadores em cada sala, de uma estante com livros para terem acesso aos mesmos à hora que quisessem, diferentes tipos

de plantas e mudar a cor das paredes, colocar uma cor mais vibrante, mas não muito colorido e também poderia ter algumas frases associadas a autores de diferentes disciplinas escritas nas paredes.

Funcionalidade de outros espaços internos como biblioteca, laboratórios, pátio, entre outros, eles citaram que a biblioteca precisaria ser maior, ter mais computadores, mais mesas, mais cabines para estudo, o pátio coberto poderia ser maior, colocar algumas proteções para chuva, o laboratório de ciências seria necessário ampliar, colocar uns bancos mais confortáveis e ser melhor aproveitado, nos corredores seria melhor se tivesse mais bancos para sentar, mais flores e vários tipos de plantas.

Em relação à **condição de acessibilidade** eles perceberam que faltam placas escritas em Braille, mesmo que a escola, neste momento, não tenha estudantes que necessitem, mas poderá ter. Faltariam rampas em algumas salas de aula e para o campo e piso tátil para facilitar o deslocamento. Já em relação ao **conforto visual**, os estudantes apontaram alguns elementos que faltam em relação às salas de aula, ou seja, as janelas precisariam ser mais altas, com cortinas em todas as janelas, para que exista privacidade durante a aula, e mais interruptores de luz para ter um controle melhor da iluminação.

Em relação ao conforto térmico, eles observaram e destacaram que as salas já possuem ar-condicionado, mas precisaria posicioná-los melhor, pois às vezes o vento atinge umas pessoas com mais intensidade do que em outras, precisaria de mais ventilação no banheiro e no laboratório de ciências, colocar uns protetores nas janelas, películas, para proteger mais do sol. Para finalizar a análise, os estudantes apontaram, em relação ao conforto acústico, que, principalmente as salas de aula deveriam ter um melhor isolamento do som, para que não se ouça o que acontece de uma sala para outra.

Portanto, é relevante destacar que a análise realizada pelos estudantes demonstra sua condição de pensar a organização dos espaços físicos da escola em que estes estão inseridos. É interessante observar que eles apontaram elementos que realmente são necessários, não pensando em si próprios, mas em todos os que usam e que poderão vir a usar estes espaços, como é caso das identificações em Braille e piso tátil, por exemplo. Também um ponto importante é a falta que eles sentem de mais plantas, seja nos corredores ou nas salas de aula.

Destaca-se que os espaços citados pelos estudantes no momento da análise são espaços com que eles se identificam mais, por exemplo, a sala de aula em que estão mais presentes, biblioteca, corredores, laboratório de ciências e o pátio, o que mostra que quando se sentem pertencentes aos espaços conseguem ter um olhar mais atento, importando-se com estes ambientes.

Seguem as imagens, em diferentes visões, do projeto arquitetônico de uma sala de aula, elaborado a partir da descrição e análise que os estudantes participantes da pesquisa realizaram. O projeto foi elaborado com o auxílio de um software, o Sketchup Vray 3.6 e também foi necessária a ajuda de um profissional com conhecimento deste programa para auxiliar na montagem.

A imagem 4 mostra uma parte da organização do espaço da sala de aula, sendo que nela se pode observar a presença de uma lousa digital, projetor, ar-condicionado, a disposição das classes em formato de U, uma maneira diferenciada de organizar os alunos, proporcionando uma maior proximidade entre eles. Também se observa a cor da sala em um tom azul mais claro, um espaço específico na parede, com ganchos para pendurar as mochilas e nas mesas a presença de rodinhas para facilitar a movimentação em sala de aula, conforme solicitado pelos estudantes.

Imagem 4- Projeto arquitetônico da sala de aula pensada pelos estudantes



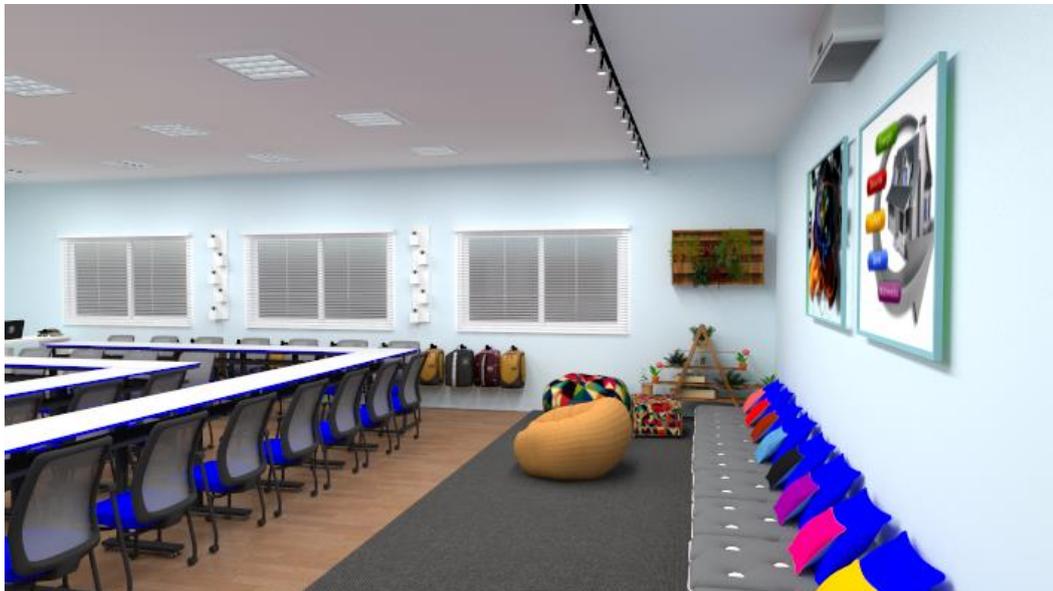
Fonte: A autora

A seguir apresenta-se a imagem 5 e nela pode-se observar a parte do fundo da sala de aula, sendo este um espaço destacado pelos estudantes. Neste sentido, elementos apontados pelos alunos podem ser vistos, como as almofadas coloridas, o pufe, bancos para eles sentarem e utilizarem em momentos de leitura e debates, sendo que esses bancos são palets reutilizados e possuem rodinhas para poder trocá-los de lugar, conforme a necessidade.

Também, na imagem 5, constata-se a presença de um tapete que pode ser usado para sentar durante as atividades, na parede de trás veem-se dois quadros que remetem a algumas temáticas vistas em aula e no canto está presente um jardim suspenso e um suporte de madei-

ra, com flores e folhagens, o qual foi solicitado por eles, pois sentem falta da presença de vegetação na sala.

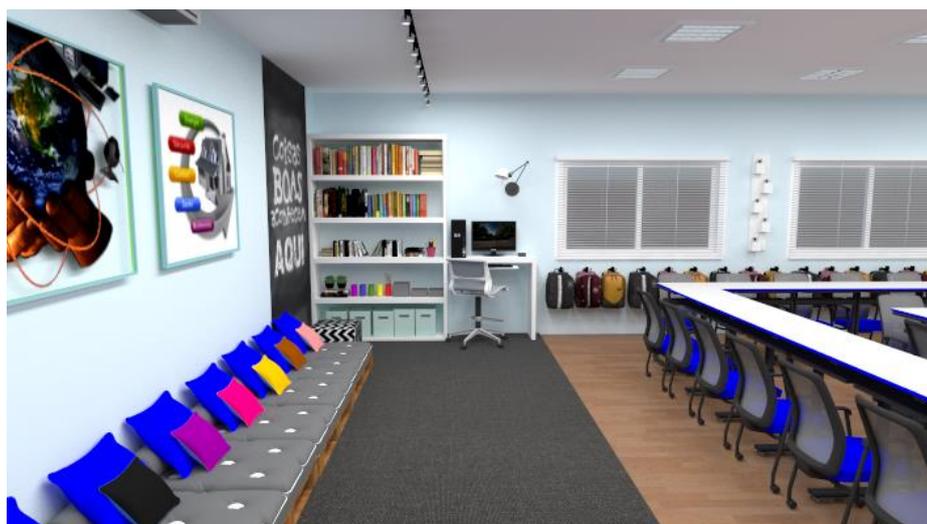
Imagem 5- Projeto arquitetônico da sala de aula pensada pelos estudantes



Fonte: A autora

Ainda em relação ao fundo da sala de aula, na imagem 6, que segue, observa-se uma estante com livros e diferentes porta-objetos, os quais podem servir para colocar diferentes materiais que podem ser usados durante as aulas. Também se encontra ao lado da estante uma mesa com um computador, que pode ser utilizado para pesquisas rápidas durante o desenvolvimento das atividades.

Imagem 6- Projeto arquitetônico da sala de aula pensada pelos estudantes



Fonte: A autora

Na imagem 7, a seguir, um elemento importante aparece, a classe para um estudante com necessidades especiais, algo relevante, pois cada vez mais a acessibilidade deve ser leva-

da em consideração, quando se olha para as escolas. Isso deve cada vez mais fazer parte dos projetos arquitetônicos das instituições de ensino.

Imagem 7- Projeto arquitetônico da sala de aula pensada pelos estudantes



Fonte: A autora

Partindo dessas colocações, destaca-se que as imagens acima foram importantes para se ter uma visão mais concreta da representação da sala de aula pensada pelos estudantes, bem como se pode evidenciar que a forma como os alunos pensaram a organização deste espaço vai ao encontro dos escritos realizados nesta dissertação. Ceppi e Zini (2013) e Kowaltowski (2011), mencionam em suas pesquisas exemplos que puderam ser percebidos aqui, como pensar em um ambiente confortável, aconchegante, interativo, que possa instigá-los e também fazer com eles se sintam bem dentro da sala de aula, tornando as atividades prazerosas, contribuindo desta forma com a construção do seu conhecimento.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como tema “ a organização dos espaços escolares, a partir da participação dos estudantes, tendo como base o olhar da proposta educativa de Reggio Emilia”, sendo que buscou-se conhecer e compreender de que forma os pressupostos de Reggio Emilia proporcionarão que os jovens da Educação Básica participem da organização dos espaços físicos da escola em que estudam.

A pesquisa teve seu início na busca de dados que auxiliassem na construção da resposta da problemática deste trabalho, sendo que cada etapa da metodologia relacionou-se com um dos objetivos específicos, os quais foram determinantes para se chegar a uma resposta final.

Em relação aos espaços físicos da escola em que a pesquisa foi realizada, fica evidente que há um cuidado em pensar sua organização, um exemplo, são os espaços destinados à Educação Infantil, os quais possuem um embasamento teórico que auxilia em sua forma de organização, diferente dos espaços ocupados pelo Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio, em que existem intencionalidades e tentativas de organizá-los de maneira diferenciada, mas ainda não se chegou a uma base mais concreta do que se quer ou de qual a intenção.

Neste sentido torna-se relevante destacar que, por meio da análise do documento normativo da escola, é perceptível o olhar da instituição para com a organização dos espaços, sendo eles físicos ou não, o qual está baseado em teóricos que estudaram e estudam sobre este tema, o que promove uma seriedade e um direcionamento mais concreto por que os espaços estão sendo pensados desta forma.

Ainda, em entrevista com a coordenação pedagógica da escola e a partir da aplicação do questionário aos professores do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio, pôde-se perceber que o espaço físico da escola é importante, quando se pensa no processo de ensino e aprendizagem, bem como se observou que tanto a coordenação quanto os professores acreditam que os estudantes são partes fundamentais no pensar a organização dos espaços da escola, pois isso torna-os mais participativos nas tomadas de decisões.

Também ficou evidenciado, pelas palavras da coordenação e pela maioria dos professores, que os estudantes possuem pouca abertura para participar destes momentos, mas destacaram, principalmente a coordenação pedagógica, que deveriam existir estes espaços, visto que uma das intencionalidades da instituição destacada nos documentos normativos é

promover a participação dos estudantes, tornando-os protagonistas de suas escolhas e de seus locais de atuação.

A análise realizada até o momento vai ao encontro da fala dos estudantes durante a intervenção realizada com eles, sendo que, a partir de seus olhares, ficou evidente a necessidade de participarem da tomada de decisões na escola, principalmente quando se fala dos espaços físicos que frequentam, pois eles conseguiram expressar com certa clareza suas intencionalidades e como gostariam que eles fossem organizados para melhor atendê-los. Na fala deles também ficou perceptível a falta de abertura por parte da escola, para que eles possam ser ouvidos, quando mudanças no espaço físico estiverem acontecendo, bem como propor que mudanças aconteçam com a intencionalidade de melhorar os espaços em que estão inseridos.

Quanto aos objetivos propostos, a construção de uma proposta de organização do espaço físico, a sala de aula foi evidenciada, pelo fato de ser um local em que durante a intervenção os estudantes mais comentaram e reivindicaram várias mudanças. Observando o projeto final, percebe-se que os estudantes possuem condições de pensar a organização de seus próprios espaços, pois eles foram categóricos em suas falas, cuidando detalhes importantes que valorizassem o momento da aula com os professores, respeitando também os limites que o espaço físico da instituição impõe.

A análise dos objetivos realizada acima contribuiu para a resposta do problema de pesquisa, ou seja: De que forma, os pressupostos de Reggio Emilia proporcionarão que os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio participem da organização dos espaços físicos da escola?

Destaca-se que a proposta educativa de Reggio Emilia pode contribuir para fortalecer este laço de diálogo entre equipe diretiva, professores e estudantes. Mesmo que essa proposta tenha um viés apenas voltado para as crianças, ela pode sim contribuir com a forma de organização dos espaços das etapas mais avançadas do ensino, por meio da abertura de espaços de diálogo e escuta, elementos que fundamentam a proposta educativa de Reggio Emilia, a qual vai ao encontro do Projeto Educativo da Instituição em questão, que é a promoção da participação dos jovens, seu protagonismo e construção de sua autonomia.

Portanto, evidencia-se que estudar e conhecer os princípios educativos de Reggio Emilia auxilia no pensar os espaços físicos ocupados pelos estudantes do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio, e o diálogo e a escuta são o caminho para isso, sendo que em sua fala, por muitos momentos, ficou perceptível que eles precisam e gostariam de ser mais ouvidos, ou seja, sentem essa necessidade da escuta. Também se torna relevante destacar, a

partir da pesquisa realizada, que o espaço físico da escola é fundamental para que de fato o processo de ensino e aprendizagem aconteça de maneira significativa, e possibilite a participação dos jovens nestes momentos, aproximando-os cada vez mais, tornando-os partícipes de sua formação e pertencentes ao ambiente escolar.

Assim, percebeu-se a importância de estudar sobre os espaços físicos da escola, para que cada vez mais os educadores possam compreendê-lo em sua inteireza, percebendo que ele não é neutro. Os estudantes possuem total condição de auxiliar em sua forma de organização e estruturação, buscando sempre aproximá-los de uma educação de qualidade, ainda mais visto que hoje o que se vê em muitas escolas é uma precariedade, quando se trata de espaços físicos e recursos educativos, tão relevantes para que a construção do conhecimento dos alunos aconteça de forma mais satisfatória.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO. A. R. **Tempo e espaço no currículo escolar**. 2009. 99.p Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2009. Disponível em:< <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1989>>. Acesso em: jun. 2018.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e bases da educação. Senado Federal, Centro Gráfico, 1996. Disponível em:< <https://www.mpes.mp.br/Arquivos/Anexos/03fe25bf-f2c9-459a-bee2-f00c1b0b2a0e.pdf>>. Acesso em: maio 2018.
- BASTOS. A.B.B.I. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. **Psicólogo informação**. n. 14, p. 160-169, jan./dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-88092010000100010&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 20 mar. 2019
- BUGMANN. M.C. **Um lugar, diferentes visões: estudo sobre o espaço escolar por quem vive a escola**. 2008. 147. p. Dissertação (Mestrado em Educação) Centro de Ciências de Educação da Universidade Regional de Blumenau. 2008. Disponível em:< http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/FURB_2dbad8f2ce940e420afbc3e30127a3e1/Details>. Acesso em: Jun. 2018.
- BURRINGTON. B. Geografia em transformação: Reggio Emilia, memórias e lugar. In: GANDINI. L. et al **O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia**. Tradução: Ronaldo Catalado- Porto Alegre: Penso, 2012. p. 64-74.
- CALLAI. H. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.
- CARVALHOI M. A. A. S; SILVA. A. A D; MELO. P. D. Projeto Espaço Jovem como exercício do protagonismo juvenil. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, p. 224-228, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672017000300016&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: maio 2018.
- CASTELLAR. S.M.V. Lugar de vivência: a cidade e a aprendizagem. In: PEREIRA.M.G. **La espessura del lugar: reflexiones sobre el espacio em el mundo educativo**. Santiago de Chile: La Universidad Academia de Humanismo.2009. cap. 2, p. 37-56.
- CAVALCANTI. L.DE.S. A educação Geográfica e a formação de conceito: A importância do lugar no ensino de Geografia. In: PEREIRA.M.G. **La espessura del lugar: reflexiones sobre el espacio em el mundo educativo**. Santiago de Chile: La Universidad Academia de Humanismo.2009. cap. 4, p. 135-151.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008 (Coleção Sociologia).
- CEPPI. G; ZINI.M. Elementos de projeto. In: **Crianças, espaços, relações como projetar ambientes para educação infantil**. Tradução Patrícia Helena Freitag. – PortoAlegre: Penso, 2013. p. 39-116.

COLÉGIO MARISTA MEDIANEIRA. Histórico. Disponível em: <<http://colegios.redemarista.org.br/medianeira>>. Acesso em: jul. 2018.

COSTA, A.C.G. **A presença da Pedagogia:** teoria e prática da ação sócioeducativa. 2ª ed. São Paulo: Global: Instituto Ayrton Sena, 2001.

_____. **O protagonismo juvenil passo a passo:** um guia para o educador. Belo Horizonte: Universidade, 2001.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999. 320.p

EDWARDS, C. Parceiro, Promotor do Crescimento e Guia – Os Papéis dos Professores de Reggio em Ação. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Org.). **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999. 159-176.p

ESCOLANO, A. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: Escolano, A.; FRAGO, A. V. (Org). **Currículo, espaço e subjetividade:** a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

FERRETTI C.J.; ZIBAS D.M.L.; TARTUCE, G.L.B.P. . **Potagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio.** Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 122, 2004, p. 411-423, maio/ago. Disponível em: <http://ww.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742004000200007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: maio 2018.

FRAGO, A. V. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: Escolano, A.; FRAGO, A. V. (Org). **Currículo, espaço e subjetividade:** a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004

_____. **Conscientização:** teoria e prática da libertação. 3 ed. São Paulo: Centauro, 2005.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GAMBOA, S. S. **Projeto de pesquisa, fundamentos lógicos:** a dialética entre perguntas e respostas. Chapecó: Argos, 2013.

GANDINI, L. Espaços Educacionais e de Envolvimento Pessoal. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Org.). **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.145-158.p

GASKELL, G. Entrevistas Individuais e Grupais. In: BAUER, W.S; GASKELL, G (Org). **Pesquisa qualitativa com texto:** imagem e som: um manual prático.). 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GOMES. R. A Análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. (Org). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 67-80.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

HARTMANN. A. M; ZIMMERMANN.E. Feira de ciências: a interdisciplinaridade e a contextualização em produções de estudantes de ensino médio. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – 7, 2009, Florianópolis. **Anais eletrônicos...Florianópolis**. Disponível em:< <http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/178.pdf>>. Acesso em: Maio. 2018.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 14. ed. rev. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

KOWALTOWSKI. D. C. K. **Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

LEITE. A.C.S.M. **Entre os muros da escola: análise da dimensão subjetiva do espaço escolar**. 2011. 156 p. Tese (Doutorado em Educação: História, Política e Sociedade) Pontifca Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em: Jun. 2018.

LEME. M. I. DA.S. Jerome Bruner: o ensino e suas formas. In: Rego.T.C (Org) et al. Cultura, aprendizagem e desenvolvimento. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: **Revista Educação: Editora Segmento**, 2011. 31- 60.p

LIMA. S. R. A. DE. Mais reflexão, menos informação! In: FAZENDA.I (Org.). **O Que é interdisciplinaridade?** 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2013. 191-206.p

LOIZOS. P. Vídeo, Filme e Fotografia Como Documentos de Pesquisa. In: BAUER. W.S; GASKELL. G (Org). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LOSTADA. L.R; SOUSA. E.G D. EDUCOMUNICAÇÃO E PROTAGONISMO JUVENIL: um novo olhar para a educação. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v.7, n.20, p.140-158, 2016. Disponível em: <<http://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/1233>>. Acesso em: maio 2018.

MACHADO. P.S. Formas de ser o sujeito na educação, sendo protagonista em diferentes sentidos, experiências e horizontes. In: Congresso Internacional Marista de Educação. 5. 2016, Recife/Olinda. **Anais Eletrônicos.... Pernambuco**. Disponível em: <<http://www.congressomarista.com.br/anais-do-congresso-internacional-marista-de-educacao/>>. Aceso em: maio. 2018.

MALAGUZZI.L. História, Idéias e Filosofia Básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Org.). **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.59-104.p

MALAGUZZI. L. **La educacion infantil em Reggio Emilia**. 4º ed. Octaedro, Barcelona, 2017. p. 119.

MANO. G.A.R. **O contexto escolar idealizado por alunos do Ensino Médio:** contribuições para atuação de professores. 2016. 75.p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: < <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em: jun.2018.

MAY. A.M.S. **Espaços escolares:** visão dos estudantes de ensino médio numa escola pública da região do alto Uruguai. 2017. p. 75. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação- Pedagogia) Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1807/1/MAY.pdf>. Acesso em: jun. 2018.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria método e criatividade. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

NASCIMENTO. M.F.P. **A Arquitetura para a educação:** a contribuição do espaço para a formação do estudante. 2012. 154.p. Dissertação (Mestrado área de concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo). FAUUSP, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Arquivos/Downloads/dissertacao_mario%20(1).pdf>. Acesso em: jun. 2018.

NETO. C.O. O trabalho de Campo como descoberta e Criação. In: DESLANDES. F.S; NETO.C.O; GOMES.R; MINAYO. DE.S.M.(Org). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PEREIRA.M.G. **La espessura del lugar:** reflexiones sobre el espacio em el mundo educativo. Santiago de Chile: La Universidad Academia de Humanismo.2009.

RIBEIRO. S. L. Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo. *Sitientibus*. Feira de Santana, n.31, p. 103-118, Jul/dez. 2004. Disponível em: <http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/31/espaco_escolar.pdf>. Acesso em: jun. 2018.

RIBAS JR. F.B. **EDUCAÇÃO E PROTAGONISMO JUVENIL**. Prattein, 2004. Disponível em:< http://prattein.com.br/home/images/stories/230813/Juventude/Educao_Protagonismo.rtf.pdf>. Acesso em: ago. 2018.

RINALDI. C.O ambiente da infância. In: CEPPI. G; ZINI. M (Org) **Crianças, espaços, relações como projetar ambientes para educação infantil**. Tradução Patrícia Helena Freitag. – PortoAlegre: Penso, 2013. p. 122-128.

_____. **Diálogos em Reggio Emilia:** escutar, investigar e aprender. Tradução Vania Cury-6. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SANTOS. C. O; IRIART. M.F.S. Experiências de participação juvenil em uma escola do ensino médio da cidade de Feira de Santana: entre dilemas e contradições. In: Seminário de Iniciação Científica, 12, 2017, Feira de Santana. **Anais eletrônicos...** Feira de Santana. Disponível em: <file:///C:/Users/Arquivos/Downloads/2192-10431-1-PB.pdf>. Acesso em: maio 2018.

SEVERINO. A. J. Teoria e Prática Científica. In: **Metodologia do Trabalho Científico**. 23.ed. ver. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SINGER. H. Pelo protagonismo de estudantes educadores e escolas. In: LOVATO.A; YRULA.C.P; FRANZIN.R (Org). **Protagonismo a potência de ação da comunidade escolar**. 1.ed. – São Paulo, 2017. p. 14-21.

SILVA, I.M.M; CRISTOFOLI, M.S.; ZANIN, N.Z. Contribuições da arquitetura, da psicologia e da política educacional para uma análise do espaço escolar e sua vivência pelos sujeitos. In: ROSA, G. A.; PAIM, M.M.W (Orgs.). **Educação básica: políticas e práticas pedagógicas**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

SILVA. T. G. D. **Protagonismo na adolescência: a escola como espaço e lugar de desenvolvimento humano**. 2009. p. 143. Dissertação (Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

SOUSA. R.M. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. **Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade**, 1(1): 1-28, 2009. Disponível em: <<http://www.observatoriodoen-sinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/02/Protagonismo-juvenil-o-discurso-da-juventude-sem-voz.pdf>>. Acesso em: maio 2018.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez Editora e Autores Associados, 1985.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Projeto Educativo do Brasil Marista: nosso jeito de conceber a Educação Básica. Brasil**. – Brasília: UMBRASIL, 2010. p. 132.

VALDÉS. J. DE.L.G. El lugar em la superación de la adversidade: espacio de vida y resiliência comunitária. In: PEREIRA.M.G. **La espessura del lugar: reflexiones sobre el espacio em el mundo educativo**. Santiago de Chile: La Universidad Academia de Humanismo.2009. cap. 3, p. 57-83.

VIEIRA, E.R. **A reorganização do espaço da sala de educação infantil: uma experiência concreta à luz da Teoria Histórico-Cultural**. 2009. 123 p. Dissertação (Mestrado em Educação: Faculdade de Filosofia e Ciências) Universidade Estadual Paulista Marília, 2009. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/vieira_er_me_mar.pdf>. Acesso em: jun. 2018.

ZABERLAN. M.A.T; BASANI. S.S; ARALDI. M. Organização do espaço e qualidade de vida: e qualidade de vida: pesquisa sobre configuração espacial em uma instituição de educação infantil. **Revista de EDUCAÇÃO**. V. 2, n 4. UNIOESTE, Cascavel. jul./dez. 2007 p. 245-260. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/1668/1355>>. Acesso em: jun. 2018.

APÊNDICE A- Roteiro de entrevista para o coordenador pedagógico

Objetivo desta entrevista semiestruturada é buscar compreender a visão do coordenador pedagógico da escola, em relação ao tema da pesquisa: organização do espaço escolar e protagonismo dos alunos.

Data: ____/____/____

- 1) Há quanto tempo você atua na coordenação pedagógica da escola?
- 2) De que forma você percebe o espaço físico da escola?
- 3) Você acredita que o espaço físico da escola está de acordo com as necessidades dos estudantes que o usufruem? Explique
- 4) Em relação ao protagonismo dos alunos como você percebe, ele acontece?
- 5) De que forma ou que movimentos podem ser realizados para instigar seus alunos a serem protagonistas.
- 6) Você acredita que os estudantes poderiam contribuir para a reorganização dos espaços da escola, já que ele são os que mais usam esses espaços?
- 7) Possibilitar a participação dos alunos em tomadas de decisões, como por exemplo, pensar o espaço físico da escola contribuir para p sua autonomia e protagonismo?

APÊNDICE B- Questionário aplicado aos professores do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio

Objetivo deste questionário é buscar compreender a visão dos professores da escola, em relação ao tema da pesquisa: organização e uso do espaço físico escolar e a participação dos estudantes.

Data: ____/____/____

INFORMAÇÕES BÁSICAS. (Assinale apenas as alternativas apropriadas)

1) Qual sua idade e sexo?

_____ Feminino () Masculino ()

2) Há quanto tempo você trabalha como professor?

Este é meu primeiro ano () 1-3 anos () 4-8 anos () 9-13 anos () 13- 16 anos ()

16-20 ANOS () Mais de 20 anos ()

3) Há quanto tempo você trabalha no Colégio Marista Medianeira?

Este é meu primeiro ano () 1-3 anos () 4-8 anos () 9-13 anos () 13- 16 anos ()

16-20 ANOS () Mais de 20 anos ()

ESPAÇO FÍSICO DA ESCOLA E PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES

4) De que forma você percebe o espaço físico da escola? (Assinale as alternativas que achar importante)

1. Importante para o crescimento e desenvolvimento dos estudantes ().

2. Os espaços físicos da escola devem fazer parte da organização curricular ().

3. Não são importantes, pois apenas são vistos como estruturas físicas ().

4. São importantes, mas a organização curricular deve levar em consideração apenas a estrutura pedagógica ().

Outros. _____

5) Em relação ao espaço físico da escola estar de acordo com as necessidades dos estudantes que o usufruem, assinale as alternativas que achar apropriada.

1. Os espaços físicos da escola atendem as necessidades de deslocamento e convivência dos estudantes ().

2. Os estudantes possuem liberdade de circulação e uso dos diferentes espaços da escola ().
3. Os espaços físicos da escola são utilizados para o desenvolvimento das diferentes atividades, sejam elas pedagógica ou de lazer ().
4. Os estudantes possuem dificuldades para acessar os diferentes espaços da escola, bem como poucas atividades são desenvolvidas, pois os espaços físicos não fornecem o suporte necessário ().

Outros. _____

6) Como você percebe a participação dos alunos na organização dos espaços físicos da escola. Assinale a alternativa ou as alternativas que considera mais apropriada.

1. Os estudantes possuem pouca abertura e incentivo para pensar a forma de organização dos espaços físicos da escola ().
2. Os estudantes são pouco participativos na organização e uso dos espaços físicos da escola, pois não consideram esse fato algo de sua responsabilidade ().
3. Os estudantes participam da organização e dos usos dos espaços físicos da escola de diversas formas, por meio do desenvolvimento de diferentes atividades pensadas por eles e pelos professores e coordenação ().
4. Os estudantes participam da organização dos espaços físicos, são consultados e suas ideias são levadas em consideração ().

Outros: _____

7) Em relação à contribuição dos estudantes na organização dos espaços da escola, já que eles são os que mais usam esses espaços, assinale a alternativa ou as alternativas que achar mais apropriadas.

1. Pensar a organização e o usos dos espaços físicos da escola não é tarefa para os estudantes, pois isso cabe ao corpo diretivo da instituição ().
2. Pensar os espaços físicos da escola também é tarefa dos estudantes, pois eles são as partes mais interessadas, possuindo um papel atuante nesse espaços ().
3. Os estudantes possuem condições para pensar junto com seus professores e coordenação, a organização dos espaços físicos, bem como o seu uso ().

Outros: _____

APÊNDICE C- Roteiro de questões norteadoras para a intervenção com os estudantes

Objetivo deste momento é buscar compreender a visão do dos estudantes, em relação ao tema da pesquisa: organização do espaço escolar e protagonismo dos estudantes.

Data: ____/____/____

- 1) Há quanto tempo vocês estão na escola?
- 2) Qual ano/série vocês se encontram?
- 3) O que vocês percebem dos espaços físicos da escola?
- 4) Quais os espaços da escola vocês mais gostam de frequentar e os que menos gostam? Por quê?
- 5) A forma como os espaços físicos estão organizados condiz com suas necessidades?
- 6) Cite um espaço da escola em que vocês gostam de ficar na hora de intervalo? Por quê?
- 7) Como vocês veem o espaço físico da sala de aula? O que vocês acham da organização desse espaço?
- 8) Vocês tem abertura para participação da organização dos espaços físicos da escola? Em que momentos?

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado Coordenador Pedagógico,

Eu, Aline Nadal, pesquisadora e mestranda do Programa de Pós Graduação Profissional em Educação (Mestrado) pela Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS, Campus Erechim, convido você para participar da minha pesquisa de mestrado, intitulada “O aluno como um protagonista na reorganização dos espaços na escola”. A pesquisa que resultará na dissertação final apresentada tem como objetivo geral “pesquisar e investigar a possibilidade da participação dos alunos do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio na reorganização dos espaços na escola, destacando seu protagonismo e pertencimento a esse lugar”, a pesquisa será desenvolvida por mim e com auxílio de minha orientadora professora Dr^a. Maria Silvia Cristofoli.

A sua participação na pesquisa se dará por meio de entrevista, sendo que as questões estarão relacionadas ao tema e ao objetivo da pesquisa. A entrevista poderá ter o áudio gravado. Os dados coletados da pesquisa serão analisados e divulgados, você não terá sua identidade divulgada. A escolha de sua participação para está pesquisa se justifica pelo fato de sua atuação como coordenador pedagógico na escola em que será realizada a pesquisa, desta forma seu envolvimento com os alunos é de grande valia para o desenvolvimento da pesquisa em questão.

Também alego que o risco em que você será exposto, poderá estar relacionado ao constrangimento durante a entrevista, ou não se sentir a vontade em responder algum questionamento. Se caso isso vir acontecer, você terá todo o apoio necessário emocionalmente e psicologicamente para que não seja prejudicado, como também poderá a qualquer momento se desvincular da pesquisa sem nenhum dano. Outro risco que poderá vir a ocorrer é a possibilidade de sua identificação, visto que você é o único que está exercendo essa função na escola neste momento, isso poderá ser minimizado pois os questionamentos presentes na entrevista não causarão nenhum constrangimento, pois não são de cunho pessoal, mas todo o cuidado será tomado para que isso não aconteça.

Em relação aos benefícios, além da contribuição com a pesquisa, você coordenador pedagógico terá como benefício o fato de poder contribuir para novas discussões no campo da educação, como também estará participando de forma ativa nos debates que permeiam a educação, sendo este um espaço de atuação direta de seu trabalho, como também estará participando de discussões relacionados ao protagonismo dos alunos, podendo ter um novo olhar para com esses estudantes e assim melhorar o seu trabalho na escola em que atua.

O retorno dos resultados da pesquisa ao participante será realizado após toda a conclusão da análise dos dados obtidos, como a pesquisa possui uma intervenção final, a qual conforme descrita no projeto anexado, será a construção de um material com as formas de organização dos espaços na escola, o participante poderá ter acesso a esse material, que será disponibilizado também para a escola, para que possam fazer uso conforme a necessidade e interesse.

Também você não receberá nenhuma remuneração por sua participação na pesquisa. A entrevista será realizada de acordo com sua disponibilidade de horários. Conto com sua colaboração em participar da pesquisa, pois sua contribuição será muito importante.

Para melhores informações, entre em contato com a pesquisadora ou com o Comitê de Ética e Pesquisa. Abaixo segue os endereços:

Aline Nadal
Assinatura do Pesquisador Responsável
Contato profissional com o(a) pesquisador(a)
responsável: Tel: (54) 3321-7099
e-mail: sec.ppgpe@uffs.edu.br

Maria Silvia Cristofoli
Assinatura da Orientadora
Contato profissional com o(a) pesquisador(a)
responsável: Tel: (54) 3321-7099
e-mail: sec.ppgpe@uffs.edu.br

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899 - Chapecó - Santa Catarina – Brasil)

“Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS”: Tel e Fax - (0XX) 49- 2049-3745

E-Mail: cep.uffs@uffs.edu.br

http://www.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2710&Itemid=1101&site=proppg

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899 Chapecó - Santa Catarina – Brasil)

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do (a) participante: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE E- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais e responsáveis**Prezado senhores,**

Eu, Aline Nadal, pesquisadora e mestranda do Programa de Pós Graduação Profissional em Educação (Mestrado) pela Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS, Campus Erechim, convido seu filho(a) para participar da minha pesquisa de mestrado, intitulada “O aluno como um protagonista na reorganização dos espaços na escola”. A pesquisa que resultará na dissertação final apresentada tem como objetivo geral “pesquisar e investigar a possibilidade da participação dos alunos do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio na reorganização dos espaços na escola, destacando seu protagonismo e pertencimento a esse lugar”, a pesquisa será desenvolvida por mim e com auxílio de minha orientadora professora Dr^a. Maria Silvia Cristofoli.

A participação de seu filho(a) na pesquisa se dará por meio de entrevista e discussões em grupos, sendo que as questões estarão relacionadas ao tema e ao objetivo da pesquisa, como também as discussões em grupos estarão associadas a esse tema. A entrevista e as discussões poderão ter seu áudio gravado. Os dados coletados da pesquisa serão analisados e divulgados, mas seu filho(a) terá sua identidade preservada. A escolha de seu filho(a) para a participação desta pesquisa se justifica pelo fato dele estar cursando o Ensino Fundamental anos finais ou Ensino Médio, como também será levado em consideração seu interesse em contribuir com a pesquisa.

Também alego que os risco em que seu filho(a) será exposto poderão estar relacionados a constrangimentos durante a pesquisa, em que ele, por ser uma pesquisa que terá momentos de desenvolvimento em grupo, poderá se sentir constrangido, outro risco que poderá acontecer é se seu filho(a) não souber responder alguma questão no momento da entrevista, como também não se sentir confortável. Se caso isso vir acontecer, tanto o risco do constrangimento quanto o risco de não se sentir confortável, seu filho(a) terá todo o apoio necessário emocionalmente e psicologicamente para que não seja prejudicado, como também ele poderá a qualquer momento se desvincular da pesquisa sem nenhum dano. O seu filho(a) também terá benefícios em participar da pesquisa, isso se dará pelo fato de poderem contribuir para novas discussões no campo da educação, como também estarão participando de forma ativa nos debates que permeiam a educação, sendo este um espaço de atuação de forma direta e indireta dos participantes da pesquisa, já que são seus filhos que estão envolvidos diretamente nesse processo.

O retorno dos resultados da pesquisa aos participantes será realizado após toda a conclusão da análise dos dados obtidos, como a pesquisa possui uma intervenção final, a qual conforme descrita no projeto anexado, será a construção de um material com as formas de organização dos espaços na escola, os participantes poderão ter acesso a esse material, que será disponibilizado também para a escola, para que possam fazer uso conforme a necessidade e interesse.

Também seu filho(a) não receberá nenhuma remuneração por sua participação na pesquisa. A pesquisa será desenvolvida na escola e em turno contrário ao qual seu filho(a) possui aula.

Conto com sua colaboração em autorizar seu filho(a) para participar da pesquisa, pois suas contribuições serão muito importante.

Para melhores informações, entre em contato com a pesquisadora ou com o Comitê de Ética e Pesquisa. Abaixo segue os endereços:

Aline Nadal (Pesquisado/Mestranda). Telefone: (54) 3321-7099. E-mail: sec.ppgpe@uffs.edu.br. Endereço: ERS 135, KM 72, nº 200, Erechim, RS. CEP: 99700-000.

Comitê de Ética e Pesquisa- Universidade Federal da Fronteira Sul- Bloco da Biblioteca, Sala 310, 3º andar, Rodovia SC 484, Km 02. Fronteira Sul, CEP: 89815-899, Chapecó- Santa Catarina, Brasil. E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br, telefone: (49) 2049-3745.

Aline Nadal/ Pesquisadora

Profª. Drª. Maria Silvia Cristofoli.

Eu _____, autorizo meu filho(a) _____, a participar de forma voluntária da pesquisa que será desenvolvida pela pesquisadora e mestranda Aline Nadal, portadora da identidade número, 9096716767, conforme descrita no item acima e tenho ciência dos riscos que ele poderá ser exposto, como também de como esse risco será revertido e de que não será remunerado por sua participação na pesquisa.

Autorizo a participação de meu filho(a) da pesquisa: Sim () Não ()

Assinatura do Pai ou Responsável.

Erechim, ____ de _____ de 201_

APÊNDICE F- Termo de Assentimento para Participantes da pesquisa menores de idade

Eu, Aline Nadal, pesquisadora e mestranda do Programa de Pós Graduação Profissional em Educação (Mestrado) pela Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS, Campus Erechim, convido a você para participar da minha pesquisa de mestrado, intitulada “O aluno como um protagonista na reorganização dos espaços na escola”. A pesquisa que resultará na dissertação final apresentada tem como objetivo geral “pesquisar e investigar a possibilidade da participação dos alunos do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio na reorganização dos espaços na escola, destacando seu protagonismo e pertencimento a esse lugar”, a pesquisa será desenvolvida por mim e pela minha orientadora professora Dr^a. Maria Silvia Cristofoli.

Sua participação na pesquisa se dará por meio de entrevista e discussões em grupos, sendo que as questões estarão relacionadas ao tema e ao objetivo da pesquisa, como também as discussões em grupos. A entrevista e as discussões poderão ter seu áudio gravado. Os dados coletados da pesquisa serão analisados e divulgados, mas você terá sua identidade preservada. Os riscos que você poderá sofrer durante a participação da pesquisa poderá estar relacionado ao constrangimento por ser uma pesquisa que terá momentos em grupos e por algum motivo você não souber ou não se sentir confortável em responder alguma questão presente na entrevista. Se caso isso acontecer você terá o apoio necessário para lhe auxiliá-lo emocionalmente e psicologicamente, como também você terá todo o direito de se desvincular da pesquisa sem nenhum dano.

Você também terá benefícios em participar da pesquisa, isso se dará pelo fato de poderem contribuir para novas discussões no campo da educação, como também estarão participando de forma ativa nos debates que permeiam a educação, sendo este um espaço em que você atua de forma direta e indireta.

O retorno dos resultados da pesquisa será realizado após toda a conclusão da análise dos dados obtidos, como a pesquisa possui uma intervenção final, a qual conforme descrita no projeto anexado, será a construção de um material com as formas de organização dos espaços na escola, os participantes poderão ter acesso a esse material, que será disponibilizado também para a escola, para que possam fazer uso conforme a necessidade e interesse.

Conto com sua participação, pois ela será muito importante.

Se você tiver alguma dúvida entre em contato com:

Aline Nadal (Pesquisadora/Mestranda) endereço pessoal: Telefone: (54) 9 8400-8475. E-mail: alinendl@gmail.com. Endereço profissional: Telefone: (54) 3321-7099. E-mail: sec.ppgpe@uffs.edu.br. Endereço: ERS 135, KM 72, nº 200, Erechim , RS. CEP: 99700-000

Maria Silvia Cristofoli (Orientadora). Telefone: (54) 9 9130-3178. E-mail: mscristofoli@uffs.edu.br. Endereço profissional: Telefone: (54) 3321-7099. E-mail: sec.ppgpe@uffs.edu.br. Endereço: ERS 135, KM 72, nº 200, Erechim , RS. CEP: 99700-000

Comitê de Ética e Pesquisa- Universidade Federal da Fronteira Sul- Bloco da Biblioteca, Sala 310, 3º andar, Rodovia SC 484, Km 02. Fronteira Sul, CEP: 89815-899, Chapecó- Santa Catarina, Brasil. E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br, telefone: (49) 2049-3745.

Aline Nadal/ Pesquisadora

Profª. Drª. Maria Silvia Cristofoli.

Eu _____, aceito participar de forma voluntária da pesquisa que será desenvolvida pela pesquisadora e mestranda Aline Nadal, portadora da identidade número, 9096716767, conforme descrita no item acima e não serei remunerado.

Assinatura do participante da pesquisa.

Erechim, ____ de _____ de 201__.

APÊNDICE G- Termo de Consentimento para uso de voz

Eu, _____ permito que a pesquisadora Aline Nadal realize a gravação de meu áudio durante a entrevista/ participação da intervenção, na coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado “Os alunos como protagonistas na reorganização dos espaços na escola”, o qual será realizado no próprio instituição de ensino a qual faço parte.

Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a **minha entrevista/participação da intervenção**, possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém tenho ciência de que minha identidade será preservada. As gravações ficarão sob a propriedade da pesquisadora Aline Nadal.

Assinatura do Participante da Pesquisa:

Aline Nadal e Rubrica do pesquisador responsável

_____, ____ de _____, ____

Local e data